00042724

BOMBAY BRANCH
OF THE
ROYAL ASIATIC SOCIETY.
TOWN HALL, BOMBAY.

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 15 June, 2016

DA ASIA
DE
DIOGO DE COUTO

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM NA CONQUISTA, E DESCUBRIMENTO DAS TERRAS, E MARES DO ORIENTE.

DECADA NONA.

Vol 9

LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO M. DCC. LXXXVI.
Com licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.

42724

00042724

INDICE
DOS CAPITULOS, QUE SE CONTEM
NESTA
DECADA IX.

CAP. I. *Da separação que ElRey fez de todo o Estado da India, dividindo-o em tres governos; D. Antonio de Noronha foi eleito Viso-Rey da India desde o Cabo de Guardafú do Estreito de Méca até Ceilão; Francisco Barreto por Governador do Cabo das Correntes até o de Guardafú; e Antonio Moniz Barreto por Governador desde Pegú até á China; e de como chegou D. Antonio de Noronha a Goa, e estado em que achou a guerra.* Pag. 1.

CAP. II. *Do que succêdeo em Chalé, depois de D. Diogo a soccorrer: e de como se entregou a Fortaleza a partido.* 6.

CAP. III. *Da Armada com que D. Diogo de Menezes partio de Goa: e do que fez depois de achar novas que a Fortaleza estava entregue.* 10.

CAP. IV. *Do que promettêram os Procuradores do Idalxá.* 17.

CAP. V. *Do que o Viso-Rey prometteo.* 19.

CAP.

CAP. VI. *Do que este verão aconteceo a D. Diogo de Menezes em Malaca.* 21.
CAP. VII. *Do presente que o Viso-Rey D. Antonio de Noronha mandou ao Idalxá.* 25.
CAP. VIII. *Da grande vitoria, que Gonsalo Pereira alcançou de ElRey de Maluco.* 39.
CAP. IX. *Do soccorro que D. Leoniz Pereira Capitão de Malaca mandou a Maluco.* 41.
CAP. X. *Da mudança da Fortaleza de Amboino pera o lugar da Cova.* 44.
CAP. XI. *Das cousas que passáram entre o Viso-Rey D. Antonio de Noronha, e Antonio Moniz Barreto, Governador de Malaca.* 49.
CAP. XII. *Das cousas que succedêram em Maluco.* 57.
CAP. XIII. *Torna a continuar as cousas da India, e as Armadas que o Viso-Rey lançou fóra: e de como o Mogor se senhoreou do rio de Cambaya.* 63.
CAP. XIV. *Vai D. Henrique de Menezes ao Norte, toma duas náos de Méca, e perdem-se com tormenta.* 95.
CAP. XV. *Manda ElRey desapossar do governo a D. Antonio de Noronha.* 105.
CAP. XVI. *De como succedeo na governança de Malaca D. Leoniz Pereira.* 111.

CAP.

CAP. XVII. *Das cousas que succedêram em Malaca neste tempo: e do cerco que os vizinhos puzeram áquella Fortaleza.* 121.
CAP. XVIII. *Entra o tempo do governo de Antonio Moniz Barreto, que he o da minha nona Decada.* 131.
CAP. XIX. *Da carta do Secretario do Estado a Christovão do Couto, que estava retheudo na Corte do Idalxá.* 134.
CAP. XX. *Francisco Barreto eleito Governador pera a Conquista das Minas do Reyno de Manomotapa.* 151.
CAP. XXI. *Parte Francisco Barreto pera a Conquista das Minas: e da descripção de toda a Costa do Cabo Delgado até o Cabo das Correntes, e do Reyno de Manomotapa, e das Minas de Butuá, e Manicá.* 164.
CAP. XXII. *Das terras que possue o Manomotapa: e dos lugares a que os Portuguezes vam fazer suas feiras, por commutação de roupas, e conta com ouro.* 167.
CAP. XXIII. *Do que succedeo a Francisco Barreto nesta Conquista, e a ordem que teve em caminhar pela terra dentro.* 173.
CAP. XXIV. *Do que succedeo ao Governador Vasco Fernandes Homem depois que to-*

tomou posse : e como se partio pera as Minas de Manichás. 204.
CAP. XXV. *Da grandeza do Reyno do Manomotapa, e de como se dividio.* 212.
CAP. XXVI. *Das cousas que neste tempo succedêram sobre o cativeiro de D. Henrique de Menezes.* 215.
CAP. XXVII. *Dos Embaixadores do Idalxá que foram a Goa : e da Armada que a Rainha de Japará mandou sobre Malaca.* 224.
CAP. XXVIII. *Das cousas que succedêram neste tempo na India.* 246.
CAP. XXIX. *Chegão novas ao Governador dos trabalhos em que ficava Malaca : das prevenções que fez, e soccorro que lhe mandou.* 250.
CAP. XXX. *Vai Sancho de Vasconcellos cercar o lugar de Hiamão, e o que lhe succedeo.* 265.
CAP. XXXI. *De como se perdeo o galeão de Belchior Botelho, que hia pera Maluco, e onde.* 279.
CAP. XXXII. *Do que neste tempo succedeo na India.* 290.

DECADA NONA.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

Da separação que ElRey fez de todo o Estado da India, dividindo-o em tres governos; D. Antonio de Noronha foi eleito Viso-Rey da India desde o Cabo de Guardafú do Estreito de Méca até Ceilão; Francisco Barreto por Governador do Cabo das Correntes até o de Guardafú; e Antonio Moniz Barreto por Governador desde Pegú até á China; e de como chegou D. Antonio de Noronha a Goa, e estado em que achou a guerra.

COMO ElRey tinha ordenado que a Governança da India fosse triennal, e D. Luiz de Ataíde, que nella estava, cumpria o seu triennio, ordenou ElRey D. Sebastião de prover á India de novo Viso-Rey; e porque o Imperio Orien-

tal eſtava mui dilatado, e eſpalhado por climas mui remotos, a que hum ſó Viſo-Rey não podia acudir, quiz dividir o Eſtado em tres partes, como já ElRey ſeu avô fez no anno de .... e declarou ſua tenção a D. Antonio de Noronha, que elegeo por Viſo-Rey neſte Janeiro de 1571. e lhe mandou fazer preſtes ſinco náos, como ſe verá na primeira Parte do meu Epilogo, indo o Governador de Malaca Antonio Moniz na náo Belém na ſua companhia debaixo de ſua bandeira até chegar á India, a qual Armada teve tão boa viagem, que todas as náos juntas em ſeis de Setembro deſte anno em que andamos, chegáram á barra de Goa, eſtando o Viſo-Rey D. Luiz de Ataíde no paſſo de Sant-Iago continuando com a guerra, o qual tanto que ſoube de ſua chegada, ſe partio pera Goa, deixando todos os Capitães nos paſſos, e Armadas nos rios, e fez logo entrega do Eſtado ao Viſo-Rey, e ſe foi pera Pangi, ou pera os Reys Magos.

Já neſte tempo eſtava o Idalxá enfadado da guerra; e vendo novo Viſo-Rey com tão poderoſa Armada, logo ſe affaſtou, e recolheo ſeu campo, deixando em ſeu lugar dous Capitães ſeus de grande confiança, e Melique Xaramir com poderes muito baſtantes pera tratarem de pazes com o

Viſo-Rey; o qual tanto que tomou poſſe, foi logo viſitar os paſſos da Ilha, e provellos de novos Capitães, e recolheo os outros pera irem deſcançar dos trabalhos da guerra, e deixou nelles menos gente, por ſaber ſer o Idalxá já recolhido; e pela meſma maneira viſitou os armazens das munições, e mantimentos; e porque em Goa já não havia arroz, nem trigo, ſenão o que havia nos armazens, dos quaes o Viſo-Rey D. Luiz de Ataíde em todo eſte tempo de inverno ſuſtentou todo o povo, vendendo-lhos em preços moderados, pelo que ſe gaſtou tanta quantidade, que valia o candil de trigo a oitenta xerafins, que são mais de vinte mil reis, e o candil de arroz a vinte e ſinco, e a trinta; e o que eſtava nos armazens, era já muito pouco, e de fóra não podiam vir mantimentos alguns ſenão no fim do verão; e querendo pôr muito cobro naquelles que havia, me mandou chamar, porque tinha vindo com elle na ſua náo bem deſpachado, e me encarregou daquelle armazem com muitas mercês, e ventagens, dizendo-me publicamente que ſó delle, e de mim fiava aquelle negocio pela neceſſidade que de tudo havia; e por fóra em toda a Cidade não havia hum grão de trigo, nem quem comeſſe pão, ſenão algumas peſſoas ricas,

que o puderam guardar; e chegou o negocio a tanto extremo, que me mandou o Viſo-Rey chamar, e na ſua camera muito em ſegredo me pedio empreſtadas dez mãos de trigo pera ſeu comer, e que de noite ſem ſe ver o entregaſſe a huma peſſoa ſua de recado. Deixemos agora iſto neſte eſtado por continuarmos com D. Diogo de Menezes, que deixámos partido de Chalé.

Informado o Viſo-Rey das couſas de Chalé, e aperto em que eſtava, a primeira couſa em que poz a mão foi em mandar mais Armada a D. Diogo pera poder ſoccorrer Chalé mais folgadamente; e aſſim tirou dos rios duas galés, e quatro fuſtas, de que elegeo por Capitão mór Franciſco de Souſa Tavares o Manco, que partio de Goa a 27. de Setembro, elle em huma galé, e Pedro Homem da Silva filho de Vaſco Fernandes Homem na outra; nas fuſtas João Franciſco Peſſoa, Martim de Vaſconcellos, D. Antonio de Caſtro, e Vaſco Fernandes Pimentel; e em ſua companhia mandou hum galeão, de que hia por Capitão Pedralves de Faria com muitos mantimentos, que lhe eu dei dos que havia, muitas munições, e outras couſas neceſſarias. Partida eſta Armada, entrou o Viſo-Rey no apercebimento de outra pera tornar a mandar a D. Diogo, pera que por fal-

falta de diligencia, e soccorro não perecesse aquella fortaleza, a qual constava de outras duas galés, e mais tres fustas, em que mandou embarcar duzentos e quarenta homens; nas galés D. Fernando Capitão mór hia em huma, e Martim Affonso de Mello o Pombeiro em outra; nas fustas Francisco da Silva de Menezes, que viera aquelle anno do Reino, Pedro Furtado de Mendoça, e Gaspar de Sá, cuido que era filho de Gaspar Fernandes de Ribafria, Porteiro da Camera de ElRey D. João; em quanto esta Armada se faz prestes, continuaremos com D. Diogo de Menezes.

Partido D. Diogo de Menezes de Chalé, foi seguindo seu caminho pera Goa á mór pressa que pode, e no caminho encontrou Francisco de Sousa Tavares, que com sua Armada hia em busca delle; e vendo que não era então necessario, porque havia de voltar, o deixou na costa do Canará pera recolher as cafilas de mantimentos, e levallas a Goa, aonde D. Diogo chegou dahi a dous dias, estando já D. Fernando de Monroy prestes pera se partir em busca delle; pelo que o Viso-Rey o despedio com a Armada que tinha pera o Norte, porque era necessario acudir áquella costa, e levar a Goa as cafilas de mantimentos que lá houvesse pela necessidade que delles ha-

havia, e D. Diogo ſe ficou negociando pera tornar a voltar com novo ſoccorro a Chalé.

CAPITULO II.

Do que ſuccedeo em Chalé, depois de D. Diogo a ſoccorrer: e de como ſe entregou a Fortaleza a partido.

SAhido D. Diogo de Menezes de Chalé, bem entendeo o Çamori que havia de voltar com maior poder pera ſoccorrer aquella Fortaleza; pelo que determinou de a apertar de feição, que ou a tomaſſe por força, ou ſe lhe entregaſſe por vontade, que já tomára iſto por opinião, e aſſim foi continuando com a bateria com maior furia, e importunação por quebrantar os noſſos que ſe defendiam o melhor que ſer podia; mas como os mantimentos que lhe mettêram, ou que elles recolhêram, foram os que já diſſe atrás, que eram pera quinze dias a meia medida de arroz por dia a cada peſſoa, porque no recolher houve tanta deſordem que ſe refundio quaſi ametade, começáram aos oito, ou dez dias a faltar mantimentos, e foi neceſſario a D. Jorge deſpejar a Fortaleza de muita gente inutil que nella havia; e aſſim lançou fóra mais de quarenta peſſoas, que ſe foram fazer al-

gans

guns delles Mouros, e os outros matáram os inimigos, e alguns morrêram de enfermidades, e nem com efte defpejo deixou de haver grandes neceffidades; e chegáram os homens a tanto extremo, que antes fe queriam entregar aos inimigos, que morrerem affim naquella defconfolação: e a mim me diffe Cuftodio Mendes de Vafconcellos, que era hum dos Fidalgos que já diffe que entráram dentro, que eftando hum dia em huma bombardeira já quafi defefperado, víra em baixo hum cão, e deitando-lhe de fima huma pedra grande fobre elle, o matára, e fe deitára por huma corda abaixo ajudado de feu irmão, e fora recolher o cão a rifco de os Mouros o matarem, do qual ambos comêram dous dias; e chegáram em fim a tal extremo, que compadecendo-fe delles o Rey de Tanor, que era muito noffo amigo, e tambem chamava a D. Jorge pai, mandou tratar com elle de fe entregarem a elle que os tomaria fobre fi, e que largaffe a Fortaleza ao Çamori, e devia de fer ifto por induftria, e ordem do mefmo Çamori: alguns dizem que D. Jorge fe fora de noite ver com grande fegredo com o Çamori, porque na verdade eram muito amigos. Eftas práticas, e recados do Rey de Tanor poz o Capitão em confelho dos Fidalgos, e gente

te principal, não lhe propondo mais que o estado em que se elles viam, e que conforme a elle, votassem livremente o que lhe parecesse, de que mandou fazer hum termo pera se tomarem os votos por escrito, em que se elles haviam de assignar: em fim debatido o negocio, os mais votáram que se deviam entregar ao Rey de Tanor, que era muito amigo dos Portuguezes, o qual segurava as pessoas de todos, porque do mal sempre se havia de escolher o menor, e que no mundo não era cousa nova entregarem-se differentes Fortalezas a partidos com menos razões das que elles tinham. Verdade seja que as mulheres como tão fracas, e mimosas, e soffriam mal a fome, e os riscos da vida, apertáram este negocio rijamente; e D. Jorge, que era muito sujeito a D. Filippa sua mulher, trabalhou por lhe fazer a vontade, que esta só culpa teve o pobre velho. Feito o termo, os que foram de parecer que se entregassem ao Rey de Tanor, assignáram nelle; outros, que foram de contraria opinião, não quizeram assignar por nenhum caso: e eu vi huma certidão, que passou Vasco Fernandes Pimentel a Francisco de Sousa Pereira Camelo, que fez aquella entrada que disse em Chalé, em que dizia que não assignára na entrega da Fortaleza, antes elle, e os da contra-

trario bando a reclamáram muitas vezes. Concluida a entrega, deo-se recado ao Rey de Tanor, que fez com o Çamori que affastasse seu campo; e sahindo-se todos, e o pobre velho D. Jorge com a mulher pela mão derramando grande cópia de lagrimas por suas venerandas cans, e o mesmo as mulheres, em todos os mais não faltou sentimento; mas consolavam-se com verem que pera salvarem as vidas lhes fora assim necessario fazer-se esta entrega, que foi a primeira que se fez na India aos quatro dias do mez de Novembro deste anno de 1571. em que andamos. O Rey de Tanor levou toda esta gente pera a sua Cidade, aonde a teve até chegar D. Diogo de Menezes, como logo diremos; e o Çamori tomou logo entrega da Fortaleza com toda a sua artilheria, e mandou arrazar por terra a Fortaleza, sem disso se tomar nunca satisfação, antes lhe fizeram pazes livremente, sem obrigação de tornar a entregar a Fortaleza, ou lugar pera ella no mesmo sitio; mas houve muitos Capitães de parecer que por credito do Estado não convinha tornar-se a levantar Fortaleza sobre as ruinas da nossa que já alli esteve; e por esta razão, quando em tempo do Viso-Rey D. Duarte de Menezes (como ao diante com o favor de Deos diremos) concedia fazer-

se

ſe huma Fortaleza em qualquer de ſeus portos que quizeſſem, pareceo bem fazer-ſe no rio de Penané, como fez, que tambem ſe largou pelos reſpeitos que ao diante diremos.

CAPITULO III.

Da Armada com que D. Diogo de Menezes partio de Goa: e do que fez depois de achar novas que a Fortaleza eſtava entregue.

CHegou D. Diogo a Goa em doze de Outubro, e deo relação ao Viſo-Rey D. Antonio de Noronha do eſtado em que eſtava a Fortaleza de Chalé, e que era neceſſario ſoccorrella, porque lhe não puderam metter mantimento pera mais que trinta e ſinco dias, e que D. Jorge de Caſtro lhe eſcreveo tambem o riſco em que ficava, ao Viſo-Rey, dando-lhe conta que do mantimento que D. Diogo deixára á porta da Fortaleza ſe não recolhêra nem ametade, porque parte leváram os Mouros, e parte ſe refundio ao metter na Fortaleza, pedindo com o maior encarecimento que pode o mandaſſe ſoccorrer, ſenão que correria aquella Fortaleza o riſco que correſſe: com o que logo o Viſo-Rey ſe foi pôr na ribeira das Armadas, e mandou dar muita preſ-

preſſa a todos os navios, e galés que havia pera poderem ir naquella jornada, e aſſim pagou á ſoldadeſca que havia de ir naquelle ſoccorro, e foi em peſſoa correr os armazens dos mantimentos, e munições, andando muito enfermo de tericia que parecia hum homem morto, e com tudo da ſua parte fez tudo o que hum muito são, e bem diſpoſto Viſo-Rey pudera fazer; e deo a D. Diogo de Menezes toda a preſſa que pode pera que logo ſe partiſſe; e lembra-me, que eſtando o Viſo-Rey no armazem da polvora, me mandou chamar por eu ter o dos mantimentos a meu cargo, e me diſſe, que do trigo que tiveſſe mandaſſe fazer muito biſcouto pera aquella jornada; e eſtando-me encommendando iſto, entrou D. Diogo de Menezes; e o Viſo-Rey ſem ſe levantar ſe deſcompoz, dizendo-lhe que ſe embarcaſſe logo, e que foſſe ſoccorrer a Fortaleza de ElRey; ao que D. Diogo reſpondeo, que elle eſtava preſtes, pera tanto que lhe deſſem mantimentos. Por mantimentos eſperais? Logo ſe vos darão, lhe tornou o Viſo-Rey, logo ſe vos darão; mas quando os não houver, ide, Senhor, comendo os remos da voſſa galé, e idevos, que deſta maneira ſe ſoccorrem as Fortalezas que eſtam no riſco em que aquella fica. D. Diogo que o vio apaixonado, lhe re-

respondeo que logo se hia embarcar; e assim se foi á ribeira das Armadas a mandar lançar os navios ao mar, e concertar as galés dos damnificamentos que tiveram na entrada de Chalé; e por muita pressa que se deo, não pode sahir de Goa senão aos quatro de Novembro, parecendo-lhe que até chegar a Chalé poderia haver mantimentos pera se sustentarem, como pudera haver, se tivesse nelles ordem, e regimento, que tudo faltou; porque como D. Jorge era de oitenta annos, sua mulher governava tudo, e suas criadas, e negras gastavam largo, porque lhes dava de tudo assim como lhe importava; e a mim me contáram algumas pessoas que se achâram no cerco, que hum dia antes que se entregassem, mandára huma escrava de D. Filippa huma gallinha em bringe a hum soldado com quem andava; e onde havia esta gallinha, e este arroz, havia de haver mais, porque ninguem dá o de que precisamente necessita pera viver, e não podia esgotar por alli tudo: em fim em todas as partes houve descuidos pera esta Fortaleza se vir a perder, e o de todos pagou só o pobre velho D. Jorge, como ao diante veremos.

Sahio D. Diogo de Menezes de Goa, como hia dizendo, em quatro de Novembro com quatro galés, de que a fóra elle
eram

eram Capitães, Mathias de Albuquerque, D. Antonio de Menezes o Cantanhede, e Diogo de Azambuja. Levou mais trinta fustas, cujos Capitães foram os seguintes: D. Lourenço de Almeida, D. João de Sousa, D. Antonio de Sousa, D. Luiz de Menezes, D. Manoel Pereira, filho de D. Antonio Pereira, D. Antonio de Castro, D. Diogo de Castro, D. Pedro Coutinho, Gaspar de Brito, Francisco de Miranda o Velho, Manoel de Miranda, Vasco Fernandes Pimentel, Pedro de Anhaya, Fernão de Albuquerque, Pedro Gomes da Silva, Ruy Pereira, Francisco Pessoa, Manoel Fernandes de Manás, Henrique Barbosa da Silva, Lopo Pereira, Antonio Fernandes de Chalé, Pedro Rodrigues Malavar, Francisco Foz Malavar, Martim de Vasconcellos, Mattheus Delgado Feitor da Armada, e Christovão do Amaral Capitão de huma barcaça. Com toda esta Armada, em que iriam cousa de mil e quinhentos soldados, se fez á véla com muita pressa, sem se deter em parte alguma; e chegando a Cananor, soube como a Fortaleza de Chalé se entregára a partido no mesmo dia que elle sahio de Goa, o que sentio em extremo; e apressando-se, chegou a Tanor, onde surgio, e mandou grandes agradecimentos áquelle Rey do favor, e amizade que usá-

usára com os nossos Portuguezes, e no recolhimento que lhes fizera; e mandou recado a D. Jorge, e a todos que se embarcassem na Armada pera os levar a Cóchim, o que elles logo fizeram, mandando a Mathias de Albuquerque que recolhesse na sua galé a D. Jorge, e a sua mulher D. Filippa, e a gente de sua casa, e os Religiosos de S. Domingos que lá residiam, que recolhêram comsigo os ornamentos, e cousas sagradas, e recolheo perto de duzentas pessoas, e os Fidalgos, e mais gente se repartíram pela Armada; e ao segundo dia em que partíram chegáram a Cóchim, donde despedio Duarte de Albuquerque por Capitão mór do Cabo Çamori com a sua galé, e nove navios pera recolher as cafilas dos mantimentos daquellas partes, e as levar a Goa, e o Capitão mór ficou correndo a costa do Malavar, e ao diante daremos razão do que a hum, e outro succedeo.

Partido D. Diogo de Menezes pera o Malavar, logo o Viso-Rey despedio D. Fernando de Monroy com a sua Armada, que já estava provído de tudo, pera que fosse pela costa do Norte recolher a cafila dos mantimentos, e mandou que o Feitor de Baçaim lhe comprasse todo o arroz que achasse pera os armazens de Goa, o dito

to D. Fernando partio de Goa em dezeſeis de Outubro deſte anno de ſetenta e hum, com o qual tambem depois continuaremos.

Partido D. Fernando de Monroy de Goa, logo o Viſo-Rey fez partir a Nuno Alvares Carneiro, que acabou de ſer Secretario, a Ormuz em huma náo por Veador dà fazenda pera mandar de lá todo o trigo que pudeſſe, porque o Reino de Cambaya, donde coſtumava vir, andava revolto em guerras, das quaes logo darei razão; e juntamente deſpedio Franciſco de Souſa Tavares pera a meſma coſta do Canará, donde tinha vindo, e levou duas galés, huma em que elle hia, e na outra Chriſtovão Zuzarte, e duas fuſtas, em que foram João Barriga Simões, e Pedro Zuzarte, na qual coſta andou até Abril, em que recolheo duas cafilas de mantimentos, com que a Cidade de Goa começou a levantar cabeça: neſta companhia foi Ruy Gonſalves da Camera entrar na Capitanía de Barcelor, de que eſtava provído.

Partidas eſtas Armadas, tratou o Viſo-Rey o negocio das pazes, ſobre que os Vereadores lhe fizeram lembrança pela grande falta que havia de tudo, e porque tambem apertavam por ellas os Procuradores do Idalxá, que eſtavam da outra banda; e fazendo o Viſo-Rey ſobre eſte particular al-

gu-

gumas juntas de Fidalgos, e Capitães, assentáram todos que era justo concederem-se-lhes as pazes com condições honrosas ao Estado, com a qual resolução se mandou recado a Mojatecão Governador geral dos Reinos do Idalxá, pera que mandasse Procuradores com Procurações bastantes que lhe deixou ElRey, e os poderes que lhe ficáram pera poder assentar as pazes com o Estado, o qual logo mandou tudo por Melique Xamir, e Xamerado, que foram em Goa bem recebidos, e agazalhados; e fazendo o Viso-Rey conselho geral, foram nelle estes homens ouvidos, e mostráram as Procurações que traziam do Noradecão, e os poderes que o Idalxá lhe deixou, os quaes houveram por authenticos: pelo que assentáram que os Procuradores do Idalxá fizessem apontamentos do que pediam, e que o Capitão da Cidade, Védores da fazenda, e outros adjuntos fizessem outros por parte do Estado; e apresentados huns, e outros em conselho, e praticados os pontos delles muito devagar, se concluiriam as pazes com estas condições, o que tudo succedeo em treze de Dezembro de 1571.

CA-

CAPITULO IV.

Do que promettêram os Procuradores do Idalxá.

» PRimeiramente que as terras de Sal» sete, e Bardés, que eram de ElRey » de Portugal, de que o Estado da India » estava de posse, ficariam ao Estado; as» sim, e da maneira que as possuia até vir » recado de Portugal do que nisso se faria; » e quando não viesse resposta, sería obri» gado o Idalxá a mandar ao Reino seu Em» baixador, a quem o Viso-Rey daria pera » isso livre passagem.

» Que assim aos mercadores da ribeira, » como aos mais Contratadores da Cidade » de Goa, que fossem ás terras do Idalxá » comprar madeira, taboado, carnes, man» timentos, e outras quaesquer cousas, lhes » não levariam mais direitos dos que esta» vam em costume antigo, e lhes não fa» riam nenhuns desaguizados, e que se pas» sariam pera isso Chapas do Idalxá pera » os Tanadares, e Capitães de suas terras.

» Que todos os Portuguezes, que de Goa » fossem fugidos, ou de outra qualquer ma» neira, pera as terras do Idalxá, que nem » elles, nem seus Capitães os recolheriam; » nem lhes dariam lugar, nem muxára, an-

» tes os lançariam fóra, pera que se tornas-
» sem pera nossas Fortalezas.

» Que vindo quaesquer Armadas de ini-
» migos sobre nós, assim por mar, como por
» terra, que o dito Idalxá, e seus Capitães
» as não recolheriam, nem lhes dariam lu-
» gar, nem muxára, e os lançariam de suas
» terras, como a seus proprios inimigos,
» e nessa conta os teriam, e os persegui-
» riam até se sahirem de seus portos.

» Que os marinheiros, que fossem neces-
» sarios pera as Armadas de ElRey nosso
» Senhor, e pera os navios, e náos dos Por-
» tuguezes, não lhes seriam tolhidos, e os
» não impediriam a passar pera as nossas
» terras das do Idalxá, como sempre fize-
» ram.

» Que havendo algumas brigas, ou con-
» tendas entre alguns Lascarins Mouros, e
» os Portuguezes, ou estes com os seus Las-
» carins, que nem por isso sería quebrada
» esta amizade, e contrato, e que os ag-
» gressores seriam castigados de huma, e
» outra parte.

» Que todos os escravos, e escravas dos
» moradores de Goa que fugissem, e fossem
» ter ás mãos do Capitão de Pondá, e seus
» Tanadares, seriam obrigados a tornallos
» a seus donos, salvo fazendo-se Mouros,
» porque em tal caso seriam vendidos, e o

» di-

» dinheiro delles se daria a seus donos ; e
» porém por quanto os Cafres , e nobres
» eram escravos de preço , e em Pondá não
» haveria quem os comprasse , como elles va-
» lem , que ao menos se daria por cada hum
» vinte pardaos de ouro , tornando-se Mou-
» rós , e isto se faria de ambas as partes ;
» e da nossa os que se tornassem Christãos ,
» se faria o mesmo que aos nossos » e outras cousas, que não são de tanta substancia , e deixo por não enfadar.

CAPITULO V.

Do que o Viso-Rey prometteo.

» QUe teriam Feitor em Dabul , que não
» aggravasse os mercadores , o qual da-
» ria cartazes pera os mercadores na-
» vegarem livremente até Ormuz por toda
» a costa ; e que arrecadaria os direitos das
» náos que entrassem naquelle porto , con-
» forme os cartazes.

» Que os Viso-Reys lhe dariam cada an-
» no seis cartazes forros pera onde o Idal-
» xá quizesse , os quaes se lhe dariam , man-
» dando-os elle Idalxá pedir por suas car-
» tas ; e indo as embarcações com os taes
» cartazes a outros portos por caso fortui-
» tos , ou por outra qualquer via , não pa-

» gariam direitos alguns; e que não estan-
» do o Viso-Rey em Goa, o Capitão que
» fosse da Cidade poderia dar os taes car-
» tazes.

» Que o Idalxá poderia mandar tirar
» desta Cidade cada anno fazendas, que va-
» lessem seis mil pardaos de ouro, forros
» de direitos.

» Que o Idalxá poderia mandar levar
» cada anno da Cidade de Goa vinte e sin-
» co cavallos forros de direitos.

» Que huma das seis náos de cartazes
» poderia ir cada anno a Dabul de Ormuz
» com cavallos, e pagaria os direitos del-
» les, descontando os vinte e sinco que tem
» livres.

» Que poderia mandar aquelle anno só-
» mente sessenta candís de gengivre pera a
» contra costa, e que pelo tempo adiante
» lhe dariam os Viso-Reys a quantidade que
» quizessem.

» Que as náos que navegarem sem car-
» tazes, e se acolherem aos portos do Idal-
» xá, e ahi forem tomadas, ainda que se-
» ja pelos vassallos do Idalxá, e ainda que
» as náos sejam de seus vassallos, visto se-
» rem de preza, se faria partilha dellas,
» ametade pera o Idalxá, e ametade pera
» o Estado, o que se cumpriria assim de
» huma parte, como de outra.

» Que

» Que os Rendeiros que deveſſem di-
» nheiro ao Idalxá, ou Eſtado, acolhendo-
» ſe pera qualquer deſtas duas partes, ſe-
» riam logo entregues; » com outros Capitulos de menos ſubſtancia.

As quaes pazes foram logo juradas, aſſim pelo Viſo-Rey, como pelos Procuradores do [redacted], e apregoadas aſſim em Goa, como no Balagate com as ſolemnidades coſtumadas, e aſſim começáram a correr as fazendas, e mantimentos pera Goa como de antes.

CAPITULO VI.

Do que eſte verão aconteceo a D. Diogo de Menezes em Malaca.

DEpois que D. Diogo de Menezes deixou a gente da fortaleza de Chalé em Cóchim, ſendo aviſado que pera o Cabo Çamori eram paſſados muitos parós, deſpedio pera aquella parte Mathias de Albuquerque com a ſua galé, e nove navios pera ir ajuntar os navios que vem de todas aquellas partes demandar aquelle Cabo, pera lhes ir dando guarda até Goa; e o Capitão mór juntou algumas náos, e navios de mercadores que haviam de ir pera Goa, com os quaes partio elle tambem pelos ſegu-

gurar dos ladrões de que aquella costa andava cheia, e com elles chegou a Goa em Dezembro deste anno de setenta e hum, e logo na entrada do seguinte de setenta e dous tornou a partir pera o Malavar, e andou por aquella costa em busca dos cossairos, e nella tomou algumas embarcações carregadas delles, e outros lhe escapáram por ligeiros, e assim poz muita diligencia em tapar os portos, donde lhe haviam de ir os mantimentos, e lhes tomou algumas embarcações carregadas delles, com que os poz em grandes necessidades; e sendo tempo de Mathias de Albuquerque se recolher, porque trazia huma grande cafila de náos, e navios, se foi em busca delle, e em Panané o encontrou com huma grande frota de navios, em cuja companhia tambem foi pela segurar de ladrões, e de caminho tomou a barra de Tanor, aonde se vio na praia de Coulete com aquelle Rey, e com elle tratou algumas cousas de segredo, que eu não sei, nem achei em lembrança alguma. Feita esta diligencia, tornou D. Diogo á sua jornada em companhia da cafila com quem foi até Mangalór, e alli despedio a Mathias de Albuquerque com ordem, pera que da barra de Goa voltasse em sua busca, porque importava assim, o qual foi seguindo sua jornada, e chegou a Goa a trinta

ta de Março ; e deixando a caſila na barra, tornou em buſca do Capitão mór, o qual achou antes de chegar a Barcelor; e ajuntando-ſe a elle, foram ſurgir na barra de Sanguiſer, onde D. Diogo levava por regimento entraſſe, e desfizeſſe huma fortaleza, que hum Rey vaſſallo do Idalxá que andava levantado fizera, e a deſtruiſſe de todo, e logo ſe fez preſtes pera iſſo, dando a dianteira a Antonio Fernandes Chalé, e os Capitães das galés ſe paſſáram a navios ligeiros, como tambem fez o Capitão mór; e entrando o rio, deſembarcou Antonio Fernandes com toda a gente, e foi commetter a Fortaleza com muita determinação, a qual os noſſos entráram, e eſcaláram, matando muitos dos que eſtavam nella, porque os mais ſe foram vaſando por huma porta que tinham pera o Sertão, e neſta entrada deram a Antonio Fernandes de Chalé huma fréchada pelas guelas, de que cahio morto ao pé da Fortaleza, morte que ſe ſentio geralmente de todos por ſer hum dos valentes, e prudentes Capitães eſte Malavar de ſeu tempo, debaixo de cuja bandeira todos aquelles Capitães militáram os annos que ſervíram no Malavar; e ſobre todos o ſentio D. Diogo, porque por ſeu conſelho fez por muitas vezes guerra naquella coſta: tinha-o ElRey D. Sebaſtião por

por ſeu esforço, e conſelho feito, cuido que Fidalgo, e lhe mandou o habito de Chriſto com boa tença; e era táo reſpeitado dos Viſo-Reys, e de todos, como hum dos mais honrados Fidalgos da India. D. Diogo mandou recolher ſeu corpo, e mettello em hum caixão breado, mui calafetado por cauſa do máo cheiro, e o mandou embarcar no navio, em que elle andava, que foi entregue aos ſeus Laſcarins, que o pranteáram bem. D. Diogo mandou a Mathias de Albuquerque foſſe pelo rio dentro até onde as fuſtas pudeſſem chegar, e deſtruiſſe tudo o que achaſſe em vingança da ſua morte; o que elle fez mais de ſinco leguas por elle dentro, e fez nas terras, e aldeas do Naique grandes deſtruições, deixando tudo o que havia entregue ao ferro, e ao fogo, e com eſte grande caſtigo ſe tornou pera o Capitão mór, e logo ſe partio pera Goa, aonde chegou em ſeis de Abril dia de Paſcoa, e ao outro dia foi deſembarcado o corpo de Antonio Fernandes; e eſtando o Viſo-Rey com todos os Fidalgos, e povo preſentes, e os Capitães, e com todas as Religiões, Cabido, e Clero pera o acompanharem, foi levado em huma rica tumba aos hombros dos mais honrados Fidalgos do habito de noſſo Senhor Jeſu Chriſto, de cuja Ordem elle era;

e

e com esta pompa funeral, que he a maior que se fez a homem particular, foi levado a S. Francisco, onde lhe fizeram solemnes Officios, que tudo se lhe devia por ser hum dos grandes servidores daquelle toque, que ElRey teve na India, cuja morte o Çamori festejou muito, porque o temia sobre todos os Capitães, que foram áquella costa; e com isto se cerrou o inverno.

CAPITULO VII.

Do presente que o Viso-Rey D. Antonio de Noronha mandou ao Idalxá.

DEpois que os Procuradores do Idalxá se foram pera a Corte daquelle Rey com as pazes feitas, despedio elle logo hum Embaixador a visitar o Viso-Rey, e dar-lhe os parabens de sua chegada, e successão, o qual foi recebido com muita honra, e apparato; e porque já era fim do verão, o despedio logo muito bem despachado, e apôs elle outro Embaixador seu a lhe pagar a visita, pera o que elegeo hum Veador seu por nome Antonio do Rego, homem velho, authorizado, e intelligente; e ordénou pôr elle mandar hum presente de cavallos, e outras curiosidades, que mandou negociar com muita pressa, e lhe mandou tudo o seguinte.

De-

Dezeſete cavallos Arabios mui fermoſos, que cuſtáram a quinhentos, e a ſeiscentos pardaos, com tres celizes cada hum de damaſco, damaſquilhos de comequis de cores pera o caminho. Huma ſella eſtardiote de veludo negro franjada de ouro em preto com arções de aço de Milão de tauxia dourada, lavrados de figuras de relevo com ſua brida e eſtribos, e cabreſto do meſmo toque. Outra eſtardiota de veludo carmezim franjado de ouro, com ſeus prégos, medalhas, bridas, cabreſto, tudo dourado do meſmo toque. Outra ſella de veludo verde com todas as ſuas peças, medalhas, eſtribos, brida, copes, e cabreſto, com ſeus ferós, tudo muito bem dourado, e ricamente guarnecido.

Huma peça de veludo carmezim, outra de veludo roxo, outra de ſetim carmezim, outra de ſetim encarnado, todas de oitenta covados cada huma, duas peças de eſcarlatas finas, tres barças de louça da China ſorteadas, hum bacio de agua ás mãos de baſtiães pelo meio da bordadura, e pela borda de fóra de lavor retalhado com a hiſtoria de Judith no meio, tudo dourado, hum gomil de boca larga do meſmo toque, hum ſaleiro da meſma obra com hum S. Jorge em ſima.

Com todo eſte preſente chegou o Embai-

baixador á Corte do Idalxá, onde foi muito bem recebido. ElRey lhe deo audiencia, e recebeo a carta, e presente diante de seus Capitães, e mandou correr com o nosso Embaixador muito bem, e confirmou, e jurou de novo as pazes, e com muita satisfação o despedio o verão seguinte.

Neste mesmo tempo já no fim de Abril despedio o Viso-Rey huma Armada de soccorro a Maluco pelas cartas que achou de Gonsalo Pereira Marramaque, em que lhe dava conta das cousas daquellas Ilhas, e da Armada Castelhana, que ficava em Cebú, e dos trabalhos em que ficava com os tyrannos da Ilha de Amboino, e da muita gente que tinha perdido, pedindo-lhe o soccorresse; pelo que o Viso-Rey negociou Armada pera lhe mandar, e despachou Fernão Ortiz de Tavora, que era provído daquellas viagens, com hum galeão carregado de muitos provimentos, munições, dinheiro em basarucos, que lá se despendem bem, e fardos de jubões, calções, colchas, chapeos, e barretes pera os soldados, que tanta conta se tinha naquelle tempo com elles; porque soldados famintos, e despidos não servem pera a guerra, nem pera a paz: em sua companhia mandou hum galeão, de que foi por Capitão Pedro Lopes Rebello, e duas galeotas grandes, Capi-

pitães Diogo Colaço, e Luiz Machado, os quaes por acharem os tempos contrarios, tornáram a arribar efpalhados pera diverfas partes, ficando efte anno aquellas Ilhas fem foccorro algum, o que caufou em todos grande defefperação; e com ifto fe cerrou o inverno, no qual nos cabe darmos relação das coufas, que acontecêram a Gonfalo Pereira Marramaque, depois que o deixámos (com as coufas mais neceffarias) até agora.

Ficáram as coufas daquellas Ilhas naquelle grande affalto que o Rey de Ternate deo á noffa Fortaleza, em que fez aquelle eftrago, e ganhou a povoação, e entráram o baluarte aquelles dous esforçados cavalleiros Luiz Damó, e Belchior Vieira fizeram aquellas façanhas que contei, ficando affim as coufas naquelle miferavel eftado, e a Fortaleza de Ternate arrifcada a fe perder; fuccedeo huma obra maravilhofa, e não efperada em tal tempo, que foi chegar ElRey de Tidore pela banda do mar á noffa Fortaleza em duas corocoras; e fem o moverem as bombardas, que os noffos lhe tiráram, foi com muita fegurança pôr a proa em huma praia no lugar em que eftava huma Ermida de noffa Senhora, que fempre acode ás grandes neceffidades, e mandou defembarcar hum tio feu fó, o

qual

qual foi levado muito honradamente ao Capitão, porque foi conhecido, e delle muito bem recebido; e depois de estarem sentados, lhe disse, que ElRey seu sobrinho lhe mandava dizer, que era muito seu amigo; e que posto que fora em companhia de ElRey de Ternate na entrada de sua povoação, que lhe jurava por sua Lei, que nada levára das cousas, que se tomáram daquelle assalto, mais que aquelle retabolo de nossa Senhora, que lhe mandava de presente; e que lhe fazia a saber que elle perdêra naquella guerra mais que todos, porque lhe matáram seu tio Regedor de Benavé; e desenrolando huns pannos, tirou o retabolo de nossa Senhora, e D. Alvaro de Ataíde se levantou, e posto de joelhos o tomou, e adorou, como fizeram todos os Portuguezes, que alli estavam; e logo despedio huma pessoa de recado a ElRey com os agradecimentos daquella mercê que lhe fizera, e que pera ser perfeita havia de haver por bem que seu tio ficasse naquella Fortaleza, porque tinha muitas cousas que tratar com elle devagar, e que lhe fizesse mercê de o mandar prover de mantimentos por seu dinheiro, e por mostrar nisso a amizade que com elle tinha, e com este recado lhe mandou de presente algumas peças curiosas; porque estes Reys todos estam

tam com os ouvidos no recado, e com os olhos nas mãos a ver se lhes levam alguma cousa. Dado o recado, ElRey mostrou folgar muito com os agradecimentos; e vendo que o tio ficava na Fortaleza, entendendo que ainda a que o não consentisse, lho não dariam, mandou responder ao Capitão, que era muito contente do que lhe mandava pedir, e que elle a mandaria prover muito bem; e com isto se tornou, e dalli por diante começáram de ir os Tidores á Fortaleza com os mantimentos, o que faziam de noite, porque os Ternates os não vissem. O Capitão agazalhou muito bem o tio de ElRey, e de sua casa o mandou prover abastadamente, porque bem sabiam os poucos mantimentos que na Fortaleza havia, e assim esteve quarenta e sinco dias na Fortaleza, e no cabo delles pedio licença pera se ir, a qual o Capitão lhe deo, e o acompanhou até á praia, tendo com elle grandes cumprimentos.

Tanto que Gonsalo Pereira teve recado do trabalho, em que os da Fortaleza estavam, logo se embarcou pera os soccorrer, não levando mais que a sua escusa galé com dezoito peças de artilheria, cameletes, falcões, e berços, e quarenta soldados com mais huma fusta, de que hia por Capitão João Rodrigues de Béja com vin-

te

te soldados, e duas corocoras, com doze soldados cada huma, e dezeseis champanas cheias de mantimentos, e deixou na Fortaleza de Amboino D. Duarte de Menezes, e com elle Sancho de Vasconcellos por Capitão do mar. Destas preparações do Capitão mór foi logo ElRey de Ternate avisado, pelo que determinou de ver se podia impedir aquella jornada, porque determinava de apertar tanto com aquella Fortaleza até que a tomasse; o que não poderia fazer, se Gonsalo Pereira lá passasse; e pera que este seu pensamento viesse a effeito, despedio a Reboangé com huma boa Armada pera ir contra Amboino, a fim de entreter por lá o Capitão mór, e quando elle fosse já partido, dar na Fortaleza, e tomalla; e posto que o Reboangé se apressou, já quando chegou havia poucos dias que o Capitão mór era partido, e foi pôr cerco ao lugar de Ulate nas Ilhas de Iliaser, cujos moradores eram grandes amigos dos nossos, do que D. Duarte foi avisado, e desejou bem de lhes acudir, mas não pode por lhe faltarem navios, e com tudo negociou huma fusta já velha; e de huma champana, que foi dos Jáos, ordenou outra, e armou duas corocoras, em que despedio Sancho de Vasconcellos em soccorro dos cercados; e quando lá chegou, quaren-

renta dias havia que eſtavam de cerco ; e vendo os Ulates o ſoccorro, cobráram tão grande animo, que ſe ſahíram do lugar ſitiado, e commettêram as eſtancias dos inimigos, e com morte de muitos lhas ganháram, e os fizeram fugir, e Reboangé ſe embarcou na ſua Armada, e paſſou por muito perto de Sancho de Vaſconcellos; porém não ſe atreveo ao commetter. O Sancho de Vaſconcellos tanto que chegou ao lugar de Ulate, deſembarcou com ſua gente, e foi recebido de todos os moradores com grandes feſtas, e muitos ceſtos cheios de cabeças dos inimigos, que degolláram naquelle aſſalto que lhes deram ; e depois que alli deſcançou, ſe tornáram pera a Fortaleza, ficando os Ulates em grande obrigação aos noſſos pelo ſoccorro que lhes deram; e indo com ſua Armada tanto á vante, como o lugar de Ruanivé, lhe deram novas como D. Duarte de Menezes era falecido de humas febres agudas que lhe deram, ainda que alguns preſumíram que fora peçonha. O Sancho chegando á Fortaleza tomou poſſe della pelo deixar D. Duarte nomeado por Capitão.

Os Itos tanto que víram ido o Capitão mór, e D. Duarte morto, víram que lhes ficava boa conjunção pera ſe levantarem, e vingarem das vitorias que os noſſos tinham

nham havido contra elles, pera o que se carteáram com os principaes lugares da Ilha de Ito, persuadindo-os a se virem ajuntar com elles contra os nossos, affirmando-lhes que Reboangé, Capitão mór da Armada de Ternate, se fora refazer ás Ilhas de Burro, e Xuló pera tornar contra a nossa Fortaleza; ao que os moradores lhes respondêram, que se o Reboangé tornasse com o poder que diziam, que elles estavam prestes pera se juntarem a elles; ao que os Itos lhes tornáram a mandar dizer, que estivessem prestes pera a facção, que se juntariam a elles, porque Reboangé trazia maior poder do que lhes mandavam dizer, e tudo isto eram ardís de Reboangé, que estava refazendo-se na Ilha de Burro. Sancho de Vasconcellos estava innocente desta conjuração, e por isso descuidado do que lhe sobreveio, tinha lançado fóra huma Armada de sinco corocoras, em que elle quiz ir correr as Ilhas, e deixou em seu lugar Ayres Pinto da Fonseca: levava Sancho comsigo hum soldado chamado Simão de Abreu, de alcunha o Papa Ferro, a qual alcunha lhe puzeram, porque em sete desafios que teve tomou sete espadas a seus contrarios, e elle hia por Capitão de huma corocora, e na outra hum Alexandre de Matos da obrigação de D. Duarte, e nas

outras duas corocoras hiam dous filhos de Amboino mestiços. Com esta Armada passou Sancho de Vasconcellos á costa de Banaor a buscar mantimentos, e neste caminho fez muitas prezas. Os Itos tanto que souberam que o Sancho era fóra da Fortaleza, logo avisáram a Reboangé, e deram recado aos conjurados, pera que estivessem prestes, que logo seriam com elles, como fez em trinta corocorás. Juntos todos, foram buscar o Sancho á Ilha de Varenúla, de que elle teve aviso, pelo que logo se embarcou em huma corocora pequena, e muito ligeira, em que com grande pressa se foi pera a Fortaleza, por lhe não succeder algum desastre, deixando a Armada entregue ao Papa Ferro; e chegando a ella, foi avisado que o Reboangé era passado áquella costa de Termelor, onde tinha deixado o Papa Ferro com a Armada; pelo que o mandou avisar por huma embarcação muito ligeira, e dizer-lhe que logo se fosse pera a Fortaleza, e que fosse pela costa da Ilha de Rosalaor, cujos moradores eram nossos amigos; e achando novas que o Reboangé o hia buscar, se fizesse forte nos juncos dos Jáos, que tinham tomado de preza; e querendo o Papa Ferro fazer o que Sancho de Vasconcellos lhe mandava, embarcando-se na Armada, se foi

foi aſſiſtando, e hum Padre da Companhia Italiano chamado Lomedo lhe diſſe com bom zelo, que não era bem deixar na praia de Calecobate quatro Portuguezes, que alli eſtavam por ſer tão perto; ao que o Papa Ferro voltou pera lá as proas, e chegando áquelle lugar, o achou queimado da gente do Reboangé, que nelle deſembarcou, e os noſſos Portuguezes ſe acolhêram ao mato, o que logo pareceo podia ſer: deſembarcando alguns, foram gritando, ao que elles acudíram, e ſe embarcáram na Armada, e deram por novas, que o Reboangé eſtava na enſeada, que era na meſma coſta, pelo que todos foram de parecer que ſe deixaſſem ficar aquelle dia, e que á noite atraveſſaſſem a Roſalaor, ou a Chiamão. Alguns dizem que o Papa Ferro perguntára aos quatro Portuguezes o que faria, ao que elles reſpondêram que elle era Capitão mór, que faria o que lhe bem pareceſſe, que elles o ſeguiriam; e dandolhe a deſconfiança diſto, diſſe que elle não era D. Jorge de Menezes o Baroche, nem D. Duarte de Menezes pera ter tamanha confiança, que ſe puzeſſe em fugida, ſem ver de que: que depois que viſſe o inimigo, faria o que o tempo lhe enſinaſſe, e mandou remar pela coſta adiante quaſi ás oito horas do dia; e como o Reboangé eſ-

tava dalli perto, defcubrio logo os noffos navios, e lhe fahio muito apreffado com toda fua Armada. Simão de Abreu largou os juncos dos Jáos que levava, e juntou a fi as fuas corocoras, que eram ligeiras, com tenção de romper por meio dos inimigos, que vinham em huma meia lua, e paffar á outra banda. A corocora, em que hiam os quatro meftiços, não podia acompanhar as mais por levar ruim efquipação; e vendo-a os inimigos ficar atrás, atiráram-lhe algumas bombardadas; e pondo-fe todos a huma banda, fe virou a corocora, e elles fe lançáram a nado, as outras lhe acudíram, e os falváram, e todos os mais. Naquella detença chegáram os inimigos á noffa Armada, com a qual traváram; entre elles fe começou huma afpera batalha, e no furor della, em que o Padre Lomedo andava animando os noffos, lhe deram com hum tiro de arremeço, de que cahio morto. O Papa Ferro, e os mais foram pelejando, e rompendo pela Armada inimiga, e de paffagem axorou o Papa Ferro huma embarcação dos inimigos; e virando a ella pera a tomar, parecendo-lhe que os mais o feguiffem, os vio ir acolhendo voga arrancada. Vendo-o o Reboangé ficar fó, virou a elle com outras corocoras, e logo o abordáram, e depois de huma grande ba-

ta-

talha em que o Papa Ferro fez maravilhas, foi entrado, e morto com os vinte e cinco companheiros que levava. Antonio Lopes de Rezende, Capitão da outra corocora, que tinha honra, e valor, vendo o Papa Ferro abordado, virou a elle, e o foi ſoccorrer no maior impeto do conflicto, mas já achou tudo concluido, e na proa da ſua corocora o Pate de Atua, que eſtava com ſua eſpada, e Solabaco pelejando valeroſamente, ao qual elle bradou que ſe lançaſſe a nado, que elle o tomaria; ao que elle lhe reſpondeo, que pois o ſeu Capitão era morto, que não queria elle eſcapar. Neſta detença foi o Antonio Lopes cercado dos inimigos, com os quaes pelejou denodadamente até tomar hum berço ao hombro; e vendo ir o Reboangé pera elle, diſſe a hum ſoldado, que quando lhe fizeſſe ſinal, lhe puzeſſe fogo, como fez; e diſparando o berço, foi tal ſua ventura, que tomou o Reboangé por hum joelho, e deo com elle dentro na corocora; e cuidando os ſeus que era morto, acudio a elle toda a ſua Armada, com o que Antonio Lopes teve tempo de ſe recolher, levando quatro companheiros feridos, que morrêram: e ſe as outras corocoras não fugíram, certo eſtava alcançarem os noſſos a vitoria.

O Pate de Atua não ſe quiz ſalvar, co-

mo

mo digo, e deixou-se estar na embarcação do Papa Ferro com quem hia; e chegando-se a ella huma corocora pera ver se havia que roubar, achou o Pate, de que logo lançou mão sem o conhecerem, nem elle se quiz nomear; mas disse-lhe que o levassem á Ilha de Boano, que daria por si bom resgate, pelo que os Boanos o escondêram, e agazalháram bem. O Reboangé recolheo-se assim ferido a Varenula, e logo soube ser vivo o Pate de Atua; e como era grande seu inimigo, mandou lançar bando com grandes penas, que quem o tivesse lho levasse; e que quem lho descubrisse, lhe daria muito dinheiro; o que sabido dos Boanos, o leváram, porque logo foi conhecido; e posto diante do Reboangé muito inteiro, elle lhe disse que de duas cousas havia de fazer huma, ou arrenegar da Lei dos Christãos pelo elle ser, ou que havia de varar por sima delle a sua corocora; ao que o constante Cavalleiro de Christo respondeo, que elle era Christão, e que na Fé que professára, havia de morrer: e que não dizia elle varar a sua corocora por sima delle, mas que todas quantas trazia a sua Armada. Vendo o tyranno aquelle desengano, e constancia, mandou-o atravessar no varadouro dos navios, e por sima delle se varou a sua corocora, que era tama-

manha como huma galé, tendo elle ſempre os olhos no Ceo, e chamando pelo nome de Jeſus, e aſſim foi deſpedaçado: novo modo de martyrio, e grande occaſião de darmos todos grandes graças a Deos noſſo Senhor por vermos hum barbaro creado entre os ruſticos, e eſpeſſos matos de Amboino tão conſtante, e inteiro na Fé de noſſo Senhor Jeſu Chriſto, o qual por certo temos lhe daria o galardão, e coroa do martyrio, que tão valeroſamente ſoube merecer.

CAPITULO VIII.

Da grande vitoria, que Gonſalo Pereira alcançou de ElRey de Maluco.

PArtido o Capitão mór de Amboino, como diſſemos, ſendo tanto ávante como as Ilhas de Bacao por Negoriche, que são dezoito leguas de Ternate, lhe ſahio eſte Rey, e o de Tidore com os Sangages daquellas Ilhas com ſincoenta coroçoras tamanhas como galés reaes; porque o Rey de Ternate tanto que ſoube que o Rey era partido de Amboino, logo ajuntou aquelles Senhores, e aquella Armada pera o ir eſperar ao caminho. Gonſalo Pereira tanto que vio tão groſſa Frota, ajuntou os ſeus navios, a ſua galeota, e tomou no meio

as embarcações dos mantimentos, e se preparou pera aquelle conflicto, em que lhe era necessario mostrar todo o valor, porque bem vio que o negocio era muito arriscado; mas não perdendo ponto em seu animo, posto em sima do toldo, animou os seus soldados com a brevidade a que o tempo deo lugar, e esperou os inimigos mui confiado em Deos nosso Senhor, a quem se encommendou muito do coração. ElRey de Tidore endireitou com a galeota do Capitão mór, pera que o de Ternate com mais gosto lhe désse a irmã em casamento, como lhe tinha promettido, e lhe poz a prôa pela rabada; e vindo já pera o investir, quiz Deos que hum soldado chamado João Machado, que trazia á sua conta hum falcão, lhe désse fogo em hora tão ditosa, que tomou a galeota de poppa á prôa; e como levava carga de huma boa roca de seixos, a axorou logo, despeçando a maior parte da gente, e o Rey de Tidore cahio tão mal ferido, que cuidáram todos que era morto; e juntando-se as suas corocoras, deram toa á de ElRey, e se affastáram; e o Rey de Ternate vendo aquelle destroço, foi-se á galeota do Tidore a saber se era morto. João Rodrigues de Béja vendo os inimigos affastados, foi-se á galeota do Capitão mór a ver se havia lá algum perigo;
e

e tendo-o são, e muito gentil homem, e alegre, ſe poz ſobre o banco de alvorar armado de armas brancas com a eſpada na mão, capeando aos inimigos que chegaſſem. Succedeo naquelle tempo andarem algumas corocoras ligeiras pequenas atirando muitas bombardadas aos noſſos, que eſtavam ſem remar, e quiz a fortuna que endireitaſſe hum pelouro pera elle, e o tomaſſe pelo hombro eſquerdo, que lho deſpedaçou, de que logo cahio mortal, e não durou mais que tres, ou quatro dias. Foi eſte Fidalgo filho de Rodrigo de Vaſconcellos, Veador que foi do Infante D. Luiz; o Capitão mór ſentio aquelle deſaſtre na alma pelo muito que nelle perdia; e vendo-ſe aliviado dos inimigos, deo á véla pera Ternate, aonde chegou ao outro dia, que foi tão feſtejado de todos, como aquelle, que lhe levava o remedio.

CAPITULO IX.

Do ſoccorro que D. Leoniz Pereira Capitão de Malaca mandou a Maluco.

VEndo D. Leoniz Pereira Capitão de Malaca, que não vinha ſoccorro nenhum da India pera Maluco, e que aquella Fortaleza eſtava tão arriſcada a ſe perder,

der, negociou hum fermoſo galeão, o mandou carregar dos mantimentos, munições, e roupas que pode, e pagou ſeſſenta ſoldados, e elegeo pera aquelle ſoccorro a João da Silva Pereira ſeu ſobrinho, filho de Ruy Pereira da Silva, o qual partio por via de Borneo; e deo-lhe noſſo Senhor tão boa viagem, que em pouco tempo chegou a Ternate, com o qual ſoccorro os noſſos parece que reſuſcitáram, e começáram a levantar cabeça. Andava neſte tempo que João da Silva chegou, huma Armada de ElRey de Ternate, fazendo guerra a huma Fortaleza, que tinhamos no Morro, na qual eſtava por Capitão Henrique de Lima com ſincoenta ſoldados, os quaes Gonſalo Pereira foi logo ſoccorrer; e chegando áquella Fortaleza, pareceo-lhe bem desfazella, e recolher a gente, porque o Capitão de Ternate aſsás tinha que fazer em ſe ſuſtentar a ſi, quanto mais a outra Fortaleza, e aſſim o fez, e recolheo na ſua Armada todos os Portuguezes; o que viſto pelos naturaes, não quizeram ficar na boca do lobo, como dizem, porque o Rey de Ternate era ſeu inimiciſſimo; e tomando todos mulheres, filhos, e fazendas, ſe embarcáram tambem pera Ternate. Recolhido tudo iſto naquella Fortaleza, logo o Capitão mór ſe partio pera Bachão, levando

do comsigo João da Silva pera naquella Ilha se ir prover de mantimentos, confiado naquelle Rey, que era Christão, e amigo; mas achou-o já com o coração damnado, e andou entretendo o Capitão mór tantos dias, que de nojo, e trabalho veio a adoecer, pelo que se tornou pera Amboino; e chegando áquella Fortaleza, e sabendo da morte de D. Duarte, e de como os lugares daquella Ilha estavam todos levantados contra os nossos, e do desbarate da Armada do Papa Ferro, tomou tamanho pezar, que foi peiorando, e em poucos dias faleceo. Gabriel Rebello diz, que morreo indo de Bachão pera Amboino, e que o seu corpo fora lançado ao mar, como fizeram ao Rey Aeyro de Maluco, em cuja morte elle foi consentidor: seja como for, elle acabou miseravelmente cheio de dividas, do que tomou de fazendas ás partes. Abrio-se seu testamento, e achou-se nomeado em seu lugar João da Silva, que logo tomou posse da Armada, e começou a correr com suas obrigações.

CA-

CAPITULO X.

Da mudança da Fortaleza de Amboino pera o lugar da Cova.

JOão da Silva tanto que tomou posse do cargo de Capitão geral daquelle mar, começou a tratar das cousas que convinham áquellas Ilhas, que estavam em grande risco, pelo sitio em que a Fortaleza estava, que era na Ilha de Ito, cercada por todas as partes de inimigos, e não podia ser soccorrida, senão com grande risco; pelo que houve pareceres que aquellas Ilhas se haviam de largar, e irem-se todos pera Malaca, porque tanto trabalho, e fome não o podiam aturar corpos humanos; só Sancho de Vasconcellos disse que nunca Deos quizesse que assim se largasse aquella Christandade, que tantos cativeiros, mortes, e trabalhos tinham passado, assim pela Fé de Christo, como por sustentarem a amizade dos Portuguezes; e tornando a haver grandes alterações sobre o que estava votado, pelos mais em se irem todos pera Malaca, tornou Sancho de Vasconcellos a dizer, que se desenganassem todos, que elle não havia desamparar aquella Christandade, nem era razão deixarem aquellas ovelhas na boca dos lobos: que elle estava determinado

em

em se deixar estar em Amboino do modo que o Capitão geral ordenasse, ou por soldado, ou por Capitão, porque ou de huma, ou de outra maneira elle se atrevia a ter em pé, e sustentar aquella Christandade toda; e que quando o Capitão mór não quizesse, que elle tinha trinta soldados de sua sevadeira, com os quaes havia de fazer no lugar de Ulate hum recolhimento o mais fortificado que pudesse pera ficar com elles: e que affirmava mais, que quando aquelles trinta soldados não quizessem ficar com elle, que elle só havia de ficar alli, e que só com os Christãos amigos havia de sustentar aquellas Ilhas, que por muito ditoso se haveria, quando sua ventura fosse tão grande que acabasse a vida naquelle serviço de Deos, e de seu Rey; e em fim foram taes as cousas, que sobre isto disse, que se envergonháram todos, e se retratáram a lhe parecer bem o que Sancho de Vasconcellos dizia, e se conformáram todos em que mudassem a Fortaleza pera a ponta de Rosanive, na qual estava hum lugar de Ulilhenos, grandes amigos dos Portuguezes, que assim elles, como outros amigos os proveriam, o que não poderiam fazer ficando alli, onde então estava a Fortaleza, por ser muito affastado delles.

Desta ponta de Rosanive pera a Ilha de

de Ito faz huma enseada muito penetrante, a qual será de mais de quatro leguas de comprido pera dentro da terra, tres de largura na boca; e assim como vai pera dentro, se estreita, e falta-lhe por romper aquella Ilha, pera ficar em duas, até outro mar hum tiro de berço; mas isto he no fim de hum estreito, que desta enseada vai pela terra dentro, que será de duas leguas de comprido, pelo qual póde ir huma corocora de maré cheia, por grande que seja, sómente lá no fundo do sacco he necessario varalla, e levalla áquelle espaço que disse. Este fundo desta enseada se chama a Cova, ou desde sua boca até dentro; porque tanto que por ella entram quaesquer náos, ficam como em hum muito brando, e fechado tanque. Nesta parte que digo se assentou fazer-se a Fortaleza, fica na terra da Ilha de Ito, com os lugares de Ative, Tarire, Curálo, Chuno; e da outra banda no fundo da enseada está o lugar de Rosanive, o qual goza de duas praias, e he lugar farto, e de muitos mantimentos, mas de pouco Ságum, que he como entre nós o trigo: mais pera dentro tem os lugares de Soya, Putá, Aló, e Bagoela, em que ha muito: da banda da contra-costa do Sul estão estes lugares, Tiaire, Seiró, Quilão, Nacohema, e Timure, que são muito abas-

ta-

todos, e grandes noſſos amigos; e por todas eſtas razões ſe aſſentou, que ſe mudaſſe a Fortaleza pera aquella enſeada, o que logo ſe poz por obra, e ſe embarcáram na náo, em que foi João da Silva, e no galeão S. Franciſco, que tinha ido de Malaca pera a Ilha de Jaoa, na qual ſe embarcou Sancho, e todas as mais embarcações que havia. João da Silva com a ſua náo, e a maior parte das embarcações, foi pela parte de Vacaſſeo muito bem, e Sancho foi pela de Leſte, parecendo-lhes que lhes não faltariam virações da parte do Sul, pera poderem entrar mais folgadamente na enſeada da Cova, o que lhe aconteceo ao contrario, porque ventáram Leſtes, que alli são deſgarrões, com o que não pode ferrar a terra. O Piloto foi-ſe na outra volta, pera perder o fundo na ponta de Roſanive, por eſtar aconſelhado com os mais do galeão, com tenção de ſe çafarem pera Malaca, porque como naquella parte perdem o fundo, não ſe póde mais cobrar. Diſto foi Sancho de Vaſconcellos aviſado á meia noite; e diſſimulando o caſo, fallou com os ſoldados de ſua obrigação ſobre o que haviam de fazer, que foi tomarem as armas, e elle tambem o fez, e com elles ſe foi ao chapitel, e mandou governar ao Piloto pera terra; ao que o Meſtre reſpondeo,

deo, que se não podia chegar a ella, porque tudo eram baixos, em que se haviam de perder; ao que elle lhe respondeo que fizessem o que lhe mandava, e que se perdessem embora, porque antes queria morrer, que dizerem delle que fugia aos trabalhos; e como estes homens do mar são teimosos, foram governando pera terra, e ácinte puzeram o galeão em secco. Vendo-se Sancho de Vasconcellos daquella maneira, metteo-se no batel com os mais dos soldados, e se foi pera terra, onde os Rosanives os agazalháram, e por terra os leváram até outra banda da enseada, onde João da Silva já estava, o qual sentio muito a perda do galeão, mas acudio ao mais necessario, que foi prover o melhor que pode em algumas faltas que havia de provimentos pera aquella gente, que perecia á mingua; e como já era chegada a monção de Malaca, entregou tudo ao Sancho, e se partio pera passar a Goa a dar conta ao Viso-Rey das miserias, e trabalhos, em que os nossos, e os Christãos naturaes estavam, e primeiro ordenou huma maneira de Forte pera recolhimento dos nossos, em quanto Sancho de Vasconcellos não fazia a Fortaleza, que estava ordenada, e neste estado deixaremos as cousas destas Ilhas, por irmos successivamente continuando com as cousas em seus tempos.

CA-

CAPITULO XI.

Das cousas que passáram entre o Viso-Rey D. Antonio de Noronha, e Antonio Moniz Barreto, Governador de Malaca.

OS cercos passados não deram lugar pera continuarmos com as cousas, que passáram entre o Viso-Rey D. Antonio de Noronha, e Antonio Moniz Barreto, Governador de Malaca; e porque são materias substanciaes, darei razão dellas o mais abbreviadamente que puder, pera o que se ha de saber, que quando D. Antonio de Noronha foi eleito em Almeyrim por Viso-Rey, aonde eu tambem estava requerendo os serviços da India, tendo ElRey D. Sebastião informação das grandes inquietações, que o Achém dava á nossa Fortaleza de Malaca, praticando o remedio disto com os de seu Conselho, assentáram que era necessario haver em Malaca Governador separado do Viso-Rey da India, por não estar dependente do seu soccorro, e provimento, ao qual o Viso-Rey que aquelle anno fosse, désse Armada bastante pera dous mil homens, que tambem lhe havia de dar: e que as despezas daquella governança se fariam dos direitos das náos da China, Maluco, e das mais partes, que poderiam im-

portar trezentos mil pardaos, que ficavam faltando ao rendimento da India; e assentado isto, quando D. Antonio de Noronha foi eleito por Viso-Rey, logo ElRey lhe declarou o que neste particular se tinha assentado, de lhe dar dous mil homens, e Armada apparelhada pera elles, em que Antonio Moniz Barreto iria; e como este Viso-Rey estava pobre, e com filhos, acceitou a jornada com as condições assima ditas, e não sei se com obrigações, que deixou em conselho daquillo a que se obrigava, sabendo elle muito bem como Capitão, que tinha andado na India tantos annos, que nem a India tinha tamanho cabedal pera tirar de si, nem elle podia dar cumprimento ao que se obrigou; porque lhe pareceo que em chegando á India, ainda que não désse tudo aquillo a Antonio Moniz, que com qualquer cousa, que lhe désse moderadamente, se contentaria; e o mesmo Antonio Moniz Barreto conhecia muito bem, que o Viso-Rey D. Antonio de Noronha não podia cumprir o que lhe promettêra, de maneira que ambos se enganáram, ou os enganou a necessidade em que se viam: em fim a esta conta mandou ElRey negociar náos, e pagar quatro mil homens, de que não chegáram á India dous mil sãos, porque todos morrêram nesta viagem, que foi

tra-

trabalhoſiſſima de febres, e inchações de pernas, porque cuido que traziam ainda algumas [illegible]s daquella contagioſa peſte, que deo no Reyno de Portugal o anno atrás; e ſó na náo Chagas, em que eu vim embarcado com o Viſo-Rey D. Antonio, que trazia novecentos homens, morrêram mais de quatrocentos e ſincoenta; e na náo Belém, em que Antonio Moniz vinha, mais de trezentos, e aſſim pelas outras embarcações da Armada.

Chegada eſta Armada a Goa, achando, como diſſe, toda a India de guerra, não teve Antonio Moniz que fazer; mas depois de feitas as pazes, e concertadas as couſas, vindo-ſe chegando a monção de partirem as náos, vio-ſe Antonio Moniz Barreto com o Viſo-Rey D. Antonio, preſentes o Secretario, Veador da Fazenda, e Fidalgos velhos do Conſelho, e lhe moſtrou ſuas proviſões, e requereo que o negociaſſe, e lhe déſſe a Armada, que ElRey mandava, porque ſe queria partir cedo pera Malaca, porque havia naquellas partes neceſſidade da ſua preſença. O Viſo-Rey lhe diſſe, que elle eſtava prompto pera fazer o que ElRey lhe mandava; mas que bem via o eſtado em que achou a India cercada de todos os Reys do Oriente, e a fazenda Real neceſſitada, e empenhada pelas

 mui-

muitas despezas que fez nas guerras de Goa, e pelos soccorros que fez ás Fortalezas, a que foi necessario acudisse por se não perderem: e que tambem via que dos quatro mil homens com que do Reino partíram, não havia dous mil que estivessem sufficientes pera tomar armas; mas que com tudo suppostas as impossibilidades referidas, queria pôr em Conselho a Armada, gente, e provimentos que lhe haviam de dar, e do que se assentasse o mandaria avisar pelo Secretario; e com isto se recolheo o Governador Antonio Moniz Barreto, entendendo que não estava o Estado pera lhe darem tudo o que ElRey mandava.

O Viso-Rey poz aquelle negocio em Conselho dos Fidalgos, e Capitães, e lhes propoz sobre elle o que lhe pareceo mais serviço de ElRey, e bem do Estado, e entre todos se praticou o caso, e assentáram que o Estado da India não estava pera tirar de si tamanho cabedal: que quando ElRey ordenára aquella divisão do Estado, e que se désse aquella gente, e Armada que D. Antonio de Noronha promettêra em Portugal a ElRey, não sabia dos grandes cercos, trabalhos, e necessidades em que a India então estava; demais que ElRey mandára quatro mil homens, pera delles ficarem dous mil na India, e irem os outros

dous

dous mil com o Governador Antonio Moniz Barreto pera Malaca, dos quaes não havia dous mil que se lhe pudessem dar: que Antonio Moniz se fosse pera a sua governança de Malaca, e que lhe dessem dous, ou tres galeões, e algumas galés, e fustas com quatrocentos, ou quinhentos homens, e que pera o anno lhe mandariam tudo o que pudesse ser, porque estava já o Estado mais desafogado. Assentado isto, deo-se conta ao Governador Antonio Moniz, e se lhe respondeo por escrito, com o que elle se não satisfez, e disse que não havia de ir a Malaca senão pela ordem, e com o poder que ElRey lhe promettêra, porque se não queria deshonrar; e porque as náos eram já partidas, pera tomarem a carga da pimenta a Cóchim, escreveo a ElRey o caso, fazendo-lho mais feio do que fora; e tanto, que lhe affirmou que nunca o Viso-Rey o aviaria, e que a India ficava tão prospera de tudo, que bem lhe pudera o Viso-Rey dar tudo o que no Reino lhe promettêra, porque se elle estivera no governo da India, pudera dar a gente, e Armada a quem quer que fosse pera Malaca, assim como ElRey mandava se lhe désse; e representando-lhe as novidades que havia em Malaca, cercos que tinha do Achém ir sobre aquella Fortaleza, e que es-

estava arriscada a se perder, e de como Gonsalo Pereira Marramaque em Maluco estava em grande aperto com a Fortaleza cercada, e Armada dos Castelhanos em Cebú, e outras cousas desta sorte, a que era necessario acudir-se, o que elle não podia fazer pelo não aviarem. O Viso-Rey D. Luiz de Ataíde foi-se embarcar a Cóchim na náo Chagas, em que tinha vindo do Reino o Viso-Rey D. Antonio, e chegou a Lisboa muito cedo; e pelas grandes vitorias que alcançou de todos os Reys da India, foi recebido de ElRey com pallio, e grandes honras, porque as merecia.

Despachadas as náos do Reino, sendo quinze de Janeiro de 1572. teve o Viso-Rey recado, que no rio de Bandá sinco leguas de Goa se recolhêram alguns paráos de Malavares contra o contrato das pazes tão pouco tempo havia celebradas com o Idalxá, pelo que com toda a pressa despedio D. Henrique de Menezes em huma galé, e sinco navios mais, de que foram por Capitães Antonio Mascarenhas, Pedro de Sousa, Luiz Machado, Duarte Pereira Sampayo, e Antonio de Oliveira em huma galeota de serviço da galé.

Recolhido D. Henrique a Goa, logo em dezesete de Fevereiro despedio o Viso-Rey a Jorge de Moura por Capitão mór da cos-

ta do Norte com duas galés, elle em huma, e Pedro Homem da Silva em outra, e seis fustas mais, Capitães Duarte Pereira de Sampayo, Ruy de Pina, Nicoláo de Brito, João Barriga Simões, e Diogo Duarte, e não fez mais que dar guarda á costa, e recolher-se em nove de Maio.

Nesta companhia foi D. Luiz de Almeida entrar na Capitanía de Damão; e porque em Fevereiro deste anno de setenta e dous acabava os tres annos da Capitanía de Ormuz D. Francisco Mascarenhas que lá estava, e ao presente não havia provído nenhum, despedio o Viso-Rey a Fernão Telles, que depois foi Governador, pera lhe ir succeder, o qual partio de Goa em 21. de Fevereiro de setenta e dous, que foi no galeão S. João, e tomou posse da Fortaleza, e D. Francisco Mascarenhas se veio pera Goa no mesmo galeão.

Depois de Fernão Telles partido, logo em onze de Março despedio o Viso-Rey a Francisco de Sousa Tavares pera a costa do Canará pera dar guarda ás cafilas dos mantimentos que haviam de vir a Goa; levou duas galés, elle em huma, e Nuno Alvares Pinto em outra, tres fustas mais, Capitães Damião Furtado, Duarte de Villalobos, e Alvaro de Barros. Esta Armada gastou o verão em trazer as cafilas de man-

timentos, e jangadas de madeiras, mastos, vergas, e outras cousas destas pera as Armadas.

Porque os Estreitos de Ormuz estavam desamparados de Armadas, que andassem na guarda das cafilas, que costumam a vir de Baçorá pera aquella Fortaleza, ordenou o Viso-Rey mandar huma galé, e tres navios mais pera de lá tornarem, dando guarda ás náos, que haviam de partir em Novembro, por haver novas andarem fóra algumas galés de Turcos, o que tudo quiz o Viso-Rey prover por lhe não succeder algum desastre. Nesta companhia despedio o Governador Antonio Moniz cartas pera ElRey pera se lhe mandarem por terra, em que lhe dava conta do que tinha passado com D. Antonio de Noronha Viso-Rey da India, e de como na entrada de Abril se tornára a offerecer pera ir a Malaca, como ElRey mandava, dando-lhe a Armada, e gente que elle lhe tinha ordenado, tornando a affirmar que se elle fora Viso-Rey, houvera despachar Governador, que fosse a Malaca com tudo o que lhe elle mandava dar, porque a India estava prospera, e não faltava mais que vontade ao Viso-Rey.

Partida esta Armada, despedio logo o Viso-Rey outra pera Ceilão, de que elegeo

por

[illegible] Capitão daquella Fortaleza D. Anto-[illegible] Noronha, que partio no primeiro [illegible] com huma galé em que elle foi, e quatro fuſtas, Capitão Fernão Dias de Oliveira, Jeronymo Monteiro, e Antonio Machado, que todos chegáram a ſalvamento, e D. Antonio tomou poſſe daquella Capitanía. Deſtas Armadas atrás não eſcrevo os ſucceſſos, porque não houve couſa notavel de que façamos menção.

CAPITULO XII.

Das couſas que ſuccedêram em Maluco.

NEſta enſeada que já diſſe, quando dei relação do lugar, que ſe elegeo pera mudarem a Fortaleza, ſahe ao mar huma ribeira muito freſca, e gracioſa, cuberta de arvoredo de frutas excellentes, ao longo da qual Sancho de Vaſconcellos cortou toda a madeira pera a Fortaleza que fez de duas faces, fechada com ſuas chaves muito fortes, entulhada muito bem de maneira, que pera aquella parte ficava baſtantemente defenſavel, e tinha ſeus baluartes, e guaritas guarnecido tudo de artilheria: neſta obra ajudáram, ou pera melhor dizer, fizeram tudo alguns Atives, e Tarives fideliſſimos aſſim a Deos, como aos Portu-

gue-

guezes, e alli ficáram os noſſos eſperandos o ſoccorro, paſſando fómes., e trabas Armmenſos, porque não comiam frutas dos matos.

João da Silva chegou a Malaca, e deo informação do riſco em que os noſſos ficavam: pelo que o Capitão daquella Fortaleza, que era D. Franciſco da Coſta, que ſuccedeo a D. Leoniz Pereira, negociou com muita preſſa hum galeão, de que fez Capitão hum foão Paes, e huma fuſta, em que foi Alvaro Barreto, nos quaes navios mandou embarcar muitos mantimentos, munições, e roupas, e fez embarcar por força alguns ſoldados; porque naquelle tempo pera elles era hum deſterro perpétuo. Partido eſte ſoccorro com homens forçados, os que hiam na fuſta fizeram com que arribaſſem a Fundá, e o galeão ſe foi metter na enſeada de Japará; onde deo á coſta, e todos os que nella hiam foram cativos: dizem que hum meſtiço, que hia degradado, cortára de noite a amarra ao galeão, e o fizera rolar a terra. Hiam neſte galeão dous Padres da Companhia, hum dos quaes era Pedro Maſcarenhas, Religioſo de muita virtude, e caridade, homem Fidalgo, e Letrado, natural de Arzila; e o outro era Italiano, e alli onde foram cativos os reſgatáram os Portuguezes que por lá andavam,

e

[illegible] embarcáram em huma fuſta pera Ma- [illegible] meſtiço que fez todo eſte mal, di- [illegible] o ſe fez Mouro, e era tão máo, e perverſo que o mandou aquelle Rey matar por velhaco, ou o permittio Deos noſſo Senhor aſſim por ſuas torpezas : os Padres da Companhia foram depois ter a Malaca, aonde fizeram muitos ſerviços a Deos noſſo Senhor, e paſſáram os trabalhos que ao diante diremos.

Eſtando as couſas de Maluco, e Amboino neſte miſeravel eſtado que diſſemos, chegáram a Ternate os dous galeões, que o Viſo-Rey D. Antonio de Noronha deſpedio no Abril paſſado com muitos provimentos, dos quaes foram por Capitães Fernão Ortiz de Tavora, provído daquella viagem, e Pedro Lopes Rebello, que foram recebidos dos noſſos como ſoccorro vindo do Ceo ; e porque era monção do cravo, carregáram logo, e ſe partíram pera Amboino com os provimentos que hiam forçados pera aquella Fortaleza, com que os que nella eſtavam ſe animáram, e os naturaes ficáram mais ſeguros na amizade que ſuſtentavam. De Amboino ſe partíram eſtes galeões em Maio deſte anno de ſetenta e dous em que andamos ; e indo atraveſſando o golfo, abrio o galeão de Pedro Lopes Rebello tantas aguas, que ſe hia ao fundo;

do; e acudindo-lhe Fernão Ortiz de [illegible] ra, lhe ſalvou toda a gente; e c[illegible] muita, foi-lhe faltando a agua, [illegible] foi neceſſario arribar ao Macaſſar, e tomoú da outra banda do mar da Jaoa já ſem agua alguma, e como deſeſperados ſe foram á Ilha do Salazar pera ſe proverem; e eſtando ſurto nella, lhe deo huma tormenta de Sudoeſte, que varou com o galeão á coſta, e a gente ſe ſalvou no batel, e em outras embarcações da terra, e ſe paſſáram ao Macaſſar, e aquelle Rey os recolheo humanamente, e os mandou levar a Malaca em juncos, dando-lhes tudo o neceſſario, que tambem entre os barbaros não falta caridade; e parece certo que tinha Deos noſſo Senhor o açoute de ſua Divina juſtiça ſobre aquella gente de Maluco pelas crueldades que uſáram com aquelle Rey, e injuſta morte que lhe deram, porque depois que o matáram até hoje não paſſáram lá ſenão muito poucos galeões, e o lugar de Ative eſtá em huma Ilha entre a de Ito, e a de Liaſer, oito leguas da Fortaleza, e he muito povoada, e tem junto de ſi dous lugares de ſua facção, cujos moradores são muito cavalleiros, as mulheres muito fermoſas, e deshoneſtas. Neſte lugar fizeram os Padres da Companhia huma Igreja, á qual acudíram todos aquelles Chriſtãos á ro-

da,

[illegible]ſtes Atives, que eram grandes amigos [illegible]os, deſejavam offerecer-ſe alguma [illegible]a ſe vingarem de alguns aggravos que lhes pareciam ſer-lhes feitos, e çumprio-lhes o demonio ſeus deſejos por eſta maneira. Tanto que víram auſente o Capitão mór, e desbaratado, e morto a Simão de Abreu o Papa Ferro, como diſſemos, ordenáram de dar nos noſſos, e convocáram os dous lugares aſſima nomeados, e huma noite foram demandar o lugar, em que a Igreja eſtava, e matáram ſinco Portuguezes. Os Padres da Companhia, que tinham a Igreja em hum alto, e lá ouvíram o reboliço, e entendendo o que era, o Padre Pedro Maſcarenhas diſſe ao companheiro, que ſe foſſem pera os matos; e eſtando neſte conſelho, deram os inimigos na Igreja, e matáram o companheiro do Padre Pedro Maſcarenhas, e elle quiz Deos que tiveſſe tempo, e lugar pera eſcapar daquella furia, e ir-ſe embrenhar nos matos. Feito iſto, recolhêram-ſe os inimigos, e o Padre andou pelos matos oito dias, ſem comer mais que humas frutas pequenas, e beber agua que havia alli muita, e muito boa. Os moradores do lugar de Oma, que eram noſſos amigos, e viviam na coſta da outra banda do Sul, tiveram logo aviſo do negocio, e de como o Padre ſe acolhêra

aos

aos matos, e foram logo em busca [illegible] e o acháram assentado ao longo d[illegible] ribeira tão fraco, que se não p[illegible], e vendo aquella gente, cuidando que o hiam matar, se deixou estar muito seguro, offerecendo-se a Deos no seu coração em sacrificio. Os que o buscavam chegando á elle, o consoláram, e o mettêram em hum andor, dizendo-lhe que se não receasse de cousa alguma, e no seu lugar o agazalháram, e provêram de tudo o necessario. O Padre ficou consoladissimo com aquelle não esperado soccorro, entendendo lhe viera da mão de Deos nosso Senhor, que sempre costuma acudir onde menos esperança ha de humano remedio.

Sancho de Vasconcellos sabendo tamanha traição, convocou os vizinhos amigos no mesmo dia; e embarcando-se na Armada á meia noite, chegou ao lugar de Achua, aonde desembarcou sem ser sentido; e commettendo o lugar, o entrou, e destruio, mettendo á espada toda a cousa viva, sem perdoar nem a velhos, nem a meninos de peito; e pondo fogo ao lugar, assim elle, como todos os mortos se convertêram em cinza, e com esta vingança, e satisfação se tornáram pera a Fortaleza, onde se apercebeo de algumas cousas, e logo se tornou a embarcar, e foi demandar a Ilha Rosa-

ler

[illegible]ze leguas da noſſa Fortaleza, cujos [illegible]res eram grandes inimigos dos Portug[illegible], e deſembarcou nella, e foi por huma ſerra [illegible]a, onde elles tinham ſuas tranqueiras, e eſtavam deſcuidados de tal ſob[illegible]lto; e commettendo-as os noſſos, foram entradas á força de braço, e dentro matáram mais de duzentos, e lhes eſcaláram as caſas, em que lhes acháram razoadas prezas, com que ſe recolhêram bem ſatisfeitos.

CAPITULO XIII.

Torna a continuar as couſas da India, e as Armadas que o Viſo-Rey lançou fóra: e de como o Mogor ſe ſenhoreou do rio de Cambaya.

NA ſexta Decada, livro decimo, Capitulo dezeſeis démos larga conta de como por morte de Soltão Mamúde Rey de Cambaya levantáram os grandes do Reino por Rey a Soltão Mahamud, que diziam ſer filho do morto, o qual como era de ſete pera oito annos, ficou em poder dos tres tutores Alucan, Itimitican, e Madre Maluco, em cujo poder andou o triſte, e pobre moço até agora, que bem pobre ſe póde chamar, pois não mandava couſa alguma, por ſer como huma eſtatua muda,

ſem

ſem poder fallar, porque o não dei[illegible] ſer ſenhor de ſuas acções: e pro[illegible] Deos que ſuccedêra eſta deſgr[illegible] barbaros, e não chegára a abranger a alguns Reys Chriſtãos, e de xaque em xaque, como Rey de Xadrés, andava o pobre moço ora nas mãos de hum, ora nas de outro dos tutores, ſem elle ter vontade, nem querer, ſobre o que via entre aquelles tres tyrannos que mandavam, e comiam tudo com grandes invejas, e ciumes: e ſuccedeo naquelle tempo que o Viſo-Rey D. Conſtantino tomou a Cidade de Damão, que foi no anno de mil e quinhentos e ſincoenta e nove, em que eſte pobre moço teve modo, com que fugio de Madre Maluco pera o Itimitican, o qual como era máo homem, ſempre ſe receou dos grandes do Reino, e pera ſe ſegurar quiz uſar de huma das maiores traições, que nenhum vaſſallo uſou com ſeu Rey, e foi eſta.

Eſtava o Hibar Rey poderoſo dos Mogores na Cidade de Agará, onde então tinha ſua Corte, que poderiam ſer . . . . jornadas do Reino de Cambaya, o qual era o maior ſenhor de todo o Oriente, e andava com penſamentos de conquiſtar todos os Reinos do Decan, pera ficar maior ſenhor que o Grão Tamorlão de quem deſcendia; e além da má inclinação que o Iti-

mi-

porem tinha, parece que suspeitou que o nio da tinha tambem os olhos naquelle do Mar, querendo-se segurar em seu estado, quiz quebrar hum olho a si (como dizem) por quebrar ambos aos levantados, e em grande segredo despedio Embaixadores ao Mogor, pelos quaes lhe mandou dar conta do estado em que as cousas daquelle Reino de Cambaya estavam, e que se quizesse senhorear-se delle, que elle lho entregaria sem golpe de espada, e lhe poria o Rey moço em seu poder, com tanto que o havia de deixar a elle Itimitican por Viso-Rey de todo aquelle Reyno, e com outros partidos largos, que o Mogor lhe concedeo liberalmente; e não dilatando o negocio, se partio com sincoenta, ou sessenta mil cavallos, com que em poucos dias entrou pelo Reyno de Cambaya, e o Itimitican o foi esperar á Cidade de Amadabá, onde lhe entregou aquelle Rey, e se poz em suas mãos. O Mogor que nunca tal imaginou, avaliando por grande aquella felicidade, recolheo o Rey com muita honra, e o entregou a hum Capitão, que tinha dez, ou doze mil cavallos, pera que livremente o trouxesse em sua guarda, e elle foi entrando pelo Reyno, e senhoreando-se delle sem golpe de espada até chegar á Cidade de Cambaya, donde mandou prover as cou-

ſas do Reyno, e mandou levar a ſi todos os Capitães principaes, e os entregou a quem os trouxeſſe em boa guarda.

Eſtavam naquelle tempo na Cidade de Cambaya alguns ſincoenta, ou ſeſſenta Portuguezes mercadores, que ſe não puderam recolher por terem ſuas fazendas em terra. Eſtes, vendo aſſim o Reyno entregue, ajuntáram-ſe todos veſtidos o mais cuſtoſamente que pudéram, e ſe foram offerecer ao Mogor, que lhes fez grande gazalhado; e como no jogo da fortuna eſtava com tanta ganancia, ſem cuſto algum lhes fez mercês de barato, ſegurando-os que ſe não temeſſem, e mandou que ſe lhes não buliſſe em couſa alguma de ſuas fazendas, e lhes diſſe que lhe pediſſem mercês, porque lhas faria: o que viſto por elles, lhe pedíram de mercê que quitaſſe os direitos aos Portuguezes mercadores, que foſſem áquelle porto com ſuas fazendas, o que o Mogor lhes concedeo facilmente, ſuppoſto que não pode o Rey cumprir eſta ſua vontade, porque hum Capitão, ou Veador da fazenda lhe foi á mão, dizendo-lhe que lhe importava aquillo todos os annos trezentos mil cruzados, pelo que a mercê não teve effeito; e parecendo-lhe bem aquelle trajo dos noſſos, mandou fazer outros de capas de raxa, chamalotes, roupetas, calções, e

bo-

botás, e pedio aos Portuguezes algumas gorras, que se então costumavam de Milão, e alguns chapeos, e vestio-se á Portugueza com espada, e adaga, pelo que os nossos lhe beijáram a mão.

O Mogor ficou concertando as cousas do Reyno, e mandou tomar posse das Fortalezas de Baroche, e Surrate, em que poz Capitães Mogores, como fez nas mais Cidades, e só alguns Regulos, que viviam em serras fortes, se sustentáram nellas, e alguns levantados mais que se ficáram com as partes que governavam, quando morreo Soltão Mahamede lá pera as serras de Jurager.

Disto teve logo o Viso-Rey aviso; e vendo quão máo vizinho era o Mogor, e que era necessario acudir a segurar as Fortalezas do Norte, despedio pera esse effeito a Jorge de Moura com huma galé, em que elle hia, e seis fustas, de que foram por Capitães Christovão do Amaral, João Correia de Brito, Vicente Paes, João Barriga Simões, Nicoláo de Brito, e Henrique Barbosa da Silva, que todos partíram em dezesete de Agosto deste anno de setenta e dous, levando por regimento que não quebrasse com o Mogor, nem fizesse mais que andar á vista da Fortaleza de Damão, e que em segredo defendessem que

não fossem mantimentos pera Cambaya, o que elle fez com muito cuidado, e diligencia; e porque segundáram as novas, D. Luiz de Almeida Capitão de Damão escreveo ao Viso-Rey, que estava aquella Cidade aberta, que era necessario acudir-lhe, porque se o Mogor tentasse alguma maldade, a não tomasse, pelo que com muita pressa despachou outra Armada de duas galés, e sete fustas, de que foi por Capitão mór D. Jorge de Menezes, que depois foi Alferes mór do Reyno, o qual partio de Goa em quinze de Outubro seguinte, elle em huma galé, Diogo de Azambuja em outra; das fustas foram por Capitães D. Sancho de Vilhena, D. Luiz de Menezes, Pedro Boto Meirelles, Estevão de Pina, Manoel Alvares, Pedro Soares, Apollinario de Val de Rama, que se foi direito a Damão, e andou por aquella costa com grandes intelligencias no Mogor, e veio com huma grande cafila de navios a Goa, donde o Viso-Rey o tornou a despedir pera Cananor a buscar outra com que chegou a Goa, estando já o Viso-Rey pera dar á véla pera Damão.

Como nas Cortes dos Reys do mundo nunca faltam lisongeiros desejosos de ganhar terra com elles, assim succedeo aqui com este barbaro, que estando pondo em or-

ordem as cousas daquelle Reyno, de que se fez Senhor em tão breve tempo sem golpe de espada, sendo sua potencia tão grande nos tempos passados, que assombrava todo o Oriente, lhe disseram que as terras de Damão, e ainda as de Baçaim com suas Cidades eram do Reyno Guzarate, as quaes os Portuguezes comiam, e possuiam, sendo de direito suas; que era descredito da sua potencia dissimular com isso, tendo-as tão perto, e tão certas que não estava em mais senhoreallas que em mandar seus Capitães sobre ellas; e tanto lhe disseram, que mandou fazer prestes Cutibidican com dez mil cavallos, de que logo D. Luiz de Almeida foi avisado, e despedio recado com muita pressa ao Viso-Rey, affirmando-lhe a certeza daquella jornada, que ficava a risco de se perder aquella Cidade pela pouca defensão que tinha, e juntamente se começou a fortificar o melhor, e mais apressadamente que pode ser. O Capitão do Mogor despedio hum enviado ao Capitão da Cidade, pelo qual lhe mandou dizer que o Mogor seu Senhor lhe mandava rogar que lhe despejasse a Cidade, e largasse as terras, que eram do Reyno de Cambaya, cujo Senhor elle era, e que folgaria de não romper com elle sobre o que era seu. D. Luiz lhe respondeo,

que

que eſtava alli da mão do Viſo-Rey da India, ſem cuja licença elle não podia fazer couſa alguma: que lhe mandaria recado; e mandando elle que lhe entregaſſe tudo, o faria com muito goſto; e ſobre eſte negocio tornou o Mogor a replicar por vezes, e de todas ellas o foi entretendo D. Luiz com a eſcuſa de eſperar pelo recado do Viſo-Rey, até elle chegar, como ao diante diremos.

Eſte recado chegou ao Viſo-Rey na entrada de Dezembro, e logo com muita preſſa ſe começou a fazer preſtes pera acudir em peſſoa áquelle negocio com todo o poder que na India houveſſe, porque era mui arriſcado o caſo, ſe nelle houveſſe deſcuido algum; e aſſim quando foi a ultima oitava do Natal, ſahio pela barra fóra com a Armada ſeguinte. Nove galés, huma em que hia o Viſo-Rey, e das outras foram Capitães, D. Jorge Alferes mór que foi, que tinha vindo do Norte com huma grande cafila, D. Garcia de Noronha, neto do outro que foi Viſo-Rey, D. Henrique de Menezes, D. Miguel de Caſtro, filho do Viſo-Rey D. João de Caſtro, D. João da Gama, filho de D. Vaſco da Gama, ſegundo Conde da Vidigueira, Franciſco da Silva de Menezes de Campo Mayor, Diogo de Azambuja, e Rodrigo Homem da

Sil-

Silva. Levou oito galeotas Latinas, cujos Capitães foram: D. Diogo de Menezes, Manoel Furtado de Mendoça, irmão de André Furtado, que foi Governador, Fernão de Albuquerque, que ainda hoje vive, Gaspar de Brito do Rio, João de Mello de Sampayo, filho do Doutor Gaspar de Mello, Nuno de Mendoça, e Diogo Dias do Preste. Fustas levou setenta e seis, de que foram Capitães Manoel de Sousa Coutinho, que depois foi Governador, D. Rodrigo de Sousa, D. Rodrigo de Castro, D. Francisco de Sousa, D. Martinho da Silveira, Ayres Falcão, Jorge da Silva Pereira, filho de Ruy Pereira da Silva, D. Antonio de Castro, Alexandre de Sousa, Antonio Mascarenhas, João Gomes de Abreu de Lima, Diogo da Silva, Jeronymo Carvalho, Francisco Paes de Mello, Nuno Cordeiro, Gonsalo Guedes de Reboredo, Antonio de Espinola, Luiz de Sousa, Gaspar de Sá, Manoel Fernandes de Beja, Fernão Alvares do Oriente, Pedro Furtado de Mendoça, João Fernandes da Costa, Christovão de Araujo Evangelho, Antonio de Sousa Coutinho, Luiz Ferreira o Chatim, Gregorio Boto, Pedro Fernandes Brochado, Vasco da Silva, Manoel de Miranda, Francisco Pereira, Antonio Vaz Correia, Estevão Gonsalves, Mestre Capitão

tão

tão dos Inhames, Manoel Dias, Fernão Gomes, Lopo Pereira, Pedro Zuzarte Tição, Alvaro de Abreu Pereira, D. Leoniz Pereira, Capitão que foi de Malaca, Manoel de Mello, Damião Furtado, Diogo Collaço, Christovão de Tavora, Martim Affonso de Mello, João Ferreira Fialho, Diogo Lopes de Mesquita, que foi Capitão de Maluco, D. Paulo de Lima Pereira, Antonio Telles de Menezes, Alvaro Ferreira, Manoel Rodrigues, Cosme Duarte, Luiz Fernandes, Rodrigo Monteiro. O Licenciado Antonio Correia, Ouvidor geral, Diogo Fernandes o Forte, João Pereira, Francisco Pereira, Diogo do Quintal, Diogo de Mello Coutinho, e Zofocão Principe do Balagate, D. João Principe de . . . . . o Inquisidor Bartholomeu da Fonseca, Agostinho Nunes, Francisco de Mello, Antonio Luiz, Gaspar Tavares Cananôr, D. Luiz de Menezes, Henrique Dias, Apollinario de Val de Rama, D. Sancho de Vilhena, Estevão de Pina, Pedro Boto Meirelles, Manoel Alvares, Manoel de Saldanha, D. Garcia Malavar, Bartholomeu de Magalhães, Pedro Fernandes, e outros.

Levou mais sinco galeões, cujos Capitães foram D. Pedro de Castro, D. Francisco Henriques, Ayres de Sousa, Manoel

de

de Brito, e Mem Lopes Carrafco. Nefta Armada hia o melhor de tres mil homens de armas a fóra a gente da terra, cujos provimentos de toda ella me encarregou o Viſo-Rey, e em menos de hum mez deo á véla; e como ventavam terrenhos, e virações, em poucos dias foi tomar Baçaim, onde teve recado de D. Luiz de Almeida, que os Mogores eftavam já menos de duas leguas daquella Cidade, pelo que teve conſelho com ſeus Capitães, e Fidalgos velhos ſobre o que faria, e os mais delles votáram que o Viſo-Rey ficaſſe naquella Cidade de Baçaim, e mandaſſe toda aquella potencia a Damão; porque vendo os Mogores, e ſabendo que o Viſo-Rey ficava em Baçaim, haviam de ter pera ſi que com elle ficava outro poder maior, e que vendo-o em Damão, tambem haviam de cuidar que levava comſigo todo o poder que na India havia, e que era muito differente huma couſa da outra pera os Mogores não paſſarem ſobre Damão: em fim debatido o negocio, aſſentou o Viſo-Rey de paſſar adiante, porque houve votos que ſe conformáram com elle, dando por razão, que quando os Mogores o lá viſſem, não haviam de medir a gente pela que levava a Armada, ſenão pela potencia da ſua máquina, em que ao menos haviam de cuidar

dar que hiam mais de seis mil homens, e que só o nome de estar o Viso-Rey da India em Damão havia de enfrear muito os Mogores, no que se não enganou; e tomando alli mais doze, ou quinze navios, que se lhe ajuntáram de Chaul, e Baçaim, os quaes os Fidalgos alli casados tinham armados pera acompanharem o Viso-Rey, deo á véla pera Damão, aonde chegou em poucos dias, e deixando os galeões fóra, entrou o rio com as galés, e com a Armada de remo, que se estendeo de huma, e outra parte, ficando o rio entulhado de embarcações que ao entrar salváram a Cidade com tanto estrondo, que foi espanto, e o mesmo fizeram os galeões, cujos terremotos foram dar nos ouvidos dos Mogores, que os assombrou de maneira que não sabiam parte de si. O Viso-Rey desembarcou em terra, e foi visitar as fortificações, e as mandou renovar com muita pressa, porque não tinha a Cidade mais muros que huns entulhos altos de arêa, e mettidos por elles humas arvores, e hervas leiteiras mui grandes, e espessas, ás quaes se não póde chegar pera as cortar, porque o leite que dellas salta, se dá nos olhos, logo os céga, e trata mal, e com a artilheria não se podem bater, porque nos pés dellas nos entulhos de arêa ficam os pelou-

ros

ros enterrados, e mais assima passam pelas arvores sem fazerem damno; e nos baluartes, que tinha da mesma feição, mandou pôr algumas peças de artilheria pera varejarem o campo que se descobre todo, e por nelles Capitães com seus soldados de maneira, que ficou a fortificação segura, e assim entendeo o Viso-Rey em outras cousas de que havia necessidade com muita ordem, e brevidade.

Tanto que soube o Capitão dos Mogores ser o Viso-Rey chegado, logo avisou o seu Rey, que estava em Baroche, pelo que se passou a Surrate por ficar mais perto de Damão, donde proveo em muitas cousas do Reyno, e houve ás mãos os Capitães alevantados, que mandou ter a bom recado, e mandou prover aquellas Fortalezas de outros seus vassallos com que os segurou; e tendo recado em como o Viso-Rey estava em Damão com aquelle poder, não quiz romper com elle, antes procurar amizades pelo proveito que disso tinha na navegação de suas náos pera Meca, em que elle determinava de metter grande cabedal, e sua mãi, e algumas mulheres desejavam de ir visitar o sepulcro de Mafamede; pelo que ordenou hum Embaixador com grande apparato, e magestade pera o ir visitar, e tratar com elle amizades, o

qual

qual em breves dias foi ter a Balſar, e dahi mandou fazer a ſaber ao Viſo-Rey da ſua vinda, o qual lhe mandou preparar hum grande recebimento, e lhe mandou os parabens della por Chriſtovão do Couto Lingua do Eſtado, que pera iſſo foi muito acompanhado, e ambos aſſentáram o dia, em que queriam fazer ſua entrada, que foi por eſta maneira.

Mandou o Viſo-Rey chegar os galeões o mais perto da barra que pode ſer, e as galés que ſe puzeſſem pelo meio do rio em fileira, e hum eſpaço diante huma da outra, e as fuſtas que ſe eſtendeſſem de longo da ribeira de huma, e outra parte, e os baluartes da Cidade ſe encheſſem de bandeiras, como fizeram os galeões, e as fuſtas todas, e as galés com ſuas flamulas, galhardetes, e bandeiras todas fermoſiſſimas; e a galé baſtarda, em que o Viſo-Rey eſtava, ſe poz no meio das outras com ſeu toldo de borcado franjado de ouro, que arrojava quaſi até a agua, e na quadra a bandeira Real das Armas de noſſo Senhor Jeſu Chriſto, e na poppa tres grandes faroes dourados, e a chuſma veſtida o melhor que pode ſer, e a coxia do maſtro até a eſtanteirola cuberta de fermoſas alcatifas, e o toldo com outras mais ricas, e por ſima guarnecidas de pannos de ouro,

de

de maneira que estava a Armada tanto pera temer, como pera se folgar de ver; e o dia da entrada do Embaixador mandou o Viso-Rey chamar pera a sua galé todos os Fidalgos velhos, e Capitães, que eram mais de duzentos, que foram custosissimamente trajados, e armados por baixo, os quaes se estendêram pela galé de poppa á proa por sima dos balesteiros, e o Viso-Rey dentro no toldo assentado em huma cadeira de borcado, vestido de huma roupa preta, e huma saia de malha muito rica por baixo, e hum pagem com hum montante nú junto delle, no cabo da coxia encostado á estanteirola estava D. Jorge de Menezes, que depois foi Alferes mór do Reino, armado de armas inteiras brancas mui reluzentes, e huma cellada de aço na cabeça a modo de viseira, e nas mãos hum grande montante dourado nú; e como era hum dos fermosos homens de seu tempo, assim na estatura do corpo, como no valor de sua pessoa, e animo, só pera o ver se pudéra tomar qualquer trabalho.

O Embaixador do Mogor chegou á outra banda da praia, onde o esperava D. Luiz de Almeida Capitão da Cidade com seus parentes, e amigos muito louçãos, e nas vistas tiveram grandes cumprimentos; e tomando elle o Embaixador pela mão, o em-

embarcou em huma fusta ricamente preparada, e o levou ao toldo, onde se assentáram cada hum em sua cadeira de veludo; e ao affastar, e desamarrar da praia se fez hum sinal, com o qual começáram os galeões a disparar aquella soberba furia de artilheria huma, e muitas vezes, e o mesmo fizeram as galés, indo já o Embaixador pelo meio dellas, o qual fez parar a embarcação, porque com as nuvens do fumo não viam por onde hiam, porque escurecia a claridade do Sol, e depois das galés fizeram o mesmo as fustas, e navios de remo, o que tudo foi de muito maior espanto pera os Mogores, que nunca imagináram de ver, e cuido certo que de boa vontade trocára o Embaixador as honras de se ver naquelle lugar por se não ver nelle: durou esta salva largas duas horas; e tanto que o estrondo cessou, que se começáram a espalhar as nuvens de fumo, foi o navio em que o Embaixador hia remando pera a galé, e antes de chegar a ella lhe deo tambem huma fermosa salva: foi a fusta demandar a proa como estava ordenado, pela qual, e por sima daquelles fermosos canhões, e bazilifcos foi o Embaixador desembarcado, e pela coxia o foi o Capitão D. Luiz sempre levando de mão, indo elle muito grave, pondo os olhos naquel-

quella fermosa fidalguia que de huma, e outra parte estava; e chegando á estanteirola, deo com D. Jorge de Menezes em pé na fórma que disse; e parando hum pouço a olhar pera elle, lhe fallou. O Viso-Rey ao entrar do toldo se levantou, e deo alguns passos a tomar o Embaixador, que se lhe vinha humilhando, e o levou nos braços, e pela mão o levou ao toldo, onde se assentáram, e o Viso-Rey lhe perguntou pela saude do Hecobar, e de seus filhos, ao que lhe respondeo em fórma; e passados estes primeiros cumprimentos, lhe disse o Viso-Rey que elle vinha muito alvoraçado pera ver o Hecobar, parecendolhe que o achasse mais perto; mas pois não podia satisfazer este desejo, o mandaria fazer por seu Embaixador, que despediria em sua companhia: e que estimava muito que fosse Senhor do Reyno de Cambaya por ficar mais perto das nossas Fortalezas, donde os Capitães dellas, e elle Viso-Rey o serviriam, e sustentariam com elle huma firme amizade pera melhor conservação de seus Estados. O Embaixador depois de ter sobre aquelles pontos os agradecimentos devidos, e cumprimentos necessarios, lhe deo sua embaixada, que toda redundava em desejar com o Estado da India a mesma paz, e amizade de que a todos resultaria

gran-

grandes bens, e accrefcentamentos; e por fim vieram a affentar, que o Vifo-Rey mandaffe feu Embaixador a concluir as pazes com o mefmo Hecobar, que eftava em Surrate: e que elle Embaixador efperaffe dous, ou tres dias da outra banda, onde tinha as fuas tendas até fe aviar a peffoa que com elle havia de ir, e que recolheffe a gente de guerra das terras de Damão, porque os moradores das aldeas, que era gente coitada, eftavam affombrados, e não oufavam cultivar fuas terras, o que o Embaixador prometteo, e cumprio inteiramente, e com ifto o defpedio com algumas peças ricas que lhe deo, e ao defembarcar teve outra falva femelhante á paffada, e o Capitão D. Luiz o poz da outra banda, e fe tornou pera a Cidade.

O Vifo-Rey tratou logo da eleição da peffoa, que havia de ir por Embaixador, e por parecer dos mais foi eleito Antonio Cabral, que era homem Fidalgo, e de bom entendimento, e de muitos annos da India, e que poderia fazer muito bem aquelle negocio, o qual logo fe fez preftes de trajos, e apparatos pera o lugar, que hia reprefentar diante de hum tamanho Monarca, e o Vifo-Rey lhe deo apontamentos das coufas, que havia de tratar fobre as pazes, e provisão pera conceder ao Hecobar

var huma náo sua pera ir de Surrate ao porto de Méca forra dos direitos. Negociado Antonio Cabral, passou-se da outra banda, levando comsigo Christovão do Couto Lingua do Estado, e oito, ou dez homens de ginetes muito bem ataviados, e outra gente de serviço, e em companhia do Embaixador Mogor foi a Surrate, tendo o Hecobar já recado do seu Embaixador das cousas que tinha passado com o Viso-Rey, e de como lhe mandava seu Embaixador, ao qual elle mandou receber mui honradamente, tendo com elle as práticas ordinarias de lhe perguntar pela saude de ElRey de Portugal, e do Viso-Rey, e por outras cousas, a que lhe respondeo Antonio Cabral muito em fórma, e commetteo alli logo ás pessoas que lhe pareceo a conclusão do negocio das pazes, com as quaes Antonio Cabral ficou correndo, sendo em tudo Christovão do Couto a Lingua, porque era homem muito resoluto naquelles negocios, e por fim se vieram a concluir as pazes, e a se jurarem, Antonio Cabral por parte do Viso-Rey; e da parte do Hecobar não pude saber se as jurou elle, se outrem em seu nome; e os pontos principaes com que se concluíram se poderáõ ver melhor deste formão que dellas passou o Hecobar, das quaes eu te-

nho tres traslados na Torre do Tombo, cujo theor he o seguinte.

PODEROSO DEOS HUM SO'.

Mandado de Gelaldim Mamede Hecobar Patagasi.

» AOs meus nobres, e honrados Regedores, Governadores, Capitães, e Fidalgos, e a todos os desta dignidade, e a todos os mais meus criados, e Officiaes, a que o conhecimento deste pertencer, mórmente aos que regem, e governão esta Provincia de Guzarate, e principalmente aquelles que tem mandado supremo em Baroche, e Surrate, e na Prasara, de Nausaury, e de Velodára: saibam todos que o muito honrado dos mui illustres, e affamados deste tempo, obediente ao alto mandado, D. Antonio de Noronha Viso-Rey dos Portuguezes me mandou offerecer, e mostrar quanto desejo tinha de minha amizade, e quanta vontade tinha de fazer serviços a esta minha alta, e Real casa, offerecendo-se-me pelo honrado Antonio Cabral, que por elle chegou a supplicar, e beijar o pé de meu alto assento, a qual offerta, e offerecimento me contentou, e houve por

» bem

» bem mandar passar este meu alto, e il-
» lustre formão, pelo qual vos mando em
» geral a todos, e a cada hum por si, que
» Damão, e suas terras, de que elle está
» de posse, e as tem em seu poder, que
» lhas não tomeis, nem mandeis tomar,
» nem nellas entrar por nenhum caso, nem
» chegar a seus extremos; e os Malavares
» que vierem com mercancia, e navegarem
» em seus paraos, e fustas, sendo ladrões, e
» malfeitores, e merecerem ser castigados,
» não os favoreçais, por serem perjudiciaes
» a toda a nação; mas antes vos mando
» que favorecendo os ditos Portuguezes, se-
» ja notorio a todos este favor, que lhes
» eu mando dar: fazei-o de maneira com
» que elles fiquem de mal livres, e do da-
» mno que lhes poderão fazer, pera que
» com isso vivam contentes; e ás ditas ter-
» ras não irá ninguem, nem a seus extre-
» mos; e não consentireis a outrem que
» lhe faça damno algum; e o que virdes
» que he rebelde a este meu alto mandado,
» castigareis de maneira com que por ne-
» nhum caso possa fazer damno algum: e
» todo o escravo de Portuguezes que vier
» a lugares, e terras nossas fugindo das suas,
» examinareis a tenção que pera isso teve,
» e conforme a lei será julgado, e entre-
» gue a seu dono: pelo que vos mando

» que em ſe cumprirem eſtas couſas não ha» ja dúvida alguma. Feito a dezoito de » Março de mil e quinhentos e ſetenta e » tres. » Eſte formão tiveram alguns pera ſi que ficára em deſcredito do Eſtado pela grande ſoberba, que eſte barbaro nelle uſára, e houve dúvidas ſe ſe havia de aceitar, ou ſe ſe havia diſſimular, por ſe não arriſcar aquella Fortaleza pela grande potencia com que eſte Rey eſtava tão perto della.

O proprio com o ſello pendente do Hecobar feito em huma folha de papel de marca maior, achei eu na mão de hum homem, que me não lembra ſeu nome, nem como me diſſe viera a ſeu poder, o qual eu levei ao Viſo-Rey, que me parece era D. Franciſco Maſcarenhas, pera que ſe veja como ſe guardam as couſas que tanto importam, e ſe põe em cobro neſte Eſtado, onde ſe não trata mais que de ajuntar, e andar; e ainda eſte proprio que eu deſcubri, e dei ao Viſo-Rey, não ſei que he feito delle, ſendo obrigação eſtar na Torre do Tombo, como padrão de huma doação de tanta importancia, como he o de huma Cidade com mais de doze leguas de juriſdicção: e por eu lembrar eſtes deſcuidos, ElRey D. Filippe, que eſtá em gloria, quando me commetteo eſta hiſto-

ria

rno da India, mandou logo ordenar esta Torre do Tombo, aonde mandou se recolhessem todos os papeis, livros, e cousas que houvesse em casa do Secretario, e na Chancellaria, e todas as instrucções, e regimentos que vem do Reino todos os annos, o que nunca pude acabar com os Viso-Reys que o fizessem assim executar, e quasi que está esta casa por fórma só com o titulo de Torre do Tombo, sem ter mais que huns poucos de livros velhos, que aqui lançáram os Officiaes por lhes não aproveitarem, nem servirem de cousa alguma.

E porque a mãi, e mulheres do Hecobar desejavam, como disse, irem-se offerecer á casa de Mafamede pera segurança da náo em que fossem, pedíram os Ministros do Mogor a Antonio Cabral salvo conducto pera poder partir de Surrate huma náo cada anno pera Méca forra dos direitos, que elle concedeo livremente, encommendando aos Capitães no salvo conducto que lhe déssem, e fizessem todo o favor, e serviço á mãi, e mulheres do Hecobar que lhe fosse necessario. Feitas estas amizades, e celebradas em Surrate, e em toda Cambaya, se despedio Antonio Cabral do Mogor, e se foi pera Damão, onde o Viso-Rey ainda estava dando despacho a muitas cousas.

E

E porque não fique isto pera outro lugar por caber neste, direi o que custa este cartaz todos os annos ao Estado. Andava a Alfandega de Dio neste tempo arrendada; e sabendo os rendeiros da liberdade desta náo, reclamáram ao Viso-Rey, pedindo abatimento do que importavam seus direitos, o que correo diante dos seus Officiaes da fazenda, onde se alvidrou que se descontassem dezoito mil pardáos cada anno da renda, visto pagarem outras, que se despachavam em Dio a mesma quantia, de que os rendeiros apresentáram certidões dos livros das Alfandegas. E assim ficáram faltando nas rendas do Estado cada anno aquelles dezoito mil pardáos: e não foi só esta a perda que por aqui recebeo, mas pelos tempos adiante recebeo mais de cinco mil cruzados por esta maneira. Tanto que os moradores de Cambaya (que costumavam ir a Méca em suas náos, que eram doze, e quinze, e tinham obrigação de irem carregar a Dio, e pagar alli os direitos) víram ser esta náo liberta dos direitos, lá em Méca embarcavam nella o seu ouro, prata, e brocados, coral, e outras fazendas ricas, que era o principal rendimento daquella Alfandega; e as náos da obrigação daquella Fortaleza chegavam a ella com o rebotalho das fazendas, que na

ou-

outra se não pudéram carregar, e a de menos substancia, de que a Alfandega recebe grandes perdas, em que não ha remedio algum, por quanto se havia de guardar aquelle cartaz que se concedeo, porque importa assim ao Estado pelo credito, e pela quietação da Cidade, e terras de Damão, em cuja defensão se gastaria duas, e tres vezes mais do que isto monta pera se defenderem. Estando o Visc-Rey aqui em Damão provendo em muitas cousas, lhe chegáram cartas de Maluco, assim da morte de Gonsalo Pereira Marramaque, como do estado perigoso em que a Fortaleza de Ternate ficava, pelo que abbreviando os negocios, fez logo volta pera Goa.

O Mogor tanto que concluio com as cousas de Cambaya, e deixou dada ordem a seus governos, foi-lhe necessario acudir aos outros Reinos, porque se receava que assim os Liquios, que confinão com elle pela parte do Norte, como os Patanes, que lhe ficam ao Nascente, que todos são seus mortalissimos inimigos, vendo-o muito tempo ausente lhe entrassem por seus Reinos, como já fizeram por algumas vezes, como se verá na minha quinta, e sexta Decadas: pelo que se poz logo a caminho, levando comsigo o Rey entregue (como disse) a hum Capitão, que o tratava mui-

muito bem, e o mesmo fez ao Itimiticam, que lhe entregára o Reino, e aos mais Capitães, por assim segurar melhor a sua causa; e como he muito natural nos Reys estimarem a traição, e aborrecerem aos traidores, em pago de o Itimiticam lhe entregar aquelle Reino, lhe mandou em Laor cortar a cabeça, porque este foi o galardão que lhe deo, dando por razão que quem fora traidor ao seu Rey natural, e que chegou a entregallo em pessoa com o Reino, não guardaria lealdade a quem não tinha obrigações; e o mesmo fez aos mais dos outros Capitães por lhe não ficar cousa de que se pudesse temer, e recear, e por ficar seguro naquelle Estado, que tanto assombrou todo o Oriente. Chegou o Viso-Rey a Goa na entrada de Abril, e logo tratou do soccorro de Maluco por achar novas certas do miseravel estado em que aquellas partes estavam, e mandou negociar hum galeão, huma náo, e tres galeotas, em que se mettêram muitas munições, mantimentos, e roupas. Partio na entrada de Maio, e elegeo por Capitão mór deste soccorro a Antonio Valadares de Lacerda, que era provído da viagem de Bandá, que havia de ir fazer depois de deixar este soccorro em Maluco: da náo foi Antonio Machado Capitão; das galeo-

tas

tas foram Francisco de Mello Soares, que depois foi Capitão de Barcellor, Christovão Machado, e D. Francisco de Lima. Partidos de Goa, não pudéram as galeotas dobrar a ponta de Gále, e arribáram a Ceilão, onde invernáram, o galeão, e a náo a passáram, e foram seguindo sua jornada, de que ao depois daremos razão.

E por quanto o Çamori fazia movimentos contra a Fortaleza de Cranganôr, despedio o Viso-Rey no mesmo tempo a Vicente Dias de Villalobos com duas galés, e sinco fustas pera ir invernar naquella Fortaleza: nas galés hia elle, e Vasco Fernandes Pimentel; nos navios hiam João Fernandes da Costa, Ruy Gonsalves Ribeiro, Manoel Carvalho de Oliveira, Bartholomeu Fernandes, e D. Garcia o Malavar.

E assim proveo as Fortalezas do Canará de alguns Capitães, e soldados, e a de Columbo em Ceilão com dous navios, em que foram Francisco Gomes Leitão Capitão do Campo, e Jeronymo Monteiro, e com isto se cerrou o inverno.

Muita perda foi pera os Chatins de Barcellor aquella Fortaleza em seu porto, porque não só lhes tirava os provimentos, mas ainda a sua liberdade, porque ficavam como cativos, sendo de antes tão livres, que não havia quem lhes fosse á mão: pelo que

ven-

vendo entrado o inverno, e que a Fortaleza ficava com pouca gente, determináram de a tomar; e ajuntando finco, ou feis mil homens, foram fobre ella, e lhe puzeram hum rijo cerco. Ruy Gonfalves da Camera, que nella eftava por Capitão, foi avifado das preparações que faziam, e com muita preffa defpedio recado ao Vifo-Rey, que lá chegou no fim de Agofto; e vendo que era forçado acudir áquelle negocio, logo com muita preffa mandou lançar ao mar tres galeotas, e elegeo pera irem nellas a Gonfalo Nunes, filho de Leonardo Nunes, Fyfico mór de ElRey, por Capitão mór, e a Rodrigo Homem da Silva, filho de Vafco Homem Fernandes, e Ruy Gonfalves Ferreira, que com fer inverno tormentofo fahíram pela barra fóra em nove de Junho, e em fua companhia foram Antonio de Menezes de Vafconcellos, e Diogo Lopes da obrigação de Ruy Gonfalves da Camera, cada hum em fua almadia forçando os mares, e os ventos por fer o tempo groffo, quafi alagados chegáram áquella Fortaleza, que eftava muito trabalhofa, e tinha todos os dias grandes rebates, e affaltos dos inimigos; mas com o foccorro ficáram mais aliviados, e todavia os inimigos foram mettendo cada vez mais cabedal, e apertáram muito com os nof-

fos,

ſos, do que Ruy Gonſalves aviſou ao Vi-ſo-Rey, e lhe pedio mais ſoccorro, que elle logo negociou, e elegeo por Capitão mór delle D. Jorge de Menezes, que depois foi Alferes mór, a quem mandou armar doze galeotas, e fuſtas, que em breves dias ſe apercebêram, e partíram de Goa em dezenove de Julho, e os Capitães, a fóra D. Jorge, foram os ſeguintes. Roque de Brito, que hia por Feitor da Armada, Triſtão Gomes Pereira, filho do Tanadar mór de Goa, Franciſco Pereira, Sebaſtião Gonſalves de Alvellos, Leonel de Lima, que em Portugal foi Provedor da Caſa da India, Pedro Boto Meirelles, D. Eſtevão de Menezes, filho de D. Jorge de Menezes o Baroche, Cuſtodio Mendes de Vaſconcellos, D. Diogo da Silveira, filho de D. Simão da Silveira o Velho, Thomé de Souſa Coutinho, irmão de Manoel de Souſa Coutinho, que depois foi Governador da India, Domingos Ferreira Eſcorcio, e Diogo Rodrigues, homem da terra.

D. Jorge de Menezes não pode ſahir pela barra fóra por ſer o tempo muito tormentoſo, e eſtarem os bancos areados, e ſoberbos, pelo que determinou de ir pela de Goa velha, e aſſim foi por dentro dos rios rodeando a Ilha até a boca da barra, que ſe chama Murmugão, que he mais lar-

ga

ga que a de Goa, e mais opposta ao vento travessão, onde os mares fazem grandes escarceos, e por sima daquellas carrancas commetteo a sahida, na qual esteve toda a Armada perdida, e com grande trabalho, e risco tornáram pera dentro todos alagados, e com os mantimentos perdidos; e sem querer D. Jorge tornar a Goa, mandou recado ao Viso-Rey, o qüal me mandou chamar, porque corria (como disse) com os armazens dos mantimentos, pera que provesse aquella Armada de novo, como fiz em vinte e quatro horas, e o Capitão mór gastou tres, ou quatro dias em reformar os navios, porque sahíram todos destroçados; e tomando os novos provimentos, tornou D. Jorge a commetter a barra, já em quatro, ou sinco de Agosto, e porfiando contra os ventos, e mares, sahio fóra ao largo, e deo á véla com toda a sua Armada junta, indo correndo a costa, porque ainda que o vento era furioso, servia pera a jornada, e ao outro dia foi tomar o rio Janquiser, onde levava por regimento ir queimar huma galé que diziam se fazia alli, e castigar aquelle Naique por estar levantado, como o anno passado o castigára D. Diogo de Menezes. D. Jorge commetteo a entrada do rio, que he muito ruim, e de muitas pedras, e com muito

tra-

trabalho, e risco entrou dentro, e foi pôr a proa na povoação, em que mandou desembarcar trezentos homens com seus Capitães com ordem do que haviam de fazer; e entrando a povoação, achåram huma náo, que se estava fazendo em estaleiro, e lhe puzeram o fogo; ao que o Naique acudio com suas gentes, que eram mais de mil e quinhentos homens, com os quaes os nossos travåram huma muito razoada batalha. Na Armada se ouvio a revolta, e os nossos que della vieram fugindo, deråm recado ao Capitão mór, o qual saltou logo em terra armado com hum montante nas mãos, e os soldados do seu navio foram correndo áquella parte, deixando no navio André de Sousa, irmão de Francisco de Sousa o Manco, hum Fidalgo mancebo de muitas partes, pera que lho tivesse naquelle lugar, e a Pedro Boto Meirelles com a gente do seu navio, pera que se não affastasse da Armada, e pera que recolhesse alguns desmandados. D. Jorge foi até á povoação, onde os nossos andavam de volta com os inimigos, que logo se desbaratåram com sua chegada, e D. Jorge foi recolhendo os seus, e encaminhando pera a praia. Os dous Fidalgos, que elle deixou em guarda dos navios, deo-lhes a desconfiança de verem ir o Capitão mór daquel-

quella maneira pera a povoação, e de ouvirem a revolta da briga, pelo que largando tudo, foram caminhando pela povoação dentro por huma rua differente da por onde o Capitão mór se vinha recolhendo, e deram com hum corpo de inimigos, que vinham ladrando aos nossos; e vendo aquelles Capitães com poucos soldados, denodadamente remettêram a elles; que tiveram por affronta fugirem-lhes, antes lhes fizeram rosto, e com grande valor travâram com elles huma aspera batalha, em que fizeram altissimas cavallarias; mas como os inimigos eram tantos, e os tinham rodeados por muitas partes, os matáram de innumeraveis feridas, e ainda lhes cortáram as cabeças. D. Jorge chegando á Armada, e achando menos aquelles dous Fidalgos, bramia como hum leão de lhe sahirem contra seu mandado; e mandando-os buscar, os acháram sem cabeças, e os trouxeram á praia, o que D. Jorge sentio em extremo, porque só aquelles dous Fidalgos se perdêram por desconfiança; e mandando-os embarcar, os foi enterrar em huma Ilha que se faz no meio do rio, onde pera sempre ficáram.

Feito isto, partio D. Jorge pera Barcellor onde entrou, e na barra achou huma não de Méca que tomou, e mandou pôr

a bom recado; e chegando á Fortaleza, a achou já desapressada, e sem trabalho; e deixando-lhe gente, e munições, voltou logo pera Goa, levando a náo comsigo, a qual o Viso-Rey mandou entregar ao Veador da fazenda; mas era cousa de pouco porte.

CAPITULO XIV.

Vai D. Henrique de Menezes ao Norte, toma duas náos de Méca, e perdem-se com tormenta.

PArtido D. Jorge de Menezes pera Barcellor, logo o Viso-Rey mandou preparar outra Armada de huma galé, e sete galeotas, de que fez Capitão mór D. Henrique de Menezes, porque foi avisado que em Dabul se esperavam algumas náos do Idalxá, que haviam de vir de Méca sem cartazes, dando por regimento a D. Henrique que as tomasse, senão trouxessem salvo conducto, conforme ao contrato das pazes; e que trazendo-o, lhes fizesse cumprimentos, e corresse com elles como náos de Rey amigo. D. Henrique se fez á véla no fim de Agosto, elle na galé, e nas galeotas Antonio Mascarenhas, Fernão de Sousa Coutinho, Gonsalo Guedes de Reboredo, Vicente Carvalho, Manoel de Lima,

Al-

Alvaro Peixoto, e Martim de Aguiar; e com o tempo que ainda era verde foi navegando pera o Norte; e andando aſſima dos Ilheos de Anguirála ſete, ou oito leguas de Chaul, houveram viſta de huma fermoſa náo, que vinha com o meſmo tempo com todas as vélas enfunadas a demandar a terra; e indo-ſe a ella, a rodeou com os ſeus navios, e lhe mandou pedir o cartaz, ao que lhe reſpondêram com muitas bombardadas: pelo que o Capitão mór a foi varejando com a artilheria tezamente ſem poderem os navios chegar a abordarem-na pela groſſidão dos mares. Ella que hia poderoſa, e levava muita gente, deixou-ſe ir ſeu caminho, defendendo-ſe com algumas peças de artilheria muito bem: aquelle dia, e noite a foram os noſſos ſeguindo até deſapparelharem de todo que ſe rendeo, e o Capitão mór mandou metter na galé o Capitão, e Officiaes, e mandou pelos navios dar toas á náo; e ſabendo do Capitão, e da gente della que atrás vinha outra náo, a eſperou, e dalli a tres, ou quatro dias appareceo; e indo-a demandar, a rodeou, e lhe perguntou pelo cartaz, a que tambem lhe reſpondêram com muitas bombardadas. Os noſſos lhe começáram a fazer ſeus officios tão bem feitos, que em pouco tempo ſe rendeo, porque tomáram

por

por melhor conſelho fazerem-no aſſim, que arriſcarem as vidas. D. Henrique vendo-ſe com duas náos tão poderoſas ricas, deo logo á véla pera Goa; mas como os goſtos do mundo não coſtumam nunca ſer de muita dura, ſendo tanto ávante como a enſeada dos Bragmanes abaixo de Dabul, lhe deo huma tormenta do Sul tão groſſa, que obrigou aos noſſos a lhe virarem a anca; e como hiam perto de terra, e os ventos, e mares andavam mui groſſos, deo logo com huma das náos á coſta, onde ſe fez em pedaços, e o que ſe ſalvou foi roubado dos da terra. D. Henrique de Menezes foi correndo tormenta com a galé que era velha, e já aberta por algumas partes, e defronte daquellas Ilhas ſe lhe abrio de todo, pelo que foi forçado virarem a terra, donde ſe ſalváram milagroſamente do mar, mas não da gente, porque logo foram prezos, e levados dalli ao Tanadar, que os mandou ao Idalxá, cujas as náos eram, padecendo trabalhos no caminho, e na Corte os mandou aquelle Rey ter a bom recado; e de ſincoenta ſoldados, e Fidalgos que levava, ſó me lembra de D. João de Ataíde, que depois foi Capitão de Baçaim, irmão de D. Alvaro de Ataíde, que neſte meſmo tempo eſtava por Capitão em Maluco de cerco, e em trabalho, como logo di-

diremos; e não só fez isto o Idalxá, mas mandou logo reprezar todos os Portuguezes, que estavam na sua Corte, com cavallos, e outras fazendas.

As náos da Armada de D. Henrique, que foram com a outra náo, pairáram o melhor que pudéram; e como passou o tempo, foram seguindo sua derrota pera Goa; e sendo tanto ávante como o rio Tarvorá, dezoito, ou vinte leguas de Goa encontráram com nove paraos, e os foram demandar com grande determinação. Os Capitães dos nossos navios chegáram á galeota de Antonio Mascarenhas, que hia por cabeça delles, e lhe disseram que lhes parecia bem recolherem-se dentro da náo com os navios á roda, onde se defenderiam melhor, porque levavam todos os navios abertos da tormenta que passáram, e que não estavam pera passarem trabalho, nem pera jogarem artilheria. Antonio Mascarenhas, que era muito cavalleiro, e desconfiado, disse que tal não havia de fazer, e que havia de pelejar com os paraos barba a barba, e não havia de dar occasião a que dissessem que elle lhe fugíra, que o seguissem, que Deos lhe daria a vitoria, e assim voltou aos paraos, que já vinham perto delles, e huns, e outros se commettêram denodadamente, disparando sua artilheria, e

es-

espingardaria. Os paraos abordáram os nossos, e dous delles a Antonio Mascarenhas, que valerosamente foi morto com a maior parte dos seus, e o mesmo foi Fernão de Sousa Coutinho; e algumas pessoas das que escapáram desta refrega me disseram, que primeiro que os matassem fizeram grandes cavallerias, e pela mesma maneira foram os mais dos nossos. Alguns navios que víram a cousa mal parada foram-se recolhendo á náo, da qual se defendêram valerosamente. Os Malavares lhe puzeram bandeira branca, e lhes mandáram dizer que se entregassem, que lhes dariam hum navio dos seus, em que se fossem livremente pera Goa; e havido conselho entre si, assentáram que sería bem acceitarem o partido, porque já estavam sem munições, e os Mouros vitoriosos que os não haviam de largar até os não renderem. Assentado isto, o disseram aos Malavares, os quaes por lhes ficar a náo de preza, lhes concedêram o partido, e lhes mandáram pôr a bordo hum navio, em que todos se embarcáram, e deram á véla pera Goa; e por este successo infelice se póde conhecer quanto mal faz huma desconfiança, e quão perigosa cousa he na guerra, porque as mais das vezes dá em perdições, e em trabalhos grandissimos, como nesta occasião vemos

que ſuccedeo ; porque ſe Antonio Maſcarenhas ſe recolhêra na náo com toda a gente, nem elle fora morto, nem a Armada desbaratada, nem os Malavares ſe lográram da náo, que tanto trabalho lhes cuſtou ; e depois que tomáram poſſe della, dando-lhe buſca, recolhêram aos navios todo o bom que acháram, e a náo com o que lhe não ſervio, deixáram no mar, ainda que me parece (ſe mal me não lembra) que tambem a leváram comſigo á toa.

Chegando a Goa a fuſta da companhia de D. Henrique de Menezes com os que eſcapáram dos Malavares, ſentio muito o Viſo-Rey o caſo, aſſim por não ſaber ainda novas de D. Henrique, como pela perda das náos, que eram de grande importancia, e podiam remediar o Eſtado, que eſtava mui endividado, e impoſſibilitado por cauſa das grandes guerras que houve; e chamando Fernão Telles, lhe mandou que até o outro dia ſahiſſe pela barra fóra na ſua galé baſtarda, e com alguns navios mais, com que os Fidalgos ſe offerecêram ao acompanharem; e ſem ſe affaſtarem dalli, mandáram embarcar muitos provimentos em navios de mercadores, que alli ſe trouxeram, porque corrêram as novas do caſo pela Cidade, e tinha acudido ao caes toda a ſoldadeſca, que havia em

Goa

Goa com ſuas armas, o mandou o Viſo-Rey embarcar; e tanta preſſa ſe deram, que de noite ſe acabáram de embarcar, e provêram do neceſſario, e deram á véla: Fernão Telles na galé, como diſſe, e nos navios que ſe pudéram negociar foram os Capitães ſeguintes: Gaſpar de Brito, Franciſco da Silva de Menezes, Diogo de Azambuja, D. Eſtevão de Menezes, filho do Baroche, Belchior Calaſſa, D. João de Souſa, e Pedro Rodrigues Malavar, que todos ſe fizeram á véla a vinte e oito de Setembro, e foram correndo a coſta, levando diante navios ligeiros pera deſcubrirem os portos; e indo até Dabul ſem acharem novas da náo, nem da Armada Malavar, ſe tornáram a recolher a Goa já com os mantimentos gaſtados. Neſte tempo em fim de Setembro foi D. Franciſco Henriques entrar na Fortaleza de Malaca, e foi embarcado na náo com Triſtão Vaz da Veiga, que tinha vindo de fazer duas viagens da China pera Japão, e hia pera Sunda fazer dez mil quintaes de pimenta pera de lá ſe ir pera o Reino, por contrato que fez com o Viſo-Rey D. Antonio, por ter ElRey mandado que por aquella via foſſe huma náo todos os annos, e não achei a fórma do contrato.

Recolhido Fernão Telles, veio logo re-

ca-

42724

cado ao Viſo-Rey que na Fortaleza de Belligão eſtava D. Henrique com os Portuguezes reteudos, e ainda todos os que andavam na Corte do Idalxá com muitos cavallos, e outras fazendas, que ſe lhe depoſitáram, pelo que lhe pareceo que pera conſervação da amizade daquelle Rey era neceſſario mandar-ſe-lhe deſculpar do caſo; e porque lhe diſſeram que andavam huns agentes daquelle Rey em Göa comprando hum cavallo que havia de fama, e algumas eſpadas largas, mandou elle comprar o cavallo, e mandou guarnecer algumas eſpadas muito fermoſas, que ſe buſcáram, e elegeo pera mandar a eſte negocio a Chriſtovão do Couto, Lingua do Eſtado, homem muito prático nas artes daquelles Reys, e de quem todos tinham muito conhecimento, pelo qual mandou viſitar ao Idalxá, e lhe eſcreveo huma carta de muitos cumprimentos, deſculpando-ſe do caſo das náos, e pondo a culpa aos donos dellas de navegarem ſem cartazes, e ao tempo tormentoſo que as desbaratou, porque a ſua tenção era, ſe foram ter a Goa, não ſe bulir nellas, e mandar-lhas de preſente, porque niſſo ſervia a ElRey de Portugal ſeu Senhor, como lhe tinha encommendado.

Chriſtovão do Couto foi em breves dias á Corte, aonde tratou de lhe ElRey dar au-

audiencia, e apprefentar-lhe a carta, e prefente do Viſo-Rey, o que não pode acabar com elle, nem ElRey o quiz ouvir; antes o mandou deter, de que elle logo aviſou ao Viſo-Rey, o qual vendo aquillo, e ſendo informado que havia ainda outras duas náos do Idalxá pera virem de Méca, determinou de as mandar tomar pera com ellas fazer as pazes, e amizades com aquelle Rey, pera o que deſpedio Fernão Telles com duas galés, e treze fuſtas, de que foram por Capitáes, elle em huma galé, e da outra D. João da Gama, e das fuſtas D. Sancho de Vilhena, D. Eſtevão de Menezes, D. Bernardo de Noronha, D. Luiz de Menezes, Manoel de Miranda Henriques, Diogo Taveira, Fernão de Albuquerque, Eſtevão de Pina, Gaſpar de Brito, Nuno Fernandes de Ataíde, Gaſpar de Souſa, e Domingos Ferreira Eſcorcio. E com eſta Armada ſe fez á véla no fim de Outubro, e com ella toda junta ſe foi pôr na paragem, que as náos de Méca haviam de vir demandar, e aſſim o deixaremos: neſta companhia foi Fernão de Souſa Chichorro entrar na Capitanía de Dio.

Antes de partir Fernão Telles de Goa, chegáram de Portugal as náos S. Gregorio, de que veio por Capitão Antonio Rebello, irmão de Pero Lopes Rebello, de quem neſte

te Epilogo fallei muitas vezes, e a náo Belém, Capitão Theotonio de Vasconcellos, e a náo Santa Clara, de que veio por Capitão Luiz Dalter, todos tres da companhia de D. Francisco de Sousa, que tinha partido por Capitão mór de quatro náos, o qual foi tomar Cóchim no fim de Outubro, e logo se embarcou pera Goa por trazer a seu cargo cousas de muita importancia, como logo veremos, e chegou a esta Cidade na entrada de Dezembro, o qual logo se foi ver com o Arcebispo D. Gaspar, e lhe deo huma instrucção de ElRey com huma carta em sima pera elle, na qual lhe dizia que se o Viso-Rey D. Antonio de Noronha não tivesse mandado a Antonio Moniz Barreto pera Malaca, ou não estivesse já pera o despachar pera lá, em tal caso abrisse huma successão da governança da India, que com aquella hia, e mandasse chamar a Antonio Moniz á Sé, e D. Francisco de Sousa Capitão mór da Armada do Reino, e o Secretario, e o Veador da Fazenda, D. Pedro de Sousa Capitão da Cidade, e os Vereadores, e Officiaes da Camera, Desembargadores, e Fidalgos, e todas as mais pessoas públicas, e que a pessoa que nella estivesse, fizesse logo entregar da governança da India, e que D. Antonio de Noronha se embarcasse

ſe pera o Reino na náo Capitânia com D. Franciſco de Souſa quaſi como prezo. Tanto que o Arcebiſpo vio o eſtilo da inſtrucção, que ElRey lhe commetteo, ſem fazer mais diligencia alguma naquelle negocio, mandou chamar á Sé todas as peſſoas aſſima nomeadas em nove de Dezembro de mil e quinhentos e ſetenta e tres; e ſendo todos preſentes, mandou ler a inſtrucção de ElRey pelo Secretario Rodrigo Annes Lucas, por virtude da qual tirou logo do peito a via da ſucceſsão, que ElRey lhe mandou, que tambem mandou ler diante de todo aquelle concurſo em alta voz, a qual de *verbo ad verbum* he a ſeguinte, que quiz aqui pór, por quanto foi couſa nova naquella Cidade.

CAPITULO XV.

Manda ElRey deſapoſſar do governo a D. Antonio de Noronha.

» EU ElRey faço ſaber aos que eſte vi-
» rem, que por alguns reſpeitos de meu
» ſerviço tenho aſſentado que D. Antonio
» de Noronha do meu Conſelho, meu Vi-
» ſo-Rey da India, ou qualquer outro Go-
» vernador que lhe tiver ſuccedido, ſe ve-
» nha para eſte Reyno nas náos deſta Ar-

» ma-

» mada, de que vai por Capitão mór D.
» Francisco de Sousa, como se contém em
» huma carta que ao Arcebispo escrevo,
» e ao dito Viso-Rey; e pela muita con-
» fiança que tenho de Antonio Moniz Bar-
» reto do meu Conselho, que encarreguei
» de Governador de Malaca, e partes do
» Sul, hei por bem de meu serviço que o
» dito Antonio Moniz succeda na gover-
» nança da India, e entre logo nella, co-
» mo se nestas náos fora por mim prový-
» do de Governador da India. Notifico-o
» assim ao dito Viso-Rey D. Antonio de
» Noronha, ou qualquer outro Viso-Rey
» que lhe tiver succedido, e lhe mando que
» logo tanto que esta Provisão lhe for ap-
» presentada, entregue a dita governança
» da India ao dito Antonio Moniz Barre-
» to, sem dúvida alguma, e todos os regi-
» mentos, cartas minhas, e Provisões, que
» deste Reyno levou, e lhe mandei o an-
» no passado, e ora envio nas náos desta
» Armada, tendo-se na dita entrega o mo-
» do que se usa, e guarda em semelhan-
» tes entregas de huns Governadores a ou-
» tros, de que se farão autos, e se passa-
» rám Certidões na fórma que se costumam
» fazer; e feita logo a dita entrega pela
» dita maneira, desde agora em diante hei
» ao dito D. Antonio de Noronha, ou a
» qual-

» qualquer outro Governador, por desobri-
» gado da homenagem que me fez da di-
» ta governança, e ao dito Antonio Mo-
» niz Barreto por obrigado a ella; e po-
» rém elle dito Antonio Moniz a faça em
» fórma, e assim o juramento, que me fa-
» zem os Governadores da India junta-
» mente, e conforme o que se costuma na
» India, quando se abrem as succesões da
» dita governança: e mando a todos os
» Officiaes de Justiça, e de minha Fazen-
» da das ditas partes, Capitães das Forta-
» lezas, e de minhas Armadas, e navios,
» Fidalgos, Cavalleiros, e gente de ar-
» mas, que nas ditas partes me andam ser-
» vindo, e a quaesquer outras pessoas, a
» todos em geral, e a cada hum em par-
» ticular, que recebam ao dito Antonio
» Moniz Barreto por meu Capitão mór, e
» Governador das ditas partes, e lhe obe-
» deção, e cumpram em tudo seus manda-
» dos inteiramente, e o deixem usar da ju-
» risdição, e alçada que tinha concedido
» ao dito D. Antonio de Noronha, sem dú-
» vida, nem embargo algum que a isso se-
» ja posto, que assim o hei por bem de
» meu serviço; e ficando o dito Antonio
» Moniz por Governador da India por bem
» desta Provisão, hei por bem de meu ser-
» viço que succeda na governança de Ma-

» la-

» laca a pessoa nomeada na primeira suc-
» cessão da dita governança, e em defeito
» da tal pessoa haverão effeito as mais suc-
» cessões por suas precedencias: e hei por
» bem que este valha, e tenha força, e vi-
» gor, como se fosse Carta feita em meu
» nome por mim assignada, e passada por
» minha Chancellaria, e sellada com o sel-
» lo de minhas Armas, sem embargo da
» Ordenação do livro segundo, titulo vin-
» te, que defende que não valha Alvará,
» cujo effeito haja de durar mais de hum
» anno: e valerá outro sim, posto que não
» seja passado pela Chancellaria, sem em-
» bargo da dita Ordenação, que o contra-
» rio dispõe. Miguel de Moura a fez em
» Xabregas a doze de Março de mil e qui-
» nhentos e setenta e tres.» REY.

Lida a successão, logo Antonio Moniz Barreto deo a homenagem do Estado da India na fórma da successão nas mãos do Arcebispo, e juntamente fez o juramento ordinario que fazem os Viso-Reys, e Governadores, cujo traslado, porque he notavel, e não sei se todos o guardam, o porei aqui, posto que já em huma das minhas Decadas o fiz, e o que jurou-lhe o seguinte, postas as mãos em hum Crucifixo em sima de hum Missal.

» Juro aos Santos Evangelhos, em que
» po-

» ponho as mãos, que não dei, nem da-
» rei, nem prometti de dar, nem mandar
» cousa alguma a nenhuma pessoa por cau-
» sa de me ser dada esta Capitanía, e go-
» vernança, nem pera ao diante a vir a
» ter: e assim juro que quanto a mim, e
» a minhas forças, e juizo for possivel, eu
» servirei o dito cargo, e governança bem,
» e fielmente, como ao serviço de Deos,
» e descargo da consciencia de S. A. e mi-
» nha cumprir: e trabalharei quanto em
» mim for, que inteira, e igualmente se
» guarde direito, e justiça ás partes, sem
» alguma differença, nem respeito que ha-
» ja de grandes a pequenos, nem de ricos
» a pobres, nem de estrangeiros a natu-
» raes, porque quanto em mim for, pro-
» curarei que a todos se faça, e guarde
» por inteiro, e especialmente terei cuida-
» do dos prezos, orfãos, e viuvas pobres,
» e pessoas miseraveis: e trabalharei quan-
» to em mim for, que todos os negocios,
» e despacho que a meu cargo pertence-
» rem se despachem bem, justa, e breve-
» mente, sem alguma paixão de odio, amor,
» nem affeição, ou parentesco, nem de ou-
» tros semelhantes respeitos: e assim mes-
» mo juro, que nem por mim, nem por
» interposta pessoa não receberei dadivas,
» presentes, nem serviço algum de nenhu-
» ma

» ma pessoa que seja; e quando alguns
» Reys, ou Senhores das ditas partes me
» mandarem alguns presentes, ou dadivas,
» que pareça que por serviço do dito Se-
» nhor, e por evitar escandalo lhos devo
» tomar, em tal caso os mandarei logo en-
» tregar inteiramente ao Feitor de S. A.
» da Feitoria onde estiver, e os mandarei
» carregar sobre elle com receita pelos Es-
» crivães de seu cargo; e assim com dili-
» gencia trabalharei que os Capitães do di-
» to Senhor, Feitores, Escrivães, e quaes-
» quer outros Officiaes, assim de Justiça,
» como da Fazenda, que nestas partes esti-
» verem, sirvam seus Officios bem, e ver-
» dadeiramente, e segundo seus regimen-
» tos, os quaes inteiramente farei guardar
» sem mingua alguma, e assim todas as
» Provisões de S. A., e assim mesmo juro,
» e prometto de guardar todas as ordens,
» e provisões do dito Senhor; e por firme-
» za de tudo assima promettido, e jurado
» assignei aqui neste assento.»

CA-

CAPITULO XVI.

De como succedeo na governança de Malaca D. Leoniz Pereira.

ACabado este acto, o Arcebispo D. Gaspar tirou do seio huma successão, que lhe ElRey tinha tambem mandado com a outra, que mandava que na mesma hora se abrisse, e que a pessoa que nella se achasse, succedesse na governança de Malaca, e partes do Sul, assim como o Governador Antonio Moniz viera declarado de Portugal, a qual se abrio logo, e se achou que havia ElRey por bem que succedesse nella Gonsalo Pereira Marramaque; e por ser falecido, se abrio a segunda successão, em que se achou D. Leoniz Pereira, que por não estar presente o mandou o Governador logo chamar a S. Francisco, pera onde logo se foi com todos os que estavam alli presentes; e indo lá ter o dito D. Leoniz Pereira, se lhe leo a successão que elle aceitou, e alli logo deo a homenagem daquellas partes do Sul nas mãos do Governador Antonio Moniz Barreto; e acabada ella, fez o mesmo juramento atrás, que o mesmo Governador tinha feito. Feitos estes actos, foi-se o Governador, Arcebispo, Capitão mór das náos com to-

todos os mais que eſtavam presentes , aſſim Capitães, e Fidalgos, como Officiaes de Juſtiça, e Fazenda, aſſim como alli eſtavam, ás caſas da Fortaleza, onde eſtava o Viſo-Rey D. Antonio de Noronha, que já ſabia de tudo, e ſoffreo eſte golpe com grande conſtancia de animo, ſem turbação alguma, e perante elle ſe leo pelo Secretario a Carta de ElRey pera o Arcebiſpo, por virtude da qual ſe abrio a ſucceſsão da governança da India, da qual ElRey eſcuſava ao dito D. Antonio de Noronha, e lhe mandava ſe foſſe pera o Reino com todas as mais couſas atrás, que tudo ouvio o dito D. Antonio ſem alteração, nem ſobreſalto algum exterior; e depois de tudo lhe ſer notificado, diſſe que elle havia por muito bem ordenado tudo o que S. A. tinha mandado, e que elle lhe obedecia, e punha ſuas Proviſões todas ſobre ſua cabeça, e que naquillo lhe faria a maior mercê do mundo em o mandar ir pera ſua mulher, e filhos, que elle deſpejava logo a Fortaleza pera ſe embarcar pera o Reino, onde confiava de S. A. lhe fizeſſe juſtiça, e déſſe ſatisfação daquelle caſo, em que elle ſe havia de moſtrar ſem culpa. Com iſto ſe deſpedio o Governador, Arcebiſpo, e os mais, a quem o Viſo-Rey acompanhou até ás eſcadas; e porque mui-

tos

tos Fidalgos seus parentes, e amigos se deixáram ficar com elle, lhes pedio que tal não fizessem, e que fossem acompanhar o seu Governador.

Este foi o mais novo, e escandaloso caso que na India aconteceo, do qual muitos tiveram a culpa, porque deram occasião a se desapossar do governo hum Fidalgo tão honrado, e tão benemerito. Caso era este digno de se castigar; mas deixando os que em Portugal tratáram disto com ElRey, a pessoa a quem se deo maior culpa desta descompostura foi ao Arcebispo D. Gaspar; porque dizendo-lhe ElRey na carta, que lhe escreveo, que se D. Antonio de Noronha não tivesse mandado Antonio Moniz Barreto a Malaca, ou se não estivesse pera o mandar (isto segundo se dizia publicamente, que eu não achei nem as cartas, nem as instrucções que deviam mandar-se pera o Reyno) que se abrisse aquella via particular que lhe enviava: se assim foi, parece que estava obrigado a saber do Viso-Rey se havia de mandar Antonio Moniz a Malaca na monção seguinte de Abril, assim como ElRey o mandava; e que posto que lhe dissesse que o havia de mandar, esperasse até ver se o mandava; e quando não, poderia então livre de toda a calúmnia abrir a succesſão, e não tão accelerada-

mente, sem fazer diligencia alguma; porque aquella particula da carta que dizia, ou se não estiver pera o mandar (se tal he, como já disse) parece que se havia de esperar até á monção de Abril, em que de ordinario se parte pera Malaca, e não tomarem assim hum Fidalgo tão velho, e honrado tanto de sobresalto, e havendo tempo pera elle poder dizer que enviaria Antonio Moniz, como ElRey mandava. Isto he o que geralmente se praticava em Goa; e quanto ao Arcebispo eu o tinha por grande virtuoso, tão honrado, e tão grande Theologo, que não havia de fazer cousa tão grave sem muita consideração; porque ficaria em restituição a D. Antonio de Noronha de sua honra, fazenda, e ainda da vida, porque de puro nojo faleceo em Portugal; e do mesmo modo me dizem falecêra D. Fernão Alvares de Noronha seu cunhado, e sua irmã D. Francisca, mulher do mesmo D. Antonio de Noronha: e ainda me certificáram mais, que a pessoa que fez com ElRey D. Sebastião que ordenasse esta mudança, que tambem morrêra do mesmo. Justos juizos são de Deos, cujos caminhos ficam incognitos ao nosso limitado juizo, em parte estam todos onde se sabe a verdade deste caso, e lá terão o galardão, ou castigo que por elle merecêram.

O

O que eu como teſtemunha de viſta ſei, e poſſo com verdade affirmar, he, que o Viſo-Rey D. Antonio não teve culpa alguma em não mandar a Malaca Antonio Moniz Barreto, o qual melhor que ninguem conhecia eſta impoſſibilidade, pois achou o Eſtado, quando chegou á India, nas guerras já referidas, e Goa cercada com o poder maior que no Oriente ſe vio dos mais poderoſos Reys delle, e Chaul de cerco tão rigoroſo como temos viſto, e o Theſoureiro ſem hum ſó pardao em dinheiro, os armazens ſem artilheria, nem munições, e a Fortaleza de Chalé cercada do Çamori, e em tal aperto, que ſe entregou a partido, como diſſemos, Maluco em tantos trabalhos, como tenho moſtrado; e que huma Armada tão poderoſa, como Gonſalo Pereira Marramaque levou tão cheia de gente, e provída de baſtimentos, e munições tudo por lá ſe conſumio: e que pera ſe fazerem as Armadas da coſta do Malavar, e do Norte não havia navios, nem cabedal, porque por cauſa da guerra geral as Alfandegas não rendêram couſa alguma; e que pera ſe aviar Antonio Moniz do modo que ElRey mandava não havia gente, vaſilhas, nem artilheria; e quanto ao cabedal mal ſe podia fazer o que havia de levar com quatrocentos mil pardaos, que

não havia donde se tirassem, como tudo logo se mostrou bem claro; porque mandando ElRey a Antonio Moniz que despachasse pera Malaca a D. Leoniz, do mesmo modo que ElRey mandára ao Viso-Rey D. Antonio que o despachasse a elle, não houve com que, nem foi, como melhor ao diante se verá, pelas quaes razões ElRey foi muito enganado, como sempre será de quem lhe aconselhar que divida o governo da India; porque está claramente manifesto, que nem hum, nem outro se poderam sustentar, porque o de que depende a governança de Malaca, e de que se póde sustentar, he só dos direitos da China, e do cravo de Maluco, que não sei se renderám duzentos mil xarafins, que tantos he força venham a faltar nos rendimentos da Alfandega de Goa, que piedosamente se póde sustentar com todos os rendimentos, como por muitas vezes se tem mostrado ao Rey nas receitas do que rende, e nas despezas do que se gasta, que demais a mais passam as despezas cada anno de duzentos mil pardaos: como se poderá logo sustentar a governança de Malaca separada da India? E já por varias vezes tenho mostrado pelo discurso das minhas Decadas, que algumas vezes que os Reys de Portugal pertendêram estas divi-
sões,

sões, ellas por si se acabáram, e desfizeram, porque as cousas grandes com o mesmo tempo cahem.

Primeiro que passe daqui, quero contar o que me aconteceo com o Viso-Rey D. Antonio de Noronha no princípio de Agosto passado, que fazia a Armada pera D. Henrique de Menezes, que foi esta. Tinha eu a meu cargo os Armazens dos mantimentos, e hum dia me mandou chamar, estando só, pera me encommendar os provimentos daquella Armada, e de prática em prática me perguntou pelas novas que corriam em Goa; ao que lhe respondi que nenhumas, e que pera Agosto, que nunca víra tão poucas. E isto lhe disse, porque na India he muito antigo tanto que entra o mez de Agosto desenfronharem-se as mentiras, que todo o inverno estiveram rebuçadas; porque como esperam por náos do Reyno, os inimigos dos Viso-Reys affirmam que lhes vem successor, e ainda sobre isso ha largas apostas, os amigos publicam o contrario, outros publicam outras cousas, e são tantos, e tão varios os pareceres, como os desejos, e conveniencias de quem os dá. O Viso-Rey, quando lhe eu disse que nunca víra tão poucas novas em Agosto, sorrio-se, e respondeo-me que não estava eu no mundo, que havia Fidalgos

em

em Góa, que pelo ſeu ponto faziam naquellas náos Viſo-Rey na India, do que eu me ri, porque aos dous annos de ſeu governo não podia imaginar tal couſa. Vieram as náos (como diſſe) não veio Viſo-Rey em peſſoa, mas veio em papel na via que ſe abrio, de que eu fiquei maravilhado, quando me achei ao abrir da ſucceſsão, deitando muitos juizos donde aquillo podia ſahir; porque do demonio (donde os feiticeiros, que ha muitos na India, que ſempre, ou as mais das vezes mentem) não podia ſer, porque a noticia do futuro, conforme a doutrina recebida dos Theologos, he obra propria de Deos noſſo Senhor, e que os demonios nunca puderam imitar; e poſto que elles denunciáram algumas couſas, que ſahíram verdadeiras, e algumas que a razão natural por aſtronomia póde alcançar, ſuppoſto que o que ſe contém em ſuas couſas neceſſarias mais he do preſente, que do futuro, donde vem que não adivinham os Aſtrologos, quando predizem os eclipſes antes que ſuccedão, porque nas ſciencias da Aſtrologia, e Filoſofia natural fazem os demonios grande ventagem aos homens, não negando que ſouberam muitas couſas, que os Anjos, que são Miniſtros de Deos, denunciáram. O certo he que a ſubtileza do demonio, e a

ſcien-

ſciencia excede a dos homens em conjecturar, e daqui vem terem noticia das couſas que hão de ſucceder, ou por ſua natural Filoſofia, e noticia, ou por arte, e ſciencia, ou por conjecturas: em fim que eſte negocio de que trato não podem os demonios alcançar, porque como foram couſas forjadas no conceito do Rey, e dos Miniſtros, os quaes conceitos ſó são preſentes a Deos, e elle ſó os penetrou, e ſoube, por onde me affirmo que o alcançar-ſe que neſtas náos vinha Viſo-Rey foi conjectura, e preſumpção do meſmo Antonio Moniz pelas couſas que tinha eſcritas a ElRey contra o Viſo-Rey D. Antonio de Noronha, as quaes preſumpções elle communicaria com ſeus amigos, que no fim lhe ſahíram verdadeiras.

O Viſo-Rey D. Antonio de Noronha logo ſe embarcou pera Cóchim no galeão S. Leão, Capitão Antonio de Morim, e de Cóchim ſe embarcou pera o Reino na náo Capitânia, ſem lhe darem gazalhados, nem liberdades, nem pera ſeus criados, como he coſtume, ſoffrendo eſte Fidalgo tudo com grande prudencia, e conſtancia, e outras muitas vexações, que ainda mais lhe fizeram, que ao diante direi, porque quero aqui concluir com eſte Viſo-Rey, por entrarmos com o governo de Antonio Mo-

niz

niz Barreto. Foi filho de D. Martinho de Noronha, e de ſua mulher, foi caſado com D. Franciſca de Noronha, irmã de D. Fernão Alvares de Noronha, Capitão geral que foi das galés do Reino, e Sumilher de ElRey D. Sebaſtião, da qual teve hum filho, que lhe morreo moço, eſtando elle por Viſo-Rey da India, e duas filhas.

Foi Fidalgo mui continente, amigo da juſtiça, e tão verdadeiro, que podia ser eſcola de verdade; antes que ſe embarcaſſe ſe tinha retratado, e poſto na caſa, onde eſtam todos os Viſo-Reys; e Antonio Moniz depois que acabou, ſe mandou tambem retratar, e poz o ſeu retrato junto delle, porque todos eſtam ſucceſſivamente, e tão naturaes ambos, que he paſmar. Eram homens corpulentos, eſpadaudos, de grandes roſtos, e carregados, e ficáram os retratos poſtos de feição, que ficavam olhando hum pera o outro com grandes carrancas, como ſe ſe deſafiáram. Invernou em Moçambique, indo pera o Reyno, aonde depois chegou em Maio ſeguinte; e quando deſembarcou em Lisboa, onde logo foi ao Moſteiro, em que ſua mulher eſtava enterrada, e foi muito bem recebido dos Padres, que o leváram á ſua cova, onde fez oração, e lhe lançou agua benta; e porque não ſabia ainda da morte do filho, lhe diſ-

diſſe o Prelado, que eſtava junto della, que Deos fora ſervido levar tambem pera ſi a D. Antonio; e ſobreſaltado o Viſo-Rey com aquella nova, interrompeo com hum gemido, dizendo alto: » Sem mulher, ſem » filho, e ſem honra, não ha quem poſſa vi- » ver; » e recolhendo-ſe em ſeu apoſento, veio a adoecer, e em pouco tempo a morrer, e fazer companhia a ſua mulher, e filho; e diſſeram que ElRey D. Sebaſtião ficára arrependido da rigoroſa demonſtração que com elle mandou uſar; e eſtando a huma janella, quando lhe deram as novas de ſua morte, dando de mão á porta, a cerrou de pancada, moſtrando grande ſentimento diſſo; e tem-ſe entendido que ſe vivêra, lhe houvera ElRey de reſtituir ſua honra, pela qual hia muito determinado a puxar; mas em fim com ſua morte ſe acabou tudo, como tambem acabáram os que foram occaſião della.

CAPITULO XVII.

Das couſas que ſuccedêram em Malaca neſte tempo: e do cerco que os vizinhos puzeram áquella Fortaleza.

NAõ ficou fóra da conjuração geral, que os Reys da India fizeram contra as noſſas Fortalezas, o Achém tyranno, inſo-

ſolente, e poderoſo, e o maior inimigo de todos, o qual tambem foi ſolicitado pelo Cota Maluco, hum dos da liga, que o mandou prover com muitas munições, pera fazer guerra á noſſa Fortaleza de Malaca, o qual não ſe contentou de metter todo o cabedal pera eſta jornada, mas ainda convocou a Rainha de Japará, ſenhora poderoſa, e rica, a qual folgou muito de ſe lhe offerecer aquella occaſião pera ajudar a deſtruir aquella Fortaleza, que tão pezada era a todos os Reys daquellas partes; e como o Achém era a principal cabeça neſta expedição, e eſtava mais proſpero, poz logo no mar ſua Armada, que eram mais de noventa vélas, em que entravam vinte e ſinco galés, e todas as mais fuſtas, e lanchas mui bem artilhadas, e cheias de munições, e ſete mil homens de peleja Achéns, que são valentes homens, e crueis; e tendo tudo preſtes, ſem querer eſperar pela Rainha de Japará, pelo ordenar aſſim Deos por ſua miſericordia, porque ainda que caſtigava aquella Cidade com cercos, o fazia como Pai, porque ſe ambos ſe ajuntáram, não pudéra eſcapar aquella Cidade de totalmente ficar deſtruida. Poſto em fim o Achém no mar, deo á véla em a entrada de Outubro deſte anno de ſetenta e tres, e aos treze já ſobre a tar-

tarde chegou á viſta daquella Fortaleza, e logo de noite deſembarcou todo o poder naquella parte chamada de Malaca, á differença da outra chamada de Ilher, que he do Poente, a que logo mandou pôr o fogo, a que acudio D. João Bandarra, natural, e Capitão de todos os Gentios, que era muito bom cavalleiro, e em todos os cercos o moſtrou; e como ſahio com poucos a dar nos inimigos, ainda que foi fazendo ſua obrigação, peleijando valeroſamente, todavia foi morto; e poſto que Malaca teve eſte caſtigo de perder hum tão grande defenſor, com tudo logo Deos acudio com ſuas coſtumadas mercês, que foi na maior força do incendio cahir do Ceo hum tão grande diluvio de aguas com tamanha tempeſtade, que deo com muitos navios á coſta, e o fogo ſe apagou; porque ſe não fora aquella miſericordioſa mercê de Deos, todos os moradores daquella parte acabáram abrazados, e não deixáram ainda de perecer alguns, que fugindo ao fogo, morrêram affogados no rio, aonde ſe lançáram.

O Alcaide mór, que ſuccedeo por morte de D. Miguel de Caſtro, acudio com toda a gente ás portas, e aos muros, e o Biſpo, e Religioſos em toda a noite eſtiveram com as armas nas mãos, e mandou

met-

metter gente em duas, ou tres náos, que estavam no Porto, e provellas de munições. O Achém, que não tinha ainda desembarcado, tambem esteve a risco de dar á costa com a tormenta, e ao outro dia mandou recolher toda a sua gente á Armada, e determinou levar áquelle negocio por outro rigor mais perigoso que o das armas, que era o da fome; pera o que assentou de tomar os estreitos, e não deixar passar pera aquella Fortaleza nenhuma cousa, que lhe pudesse levar provimentos, pera assim a pôr no extrêmo das necessidades, e pera isso se quiz ir lançar na costa de Muar, sinco leguas de Malaca, com toda a sua Armada estendida por onde as embarcações do soccorro haviam de passar; e primeiro que se partisse, que foi ao terceiro dia de sua chegada, mandou commetter as náos, que estavam no porto, que foram batidas muito rijamente; porém dellas, e da Fortaleza foram as embarcações da Armada muito bem varejadas com a artilheria; e vendo o Achém que não podia fazer cousa alguma, foi-se pera o rio de Muar, onde se deixou estar com grande vigilancia sobre os navios que não passassem pera a Fortaleza. Poucos dias depois, que foram aos dous de Novembro, surgio sobre aquella Fortaleza a náo de Tristão Vaz da Vei-

ga, em que vinha D. Francisco Henriques, que logo desembarcou, e tambem tomou posse daquella Fortaleza: e foi grande mercê de Deos nosso Senhor pôr na vontade ao inimigo que fizesse aquella mudança que disse; porque se estivera sobre aquella Fortaleza com tão grossa Armada, corrêra aquella não grande risco. Ao outro dia convocou o nosso Capitão a conselho o Bispo, Vereadores, e pessoas principaes, e com todos praticou o remedio, que se poderia dar pera lançar aquelle inimigo do lugar de Muar, porque com medo delle não ousavam os mercadores a lhe trazerem mantimentos, nem ainda os pescadores a sahirem ao mar a pescar, com o que totalmente padecia aquella Cidade tanta falta de tudo, que não havia quem se pudesse valer; e debatido o caso, foram todos de parecer que não havia outro melhor remedio, que pedir a Tristão Vaz da Veiga tomasse aquella empreza á sua conta, e que se lhe dessem todos os navios que se pudessem remediar; e como elle estava presente, lhe pedíram todos que por serviço de Deos, e de ElRey quizesse ser restaurador daquella Cidade, e libertador de tão duro cativeiro, como o da fome que começavam todos a padecer, que não podia ser maior que verem-se todos acabar sem gol-

pe

pe de espada; que se estiveram cercados dos inimigos, e ás mãos com *elles*, lhes fora de grande consolação morrerem, tomando nelles satisfação daquelles males. Tristão Vaz da Veiga aceitou a jornada com grande gosto, promettendo que se Deos nosso Senhor, por cujo serviço se offerecia áquelle perigo, lhe désse a vitoria, que em sua infinita bondade esperava, que elle promettia de não pedir a ElRey satisfação alguma, e que logo se hia fazer prestes na sua náo; e que os navios que lhe haviam de dar, se negociassem com muita brevidade, porque na pressa, e resolução consistia o remedio daquella Cidade. Acabado o conselho, foi-se Tristão Vaz da Veiga negociar, e o Capitão com os Vereadores ordenáram os navios que havia de levar, aos quaes se deram a maior pressa que puderam, e os que se acháram capazes foram hum galeãozinho de hum mercador de Cóchim chamado João de Torres, e tres galeotas velhas, e cem postiças como fustas, mas tambem do mesmo toque, e todas posso dizer que sem vélas, porque as que levavam se podiam mais chamar redes, e todas mal esquipadas de marinheiros, cujo lugar suppríram os escravos dos mercadores: munições tão poucas, que em cada fusta não havia mais que duas arro-

bas

bas de polvora de bombarda, e meia de espingarda. Tristão Vaz tinha as suas munições que trouxe de Goa, e o mesmo João de Torres, dono do galeão, se offereceo pera esta jornada, e alguns Fidalgos, e Cavalleiros, e o primeiro, e principal foi Fernão Peres de Andrade, Fidalgo velho, grande cavalleiro, que em todos os cercos que alli houve, e batalhas que os nossos no mar tiveram com o Achém, e Jáos, mostrou o valor de sua pessoa; Francisco de Lima o de Maluco, que estava em Malaca pera ir de soccorro, tambem grande soldado, e homem muito nobre, e cuido que Fidalgo nos livros de ElRey, Fernão de Lemos, que tinha chegado da China rico, Manoel Henriques casado na terra, homem muito nobre, João Troche, Pero Dias de Leão, Nuno Rodrigues do Basto, casados na terra: Ayres Pinto tambem casado nella, comprou huma galeota, e juntou parentes, e soldados com que se quiz achar nesta jornada; e com se metter todo o cabedal da soldadesca que havia não se pudéram achar mais que trezentos soldados, mal armados, e peior pagos, porque lhe não deram hum quartel. O Capitão mór se poz no mar com esta pobre Armada em comparação do poder do inimigo, e logo foi navegando pera o rio Fermoso, que

era,

era, como já disse, doze leguas de Malaca, e ao outro dia chegou á vista delle, e vio sahir de dentro mais de vinte navios ligeiros, e logo todo o mais corpo da Armada, que hia demandar a nossa. Vendo Tristão Vaz da Veiga que era já necessario baralhar-se com elles por lhe ser forçado, entregou a sua náo a hum Manoel Ferreira, e elle embarcou na galeota de Ayres Pinto, porque vissem os nossos que elle se não queria valer da Fortaleza da sua náo, estando elles arriscados em navios tão pequenos, e mal petrechados, e chegou toda a Armada a si, e animou a todos, affirmando-lhes que os inimigos os queriam commetter com desconfiança que era sinal de sua perdição, pois se queria valer do balravento, que trabalhava por lhe tomar; porque quando elle se queria tambem ajudar daquella ventagem, sinal era que a confiança que trazia não era grande, que elle entendia naquellas mostras que lhe havia Deos nosso Senhor de dar vitoria contra aquelle inimigo; e logo mandou que se chegassem pera a náo, e galeão, assim pera os segurar, como pera se valer de sua artilheria. O inimigo se poz a balravento, e veio descahindo sobre a nossa Armada, e traváram hum fermoso jogo de bombardadas, do qual elles recebêram bem

gran-

grande damno das noſſas náos, e após iſto ſe inveſtíram com grande determinação. Triſtão Vaz da Veiga teve ſempre o olho na Capitánia do Achém, que era huma muito fermoſa galé com mais de duzentos homens; e virando a ella, lhe deo huma muito fermoſa ſurriada de arcabuzaria, e após ella a abordou, e travou com ella huma aſpera batalha, em que elle, e Ayres Pinto, e os mais fizeram tão altas cavallerias, que pelo rigor da eſpada entráram dentro. Succedêram grandes caſos, ora declinando a huma parte, ora a outra; e por fim permittio Deos que o General dos Mouros foſſe derrubado de huma eſpingardada, com que a vitoria ſe acabou de declarar pelos noſſos, não lhe valendo ſete fuſtas que trazia por poppa, que por varias vezes o cevăram de gente, as quaes foram tambem abrazadas dos noſſos.

Os mais Capitães da noſſa Armada ao meſmo tempo com o Capitão mór inveſtíram cada hum com ſua galé, e á que abordou Fernão de Lemos carregáram todos os inimigos a huma banda de tal feição, que ſe virou a galé, e no mar matou muitos, e cativou outros: os mais que eſtavam atracados, cada hum com ſua galé, fizeram taes façanhas em armas até que as rendêram com morte da maior parte dos inimigos.

A mais Armada tanto que vio a galé do seu General desbaratada, e perdida a bandeira, e farol, largando tudo, se foram acolhendo pera a sua terra, não escapando ainda estes da furia da artilheria das nossas náos, que fez nelles grande estrago. Vendo Tristão Vaz da Veiga a mercê, que Deos nosso Senhor lhe tinha feito, deo-lhe muitas graças, e deixou-se ficar no lugar da vitoria tres dias curando os feridos, que eram muitos, os mortos não passáram de dez; depois se recolheo a Malaca, aonde chegou com as galés por poppa, e as bandeiras dos inimigos arrastando pela agua; e salvando a Cidade, desembarcou nella, e foi recebido com solemne triunfo, e foi levado á Igreja em procissão, onde deram todos muitas graças ao alto Deos por tamanhas mercês, e com isto ficou a Cidade desapressada do trabalho, e começáram a vir embarcações de fóra com mantimentos, e provimentos.

Tristão Vaz da Veiga, que hia fazer pimenta a Jundá pera carregar pera o Reino, partio-se logo; mas como Deos nosso Senhor o tinha guardado pera remedio daquella Fortaleza, ordenou que não achasse pimenta, pelo que se tornou logo pera aquella Fortaleza de Malaca, onde achou D. Francisco Henriques muito mal, de que

veio

veio a falecer em Novembro de ſetenta e quatro, deixando em ſeu teſtamento nomeado por Capitão Triſtão Vaz da Veiga, conforme a huma Provisão que pera iſſo levava, o qual tomou poſſe da Fortaleza, e começou a correr com ſuas obrigações.

CAPITULO XVIII.

Entra o tempo do governo de Antonio Moniz Barreto, que he o da minha nona Decada.

A Primeira couſa, que eſte Governador fez, foi ordenar huma Armada pera levar os navios dos mercadores, que vam aos rios do Camará carregar de arroz por eſtar a Cidade falta delle, pera a qual elegeo D. Antonio de Menezes Cantanhede com duas galés, huma em que elle hia, e outra Antonio Lobo, e ſeis fuſtas, cujos Capitães eram os ſeguintes. D. Diogo da Silveira, filho de D. Simão da Silveira o Velho, Paulo Antonio Telles, Antonio Cabral, Franciſco Fernandes, Pedro Rodrigues Malavar, e Pero Gomes. Eſta Armada partio de Goa em vinte e dous de Janeiro de mil e quinhentos e ſetenta e quatro, até Abril em que ſe recolheo, e trouxe a Goa duas cafilas de mantimentos, com

que a Cidade ficou abaſtada; e porque não lhe ſuccedeo mais, acabaremos aqui com ella.

E porque o Governador ſabia que Fernão Telles, que andava no Norte, levava por regimento que reprezaſſe as náos do Idalxá que vieſſem de Méca, aſſentou em conſelho geral que ſe não bulliſſe nellas, antes ſe as encontraſſe, lhes fizeſſem cumprimentos, e as favoreceſſe em tudo, e que ajuntaſſe as caſilas de Cambaya, e de todas as Fortalezas, e ſe recolheſſe com ellas, porque era neceſſario virem depreſſa pelas muitas fazendas, que haviam de trazer pera a carga das náos do Reyno, e muitos mantimentos, que haviam de vir naquellas caſilas pera a Cidade de Goa, o que Fernão Telles fez, e trouxe pera a Cidade de Goa tudo o que levava por regimento; mas não encontrou as náos do Idalxá, e no fim de Dezembro chegou com toda aquella caſila a Goa.

Aos quatorze do meſmo mez de Dezembro ſe ajuntou o Governador Antonio Moniz Barreto com todos os Capitães, Prelados, e Officiaes da Fazenda em conſelho, no qual aſſiſtio D. Leoniz Pereira, Governador de Malaca, e D. Franciſco de Souſa, Capitão mór das náos do Reyno, e o Arcebiſpo D. Gaſpar, e lhes propoz em como o Idalxá tinha retheudos D. Henrique

que de Menezes, e todos os Portuguezes, que andavam em ſua Corte com ſuas fazendas ; e que não baſtando iſto, o fizera tambem a Chriſtovão do Couto, que o Viſo-Rey D. Antonio tinha mandado, que pedia a todos votaſſem livremente o que entendeſſem naquelle caſo, porque era de muita conſideração; e debatido o negocio, foram todos de parecer, que ſe não devia de dar por achado daquellas couſas, antes havia de diſſimular com ellas, porque tomando-ſe diſſo, ficava obrigado a ſatisfazer-ſe daquella affronta ; e que o bom ſería que o Secretario Rodrigo Annes Lucas eſcreveſſe como de ſi huma carta a Chriſtovão do Couto, em que lhe déſſe conta de como Antonio Moniz Barreto governava a India, e que ElRey mandára ir pera o Reyno ao Viſo-Rey D. Antonio de Noronha; e que aſſim como houvera aquella mudança no governo, aſſim a procuraſſe elle em ſeu negocio com os Capitães, com quem ſolicitaſſe ſua cauſa, e que era neceſſario ſaber do Governador o que lhe mandava, e que trabalhaſſe o mais que pudeſſe por vir pera Goa, porque não ſabia ſe o que ſe trataſſe dalli em diante ſatisfaria ao Governador. Aſſentado iſto, eſcreveo logo o Secretario a Chriſtovão do Couto a carta do theor ſeguinte.

CAPITULO XIX.

Da carta do Secretario do Estado a Christovão do Couto, que estava retheudo na Corte do Idalxá.

» PElas mudanças que Sua Alteza hou-
» ve por bem de fazer, e prover nas
» náos, que ora chegáram ao governo des-
» te Estado, me pareceo necessario, como
» Official que sou, e vosso amigo, avisar-
» vos do que passa, pera que assim como
» nisto houve mudança nova, tomeis tam-
» bem em vossos negocios nova traça, se
» vos parecer. O Viso-Rey, que foi D. An-
» tonio de Noronha, houve ElRey nosso
» Senhor por bem, que não governasse mais,
» o que sería pelas informações, que lhe
» iriam na Armada do anno passado, e
» mandou que governasse Antonio Moniz
» Barreto, ao qual pareceo não faltavam
» as qualidades, que são necessarias a quem
» tiver este cargo, porque tem experien-
» cia de muitos annos deste governo, tem
» pessoa, tem disposição, e valor pera com
» sua presença assistir nos negocios da guer-
» ra, e pera as cousas que cumprem a el-
» la resolução, valentia, conselho, e ex-
» periencia: tem verdade, e bondade pe-
» ra conservar a paz com os Reys com
» quem

» quem elle a aſſentar , e lha merecerem ,
» e determinação pera lhes fazer guerra ,
» quando lhe for neceſſario : não tem cu-
» biça do alheio , pera que por eſſa cauſa
» faça deſordens , e tem cuidado do pro-
» prio de ElRey noſſo Senhor , tanto , quan-
» to cumprir. Até agora eſte Fidalgo nem
» tomou , nem mandou tomar , nem foi
» participante por communicação que lhe
» déſſe D. Antonio de Noronha da toma-
» da das náos dos Capitães do Idalxá , nem
» fica lugar pera ſe lhe poder pedir conta
» diſſo , ſenão com muita razão , e modos
» de amizade por outras muitas vias ; e re-
» preſentadas eſtas razões , e outras que pe-
» ra voſſo negocio vos parecerem neceſſa-
» rias ao Idalxá , e ſeus Capitães com quem
» correis , parece-me que devem procurar
» logo voſſa vinda pera Goa , pera poder-
» des dar razão ao Governador do que lá
» paſſou , pera lhe a elle ficar tempo de
» poder dar conta neſtas náos que vam a
» ElRey noſſo Senhor , do eſtado em que
» ficam as couſas delle , e como eſtá com
» os vizinhos que lhe elle tanto encommen-
» da conſerve em ſua amizade , porque vos
» affirmo que lhe convem dar a Sua Alte-
» za conta de tudo , pois elle moſtra pela
» execução que fez que terá differente or-
» dem no governo , do que tiveram os Vi-
» ſo-Reys paſſados. » O

» O não vos receber o Idalxá com o
» preſente que levaſtes, iſſo não affronta o
» Governador, pois não foi o author del-
» le, nem lho enviou: e ainda digo por
» parte do Viſo-Rey D. Antonio que tão
» pouco não havia razão pera deixar de
» lho aceitar, pois iſſo não foi enviado co-
» mo preſente, nem foi mais que ſatisfa-
» ção ao Idalxá com duas eſpadas, e hum
» cavallo que a eſta Cidade mandava com-
» prar, e por eſcrever ſobre iſſo cartas ao
» proprio Viſo-Rey, pera que lhe foſſe
» com brevidade, e favoreceſſe a peſſoa que
» a iſſo enviava, em reſpoſta do que pera
» mais ſatisfação lhe enviou o cavallo, e
» eſpadas que vós levaſtes, e elle deſeja-
» va, a que devia moſtrar-ſe agradecido,
» não pelo preço, ſenão pela vontade com
» que o ſervia naquellas couſas.

» Não tenho niſto mais que vos lem-
» brar, ſenão que procureis de vos partir
» pera eſta Cidade, tanto que lá ſe ſouber
» por eſta, ou pelas novas que correm que
» já não governa o Viſo-Rey D. Antonio
» de Noronha, e que quem eſtá no gover-
» no, não tem culpa no deſgoſto que ſuc-
» cedeo na tomada das náos, ou depoſito
» que ſe queria fazer nellas., até ſe ver o
» que o Viſo-Rey ordenava ſe fizeſſe del-
» las, e o que ſe fez não foi couſa nova,

» pois

» pois ſempre foi coſtume darem as náos
» que navegam razão de ſeus cartazes, e
» ſe trazem couſas defezas, e não pôrem-
» ſe logo em defensão, e reſiſtencia de ar-
» mas, como fizeram os Capitães dellas
» com a noſſa Armada; e o que ſuccedeo
» aſſim ás náos, como ao noſſo Capitão
» mór, fello a juriſdicção da tormenta, e
» acontecimentos varios do mar, que coſ-
» tuma fazer ſeu curſo, e não o que os ho-
» mens pertendem. De Goa, quatorze de
» Dezembro de mil e quinhentos e ſeten-
» ta e tres. »

Recolhido Fernão Telles da Coſta do Norte, onde andava no fim de Dezembro de ſetenta e tres com huma grande cafila, e huma galeota de Malavares que tomou, e hum Embaixador que o Grão Mogor mandava ao Viſo-Rey D. Antonio de Noronha, que veio grandemente acompanhado, homem de muita peſſoa, e gravidade, que por ſer o primeiro que paſſou á India o recebeo o Governador com grande mageſtade, e apparato, e foi em Goa mui banqueteado de alguns Fidalgos velhos, e ricos, principalmente de D. Leoniz Pereira, e de Ayres Telles de Menezes, nos quaes banquetes foi o Embaixador ſervido com todas as baixellas que havia em Goa, e com todos os regalos que a India podia

dar

dar de ſi, e me affirmáram que em cada jantar ſe gaſtáram mil cruzados: logo o Governador Antonio Moniz Barreto o tornou a deſpedir, e a Fernão Telles por Capitão mór da coſta Malavar com quatro galés, e oito, ou dez fuſtas, que partio de Goa meiado Janeiro de ſetenta e quatro. Os Capitães das galés, a fóra elle, eram D. João da Gama, Fernão Pereira de Miranda, e Antonio Cabral; e das fuſtas D. Luiz de Menezes, Fernão de Albuquerque, Gonſalo Rodrigues Caldeira, Diogo Taveira, Gonſalo de Souſa, Pedro de Anhaya, Eſtevão de Pina, Roque de Brito, ſeu irmão, e outros a que não achei os nomes.

No fim deſte mez foi D. Diogo de Menezes entrar na Capitanía de Ormuz, que lhe ElRey tinha mandado, e lhe deo o Governador Antonio Moniz a galeota S. Vicente pera ir nella.

Logo na entrada de Fevereiro deſpedio o Governador por Capitão mór da coſta do Norte a D. Antonio de Menezes com duas galés, elle em huma, e em outra Antonio Lobo Falcão, e oito fuſtas, de que foram por Capitães Paulo Antonio Telles, D. Duarte Deça, D. Diogo da Silveira, Franciſco Pereira Eſcorcio, Sebaſtião Gonſalves de Alvellos, e outros. Neſta companhia foi Ayres Falcão entrar na Capitanía

de

de Baçaim, e Antonio Ferrão por Veador da fazenda das Fortalezas do Norte.

Deixemos agora os ſucceſſos deſtas Armadas, e continuemos com as couſas do Idalxá, e cativos que eſtavam em ſua Corte. Com a carta que o Secretario Rodrigo Annes Lucas eſcreveo a Chriſtovão do Couto, houve algum abalo nos Capitães do Idalxá, a quem elle deo cópia da carta, que parece communicáram tudo com o Idalxá, o qual ſabendo da mudança do governo, e que nelle eſtava Antonio Moniz Barreto, deſpedio logo hum Embaixador a dar-lhe os parabens de ſua ſucceſsão, o qual em breves dias chegou a Goa na entrada de Fevereiro, e lhe fez o Governador hum grande recebimento, e o mandou agazalhar, e prover muito bem, e o Embaixador lhe deo huma carta do Idalxá, e outra de Fratel Maluco ſeu Regedor, e Governador de ſeus Reynos, que ambas eram de muita ſubſtancia, e nella lhe davam os parabens de ſeu governo, e lhe pediam que mandaſſe ſatisfazer a perda das duas náos, que lhe D. Henrique de Menezes tomára por mandado do Viſo-Rey D. Antonio de Noronha, as quaes o Governador mandou ler em conſelho geral que pera iſſo ſe ajuntou, e nelle ſe aſſentou que pera ſe dar ſatisfação áquelle Rey ſe

fi-

fizessem algumas diligencias sobre aquelle negocio á vista do Embaixador, as quaes eram despedir hum catúr ligeiro a Cóchim, com provisões rigorosas, pera que se ainda estivesse o Viso-Rey D. Antonio por embarcar, lhe tomasse o Capitão da Cidade a homenagem de se não ir até estar a direito com o Idalxá; e que sendo partido, lhe sequestrassem toda a fazenda que se lhe achasse; e a mesma diligencia mandou fazer publicamente em Goa, deitando grandes pregões com grandes penas, a quem soubesse de alguma fazenda sua, se a não descubrisse dentro em tres dias, o que tudo foi á vista do Embaixador, o qual pedio ao Governador alguns cartazes pera suas náos navegarem pera Ormuz, e outras partes; e que os passos da Ilha de Goa fossem francos pera todos os que quizessem passar, e tornar por elles, pagando os direitos de suas fazendas, e outras cousas, com que o Embaixador se mostrou satisfeito; e porque era necessario pera a liberdade de D. Henrique de Menezes, e de todos os mais que lá estavam retheudos, despedio o Embaixador com brevidade, fazendo-lhe muitas honras, e dando-lhe presentes pera o Idalxá, e Fratel Maluco, e lhe escreveo cartas em resposta das suas, e a de ElRey era deste

theor,

theor, deixando os titulos, e cortezias do introito.

» A couſa que mais me encommenda,
» e manda ElRey meu Senhor em ſuas car-
» tas he o ſerviço de Voſſa Alteza, e que
» pera elle lhe offerecia eſte Eſtado todas
» as vezes que lhe cumprir: e que mo não
» mandára, ſatisfizera eu com a meſma
» obrigação, pois tenho de longe conheci-
» mento da ſua vontade, que he não dar
» nunca occaſião aos Reys que tem por
» amigos; e quando elles a pertendam, e
» buſquem, ou vam contra as pazes por
» elle juradas, ficará ElRey meu Senhor
» deſculpado com Deos, e com os homens.
» Com as couſas do ſerviço de Voſſa Al-
» teza tenho corrido em tudo como pude,
» e nada me ficou por fazer depois que
» ſou Governador: e he tanto iſto aſſim,
» que em chegando o Embaixador de Voſ-
» ſa Alteza, logo mandei fazer preſtes hum
» catúr ligeiro, pera que com toda a bre-
» vidade foſſe a Cóchim deter o Viſo-Rey
» D. Antonio, ou que deixaſſe fiança a tu-
» do o que contra elle ſe julgaſſe. Eſcre-
» vi a ElRey meu Senhor ſobre eſte par-
» ticular, e lhe enviei a carta de Fratel
» Maluco; e ſe Voſſa Alteza quiz, e me
» mandou que ſobre eſte negocio eſcreveſ-
» ſe a Portugal, e déſſe particular conta
» de

» de tudo , eu o fiz por Voſſa Alteza aſ-
» ſim mo mandar. E que razão poderei eu
» dar a ElRey meu Senhor, que neſte car-
» go me poz, de me determinar neſte caſo
» ſem reſpoſta, e ordem ſua, tendo-lhe eſ-
» crito na fórma, que Voſſa Alteza me
» mandou? Se niſto ha culpa (o que na ver-
» dade me não parece) Voſſa Alteza a tem,
» pois quiz a determinação mais cumpri-
» da do que eu a pudéra dar ; mas tudo
» irá a melhor. Mandei apregoar que to-
» da a peſſoa, que ſoubeſſe da fazenda, ou
» dinheiro do Viſo-Rey D. Antonio, o vieſ-
» ſe manifeſtar dentro em tres dias, e por
» ſerviço de Voſſa Alteza faço da minha
» parte todas as juſtificações poſſiveis pe-
» ra acertar em ſeu ſerviço, e não conſin-
» to ficar-me nenhuma por fazer. Ao Em-
» baixador concedi os cartazes que me pe-
» dio , e os paſſos da Ilha francos pera o
» que quizeſſem ; e ſendo todos os Fidal-
» gos de meu conſelho de Eſtado de pa-
» recer , que já que Voſſa Alteza retinha
» em prizão, e não mandava vir os Portu-
» guezes que lá eſtavam , mandaſſe eu eſ-
» perar as ſuas náos de Ormuz , e Benga-
» la, e as retiveſſe tambem, e eu ſó fui o
» que contra tantos pareceres prevaleci. O
» Embaixador traz por eſcrito grandes po-
» deres, e não uſa delles, deve de ſer em

» ſe-

» ſecreto aſſim mandado de Voſſa Alteza;
» pelo que lhe peço de mercê mande ſol-
» tar os prezos com que lhe ficarei em
» obrigação de ſempre o ſervir; porque,
» Senhor, quem pede juſtiça não deve uſar
» de força, que he quebrar as leis, que
» Voſſa Alteza tem obrigação de fazer a
» todos guardar; e fazendo-me Voſſa Al-
» teza eſta mercê, e juntamente mandar a
» ſeus Tanadares deſtes portos, que não
» recolham nelles inimigos deſte Eſtado,
» pois he contra o contrato das pazes ce-
» lebradas, ficarei cativo, e criado de Voſ-
» ſa Alteza, e obrigado a não ſahir nunca
» de ſeu ſerviço, e mandar caſtigar rija-
» mente a quem os recolher, como que-
» brantador do bem público, e da paz ce-
» lebrada. Noſſo Senhor guarde o Real Eſ-
» tado de Voſſa Alteza, e a vida accreſ-
» cente por largos annos. Goa dezeſeis de
» Fevereiro de mil e quinhentos e ſetenta
» e quatro. »

E pera que não foſſem tudo rogos, tambem tratou o Governador de entrar com alguns ameaços, eſtes foram mandar paſſar Proviſões, pera que os Portuguezes não levaſſem cavallos, nem outras fazendas ao Balagate, porque com iſſo obrigaria aos mercadores daquelle Reyno a virem comprar eſtas couſas a Goa pela neceſſidade

que

que dellas tinham ; e com isso não só seguravam os vassallos de ElRey nas consciencias pelos escrupulos que ficavam de levarem cavallos, e fazendas aos Mouros, mas ainda ficavam engrossando os rendimentos das Alfandegas, porque pera a compra destas cousas haviam de trazer muitas fazendas a Goa, de que não só pagariam direitos da entrada, mas tambem das que levassem á sahida : e que além destes proveitos seguravam aos vassallos de ElRey de Portugal as fazendas, que levavam ao Balagate, e muitos cavallos que cada vez que os Mouros quizessem, podiam lançar mão de tudo, como já algumas vezes fizerám. Estas Provisões mandou o Governador apregoar pela Cidade, pera que os Mouros do Balagate, que nella andavam, avisassem de tudo ao Idalxá, com o que poderia ser o movessem a soltar os prezos pela necessidade que tinham, de que lhe levassem aquellas cousas que lhe defendiam.

Na entrada de Fevereiro deste anno de mil e quinhentos e setenta e quatro chegáram as náos de Malaca, nas quaes escrevêram D. Francisco Henriques Capitão daquella Fortaleza, e Tristão Vaz da Veiga, que nella estava, por não poder passar a Jundá a carregar de pimenta conforme o seu contrato ; nas quaes lhe representáram

ram o miseravel estado em que aquella Fortaleza estava, e de como o Achém com a Rainha de Japará estavam conjurados em seu damno, e que em ambos aquelles Reynos se faziam grandes preparações, e se lançavam ao mar grossas Armadas, que aquella Fortaleza ficava com pouca gente, e muito falta de munições, e mantimentos, que lhe pediam a soccorressem, e senão que se perderia tudo; e o mesmo escrevêram a D. Leoniz Pereira Capitão de Malaca, o qual se foi ver com o Governador, e lhe mostrou as cartas, e lhe disse que elle estava prestes pera se partir pera Malaca, dando-lhe elle Governador o que ElRey lhe mandava; e sobre isto fez suas lembranças em boa fórma diante do Secretario do Estado, Veador da Fazenda, e outros Officiaes. O Governador Antonio Moniz Barreto lhe respondeo que bem via o Estado como estava falto de tudo pelas guerras passadas, sem Armadas, nem gente pera lhe poder dar o que ElRey mandava, mas que se fizesse prestes, que elle lhe daria tudo o que pudesse ser, e que ajuntaria Conselho geral, e o que nelle se assentasse isso se faria, não vendo este Governador que cahia na trampa que armou ao pobre Viso-Rey D. Antonio de Noronha, por onde o fez remover do Estado com

tanta affronta, tendo elle naquelle tempo menos tudo, porque as grandes guerras passadas, e as muitas despezas que com ellas se fizeram, não em huma, mas em todas as Fortalezas da India, contra as quaes se conjuráram todos os Reys della, era bastante razão que tinha por si pera não aviar ao Governador Antonio Moniz Barreto, como ElRey mandava, porque nem a metade, nem a quarta parte se lhe podia dar naquelle tempo: e assim como Deos he justo Juiz, assim permittio que se visse logo a innocencia do Viso-Rey D. Antonio, e a paixão, e odio dos que o affrontáram, de o fazerem tirar do governo; e póde bem ser que se não se mettêra de permeio a desaventurada perda de ElRey D. Sebastião, que pagára este Governador ao Viso-Rey D. Antonio de Noronha o mal que lhe fez, pois agora tinha mais obrigação de enviar a D. Leoniz Pereira, pelo recado que sobreveio do aperto que se esperava em Malaca; mas deixemos estas cousas, e vamos com a nossa historia.

Logo aos quatro de Março deste anno tornou o Governador a ajuntar o Conselho geral, no qual propoz as necessidades, e trabalhos em que estava a Fortaleza de Malaca, e o pouco commodo que havia pera se poder soccorrer; mas que todavia faria

o que ſe aſſentaſſe que era neceſſario fazer-ſe ſobre aquelle negocio ; e debatida entre todos a propoſta, foram os mais de parecer que ſe devia aviar o Governador de Malaca, a cuja conta todas aquellas Fortalezas eſtavam, e aquellas partes, e deſobrigar-ſe della o Governador Antonio Moniz Barreto ; e que ſe não pudeſſe ir do modo que ElRey mandava, foſſe como o [illegible]ado pudeſſe pelas impoſſibilidades preſentes, e que eſta reſolução ſe fizeſſe logo a ſaber ao Governador D. Leoniz Pereira pera ſe determinar, ao que logo o Secretario o foi buſcar, por ſe elle não querer achar naquelles conſelhos ; e lhe deo conta do que ſe paſſára, e que viſſe como queria ir, porque o Governador eſtava preſtes pera o aviar: ao que D. Leoniz lhe reſpondeo, que mais preſtes eſtava elle pera ir ſervir a ElRey da maneira que elle mandava ; mas porque o Governador, e os do Conſelho não cuidaſſem que elle ſe forrova dos trabalhos, que dando-lhe Antonio Moniz Barreto huma Armada, como mandava a qualquer Rey do Malavar, de duas galés, e ſeis fuſtas, que elle ſe contentaria pera ir ſervir ElRey naquella empreza.

Com eſta reſpoſta foi o Secretario ao Governador Antonio Moniz, que achou ainda com todos os do Conſelho juntos ; e

dando publicamente relação do que passava, tornáram a debater sobre o caso, e assentáram que por então não poderia o Estado dar mais de si que dous navios de alto bordo; e que se das Armadas que andavam fóra, pudessem ir algumas fustas, que se aviassem pera isso, e que pera Setembro poderia o Governador dar a D. Leoniz Pereira Armada com que se pudesse ir. Assentado isto, tratou logo o Governador das cousas que havia de mandar a Malaca, e Maluco; e em quanto se fazia isto prestes, despedio a Henrique Moniz Barreto pera a costa do Canará com huma Armada pera ir dar guarda ás cafilas que haviam de trazer os mantimentos pera as Armadas, o qual partio de Goa em oito de Março com duas galés, elle em huma, e Gomes Eannes de Freitas em outra, e sete fustas mais, de que foram por Capitães Manoel Furtado de Mendoça, João Rodrigues Deça, Mathias Pereira de Sampayo, Antonio de Monroy, João de Mello de Sampayo, Pedro Rodrigues, e Pedro Soares Malavares. A esta Armada não succedeo cousa alguma mais que tornar a Goa em vinte e dous de Abril com muitos mantimentos.

Partida esta Armada, despedio logo o Governador Miguel de Abreu de Lima, que ti-

tinha vindo do Reyno pera ir por Embaixador á Persia, o qual partio em vinte de Março nas náos que foram pera Ormuz; e porque a causa desta embaixada, e as cousas que succedêram a este Embaixador, se hão de contar em outro lugar, não tratarei aqui dellas.

Em vinte e sete de Abril deste anno partio Belchior Botelho a fazer as viagens de Maluco no galeão Santa Catharina muito cheio de mantimentos, e munições: foi mais D. Antonio da Costa em huma galé pera ir de soccorro a Malaca, e o Licenciado Martim Ferreira por Veador da Fazenda pera Malaca no galeão S. Diniz, e com Belchior Botelho foi embarcado Nuno Pereira de Lacerda pera ir entrar na Capitanía de Ternate, de que estava provído por Sua Magestade.

Falta-nos continuarmos com Fernão Telles, que anda no Malavar, o qual andou todo o resto do verão correndo aquella costa com grandes intelligencias sobre os paráos; e sendo avisado que no rio da Pedra se recolhêram sinco, que vieram do Norte carregados de prezas, foi sobre aquelle rio, e o mandou entrar pelos navios de remo, os quaes foram ainda tanto a tempo que os tomáram ainda dentro no rio com todo o seu recheio; e endireitando com elles, os

in-

investíram muito determinadamente; e posto que entre todos houve huma muito aspera briga, sendo os contrarios favorecidos da gente da terra, e tanto apertáram os nossos com elles que houveram por bom partido lançarem-se a nado a terra, e deixarem os navios nas mãos dos nossos com todo o recheio, que foram tirados á toa pera fóra, e cada hum tomou o que pode. Não especifico aqui os que primeiro abroáram, nem os que foram neste negocio, porque todos os Capitães das fustas foram nelle, e investíram os inimigos juntamente. Fernão Telles deo muitas voltas áquella costa, e já a tempo de se recolher foi dar com huma náo do Çamori que vinha de Méca; e mandando-a commetter pelos navios pequenos pela não querer metter no fundo com a artilheria das galés, foi depois de grande referta entrada, e a maior parte dos Mouros mettidos á espada, e alguns cativos, e com estas prezas se recolheo a Goa no fim de Abril.

CA-

CAPITULO XX.

Francisco Barreto eleito Governador pera a Conquista das Minas do Reyno de Manomotapa.

TInham tantas vezes persuadido a ElRey D. Sebastião a que mandasse conquistar as riquissimas Minas do Reyno de Manomotapa, que se moveo a fazello, e pera esta jornada, e conquista escolheo ElRey Francisco Barreto, que tinha sido Governador da India; e que então era General das galés do Reyno, e tinha vindo daquella fermosa jornada do Pinhão, donde foi com huma grossa Armada por mandado de ElRey D. Sebastião pera se achar naquelle feito com D. Garcia de Toledo, na qual os Portuguezes ganháram o nome que sempre tiveram: tratou-se do titulo, e jurisdicção que se lhe daria, a qual foi de Capitão geral, e Conquistador dos Reynos, que jazem desdo Cabo das Correntes até o de Guardafum, e que lhe dariam tres náos com mil homens, e cem mil cruzados em dinheiro, em quanto as Minas não pudessem supprir estas despezas, e munições, e mantimentos pera a Armada; e que todos os annos, em quanto durasse a conquista, se lhe dariam os cem mil cruzados assi-

ma

ma com quinhentos homens; e que se por algum caso fosse ter á India, ou se encontrasse no mar com o Viso-Rey, ou Governador, levariam ambos suas bandeiras, e faroes, e que governariam nos successos da guerra, em que se achassem ambos de dous em conformidade, e que por seus mandados fariam os Officiaes da fazenda da India as despezas de sua Armada nos provimentos della, com outras mercês, e favores que deixo, porque não fazem ao caso de nossa historia.

Pera esta jornada mandou ElRey que se preparassem as tres náos, e se pagassem mil homens de armas; e pela novidade della, e ser a descubrir Minas de ouro, abalou toda Lisboa, e acudíram muitos Fidalgos pera se acharem nella, e tanta gente houve que sobejava pera outra Armada. Pera ir Francisco Barreto se negociou a náo Rainha, que andava na carreira da India, pera a qual se pagáram seiscentos soldados, em que entravam mais de trezentos Fidalgos, e mais de duzentos criados de El-Rey, e toda a mais gente mui limpa, e nobre: as outras duas náos eram de duzentas e sincoenta toneladas, e em cada huma se embarcáram duzentos homens de armas, a fóra gente do mar, das quaes eram Capitães Vasco Fernandes Homem, e Louren-

renço Carvalho. Levava mais Francisco Barreto nesta Armada cem homens Africanos, porque determinava mandar buscar cavallos á India, e levallos no seu exercito pera maior fortaleza. Em fim, preparada esta Armada, se fez Francisco Barreto á véla, com as suas náos juntas no fim de Abril do anno de 1569. e seguindo sua viagem, logo se apartáram; e Lourenço Carvalho por não poder dobrar os abrolhos arribou ao Reyno, Francisco Barreto foi invernar ao Brazil, só Vasco Fernandes Homem se negociáram os seus Officiaes melhor, e trabalháram tanto que chegáram a Moçambique em Agosto, estando todas as náos da Armada do Viso-Rey D. Antão de Noronha de arribada, e elle morto, como dissemos no titulo de sua Armada, e estava na Fortaleza por Capitão Pedro Barreto, que tanto que soube que Francisco Barreto vinha com aquelles poderes pera proseguir na conquista, houve-se por aggravado de ElRey, e affrontado de Francisco Barreto, tanto, que largando hum anno, que lhe faltava por acabar naquella Fortaleza, logo se embarcou pera o Reyno, como foi tempo na náo Chagas, e faleceo no caminho antes de chegar ao Reyno, na qual companhia eu tambem fui requerer os serviços que tinha feito na India.

Fran-

Francifco Barreto, que eftava invernando no Brazil na Bahia de Todos os Santos, tanto que foi tempo partio-fe pera Moçambique, aonde chegou a falvamento com toda a gente sã, e muito bem difpofta; e tomando informação da terra, que achou falta de mantimentos, vendo que pela falta da gente da outra náo, de quem não fabiam novas, não podia ir profeguir na conquifta, e que havia de eftar alli alguns mezes, até virem as náos do Reyno, em que efperava mais foccorro, pareceo-lhe bem dar huma volta até a cofta de Melinde, affim pera caftigar o Rey de Pate, que eftava levantado, como pera arrecadar as pareas, que deviam de alguns annos todos os mais Reys, e pera trazer de lá muitos mantimentos pera a jornada que efperava fazer, e ajuntou todos os pangaios, e embarcações que pode, em que fe embarcou com toda a gente, deixando por Capitão na Fortaleza a Lourenço Godinho, Alcaide mór, e foi furgir fobre o porto de Pate, onde aquelle Rey veio logo á obediencia, e lhe pagou as pareas que devia, como pagáram os mais Reys, e todos os Senhores daquella cofta, com que largamente fez as defpezas de fua Armada, e trouxe muitas embarcações carregadas de mantimentos, que lhe foram muito bons por

ha-

haver em Moçambique poucos, e esses muito caros; e dos Mouros daquella costa, que são muito sutís, e penetrão todo o sertão da Cafraria, se informou de muitas cousas pera sua entrada por aquellas terras dentro; e de huns do Reyno de Atoude soube que do Quiloa, ou do Atoude por quinze, ou vinte leguas de caminho pelo sertão dentro poderiam chegar até o outro mar de Angola, e que foram algumas vezes á sua feira, onde vinham os mercadores daquelloutro mar contratar com elles em suas fazendas; e disto achei na feitoria de Moçambique registada huma carta, que Francisco Barreto escreveo a ElRey sobre este negocio, assim secca, sem dizer se estes Mouros hiam por mar, ou por terra, nem lhe pedir o roteiro daquella viagem, que foi grande descuido; e com esta carta achei tambem registada a resposta de ElRey, na qual lhe estranhava muito deixar a principal jornada, a que fora enviado que era a das Minas, e ir-se á costa de Melinde; mas que tambem lhe agradecia algumas cousas, que lá fizera, as quaes cartas eu trasladei por curiosidade, sendo bem moço naquelle tempo. Francisco Barreto, depois que fez na costa de Melinde o que dissemos, tornou-se pera Moçambique, aonde achou as duas náos, que o Viso-Rey D. Luiz de Ataíde

de lhe tinha mandado com roupas, e munições, mantimentos, e cavallos, e por aquellas náos teve novas da conjuração de todos os Reys do Oriente (como contámos) e de como o Nizamoxá ficava com hum grosso poder sobre Chaul, que por nenhum caso poderia deixar de tomar aquella Cidade por estar toda aberta, e sem defensão: o que sabido por Francisco Barreto, propoz em hum Conselho geral, que mais serviço de ElRey sería acudir a Chaul, que ir ao negocio das Minas, que a todo o tempo se poderia fazer, dando muitas razões que todos approváram, e assim se começou a preparar pera aquella jornada, pera a qual tinha as suas duas náos, e huma que tinha chegado de descubrir o Cabo de Boa Esperança, por mandado de ElRey, da qual era Capitão Manoel de Mesquita, e outras embarcações mais pequenas, em que poderia levar oitocentos homens; e tendo tudo prestes, chegou D. Antonio de Noronha, que tinha partido do Reyno por Viso-Rey da India, com sinco náos todas em huma maré, e o Viso-Rey D. Antonio vinha muito doente de tericia, e tal que cuidavam que não poderia viver. Estavam elle, e Francisco Barreto mui desavindos já do tempo da India, e sem embargo disso foi em huma manchua metter as náos

den-

dentro no rio, e amarrallas; e depois de as ter seguras, entrou na náo do Viso-Rey, que estava em hum catre pequeno deitado na varanda, e chegando a elle o abraçou, e lhe disse: »Quebre-se, Senhor, este en- » cantamento: peza-me de Vossa Senhoria » vir nesse estado, porque o tomára ver » muito bem disposto, pera supprir as ne- » cessidades em que, Senhor, haveis de to- » mar a India, pera onde eu espero de vos » acompanhar; e pois Vossa Senhoria vem » desse modo, faça-me mercê de se ir pera » minha casa, aonde se tratará de vossa sau- » de o melhor que puder ser.» O Viso-Rey lhe agradeceo muito aquelle termo, e lhe pedio o houvesse por escuso, porque era velho, e rabugento, e que lhe mandasse dar casas, em que se pudesse agazalhar; o que Francisco Barreto fez, mandando-lhas perfumar muito bem, com muitos cheiros, e verduras; e com o Governador Antonio Moniz Barreto tambem teve outros cumprimentos, como parentes que eram, e o levou pera sua casa.

Passados alguns dias, em que o Viso-Rey tomou algum alento, fez Francisco Barreto hum ajuntamento de todos os Capitães, e Fidalgos velhos, o Governador Antonio Moniz Barreto, Vasco Fernandes Homem, Religiosos que havia alli muitos,

e muito bons Letrados, e o Padre Franciſco de Monclaros da Companhia, e preſentes todos, lhes propoz as couſas ſeguintes, pera ſe reſolver com ſeu parecer: » Que elle eſtava preſtes com aquellas tres náos, » e oitocentos homens pera ir ſoccorrer a » Fortaleza de Chaul, que eſtava em grande » de aperto; e que parecendo bem a to- » dos, o faria: e aſſim mais propoz, que el- » le trazia no primeiro capitulo de ſeu Re- » gimento, que na Conquiſta das Minas » não fizeſſe nada, ſem o parecer do Padre » Franciſco de Monclaros, que eſtava pre- » ſente; que pera as Minas de Butuá, e » Manicá havia dous caminhos, hum pela » ſerra, e terrã de Manomotapa, e outro » por Çofala, que pedia a todos ſe ouviſ- » ſem os homens velhos, e praticos naquel- » la terra, e que com as razões que deſ- » ſem ſe aſſentaſſe qual deſtes caminhos ſe » havia de ſeguir. » E ouvindo os homens todos o que Franciſco Barreto diſſe, tratando-ſe daquella materia, vieram todos a conformar, e aſſentar em que o caminho ſe havia de fazer por Çofala, por ſer mais facil, e menos arriſcado, porque pelo outro da ſerra haviam de paſſar forçoſamente pelas terras de hum Rey chamado Omigos, o mais poderoſo de toda a Cafraria; e que ſuccedendo aos noſſos alguma quebra com

el-

elle, ficaria o Governador Francifco Barreto inhabilitado pera profeguir a conquifta que lhe ElRey mandava. Efte parecer tomou o Governador affim com tanta folemnidade, porque o Padre Francifco de Monclaros apertou muitas vezes com elle, que foffe pela ferra, e terras de Manomotapa, tendo elle fabido dos homens praticos, que não iriam bem encaminhados; e porque Francifco Barreto não quiz feguir o parecer do Padre, andavam elles quebrados, e differentes, e ainda nefta junta o eftavam, e o Padre teimava em que fe havia de fazer o caminho da conquifta por onde elle queria, e não por onde geralmente a todos parecia, o que era zelo piedofo, mas damnofo; porque a razão porque niffo infiftia era, pera que o Governador Francifco Barreto tomaffe do Manomotapa alguma fatisfação da morte do Padre D. Gonfalo da Silveira, que elle mandou martyrizar, como em feu lugar contei, e pera ver fe poderiam achar as reliquias de feus offos, o que não podia fer, porque todos os homens que naquelle tempo tratavam pera as terras de Manomotapa affirmavam, que tanto que lançáram o corpo defte fanto Padre no rio, logo os lagartos, e cocodrillos o comêram, e engolíram, donde não pudera tornar a apparecer, fenão no ul-

ultimo juizo universal; e debatido o negocio naquelle grande concurso de Capitães, Theologos, e mercadores praticos daquellas Minas, assentáram todos que ao Governador Francisco Barreto lhe era necessario fazer seu caminho por Çofala, assim por ser mais perto, como menos arriscado. Assentado este negocio, assignáram todos no termo que disso se fez, em que tambem o Padre Francisco de Monclaros assignou por lhe parecer muito bem.

E sobre o primeiro ponto que o Governador Francisco Barreto propoz, de que estava prestes pera soccorrer Chaul, disse o Viso-Rey D. Antonio que naquillo tinha bem cumprido com o serviço de ElRey, e obrigação de sua pessoa, que a tenção era muito boa, e fora muito bem acertada a jornada, se faltáram náos; mas que pois elle Viso-Rey hia pera a India com tamanha Armada, que escusava elle Francisco Barreto aquelle trabalho, pois tinha o outro da conquista das Minas, que ElRey tanto lhe encommendava; mas que pois alli estavam juntos aquelles Capitães Fidalgos, e Religiosos, e Cavalleiros, lhes pedia que praticassem sobre se iria elle D. Antonio com toda a Armada demandar Chaul, que era o que estava mais arriscado, ou se iria direito a Goa; porque se Chaul fosse perdi-

do,

dó, elle já o não podia remediar; e se estivesse ainda cercado, que com a nova que chegasse aos inimigos de sua vinda com tamanho poder, estava certo levantarem-se logo daquella Cidade sobre que estava; e que chegando elle a Gôa, lhe poderia logo mandar todos os soccorros que quizesse; e concluido isto com tanta satisfação de todos, se partio o Viso-Rey pera a India.

Francisco Barreto começou a mandar muita parte da fabrica da conquista pera Çofala em muitas embarcações; e elle se começou a preparar pera a jornada; mas como ao Padre Francisco de Monclaros lhe parecia que se fazia offensa á sua authoridade, e letras, e ao que ElRey delle fiava que aconselharia ao Governador o que fosse justo, e honesto, conforme a seu serviço, e não a suas pertenções, foi-se hum dia ao Governador, e lhe pedio licença pera se ir pera a India pela Costa de Melinde; porque entendia que elle Governador hia contra sua consciencia, e contra o serviço de ElRey em querer fazer seu caminho por Çofala, como estava assentado, parecendo-lhe ao mesmo Padre muito acertado o que se assentou em hum Conselho tão authorizado, como se convocou pera esta materia de hum Viso-Rey, dous Gover-

nadores, e mais de vinte Padres de S. Domingos, Theologos, querendo que seu parecer só vencesse a todos estes, paixão muito natural em muitos Religiosos, pela qual deitáram a perder na India grandes occasiões, e se arriscáram, e ainda perdêram algumas Fortalezas, como pelo discurso de minhas Decadas se verá; porque muito sabido he nas Escrituras Divinas, e Humanas que cada dia erra o homem, que se governa por seu parecer, e que as mais das vezes acertou, quem se governou pelo alheio: em fim a paixão deste Padre chegou a tanto, ou o medo, e temor que o Governador Francisco Barreto tinha aos Prelados da Companhia, e ao Mestre de ElRey D. Sebastião, que foi o que o encaminhou pera esta jornada, que fez remover o parecer que estava tomado de tantas pessoas tão eminentes, e fazer nova junta, em que tornou a propôr o negocio, no qual parece que o Padre tinha feito o que pertendia com os que haviam de ser chamados; e tornado a debater o negocio, votáram que fosse o Governador pela serra, e não por Cofala: e nisto se poderá bem ver o que podem respeitos, que o que hoje pareceo bem a huns, á manhã parece mal aos mesmos: ora deixemos isto, que não servio de mais que de escandalizar a quem

o

o ſoube. O Governador Franciſco Barreto tornou a remover o que eſtava aſſentado, e mandou embarcações a Çofala, pera que toda a fabrica que lá eſtava, o foſſe eſperar no forte da ſerra, como fez; e elle como ſe hia chegando o tempo em que havia de partir, ſe foi fazendo preſtes, e ſe proveo baſtantemente de muitas couſas pera aquella jornada, pera a qual levou mais de duzentas peças de pannos de cores pera ſe veſtirem os ſoldados no tempo do inverno, que he lá muito frio. Aqui quero contar eſte caſo, que me aconteceo com elle. Vim eu do Reyno, como já diſſe, com o Viſo-Rey D. Antonio de Noronha; e como Franciſco Barreto comprava todos eſtes pannos, parece ſoube que eu trazia humas trinta peças, que me mandou rogar lhe vendeſſe, as quaes eu lhe mandei logo, e depois fui ter com elle, que eſtava fazendo contas com hum Feitor ſeu, que comprava eſtes pannos, o qual me perguntou a como os havia de dar, ao que Franciſco Barreto, que eſtava praticando comigo nos aſſentos da janella, lhe reſpondeo eſtas palavras: » Ora eſtais muito gracioſo, » perguntai a eſte ſenhor ſoldado por armas, e dar-vos-ha razão dellas: pagai» lhe as ſuas peças por aquillo que as mais » caras vos cuſtáram » o que elle logo fez:

trouxe isto, pera que se veja a natureza; e grandeza deste Fidalgo.

CAPITULO XXI.

Parte Francisco Barreto pera a Conquista das Minas: e da descripção de toda a Costa do Cabo Delgado até o Cabo das Correntes, e do Reyno de Manomotapa, e das Minas de Butuá, e Manicá.

PRestes Francisco Barreto de tudo, ajuntou todos os navios, que havia no rio de Moçambique, e mandou embarcar a fabrica toda, e assim os cavallos, e huma quantidade de jumentos, e alguns camellos, que lhe trouxeram das costas dos Bedoins pera o serviço do exercito, e serviço delle: levou o Governador mil soldados, muitos escravos, e alguns Mouros, que sabiam a terra, muitas roupas, mantimentos, e odres pera agua, e em fim tudo o que lhe disseram ser necessario pera aquella jornada, e no mez de Novembro se embarcou, e foi com tudo a salvamento até o rio de Quilanamé noventa leguas de Moçambique, que he o rio dos Bons Sinaes, onde Vasco da Gama, quando foi ao descubrimento da India, espalmou as suas náos; e porque me pareceo que sería acceito

to dos curiosos fazer aqui huma descripção desta costa toda do Cabo Delgado até o Cabo das Correntes, a farei, começando do Cabo Delgado pera o das Correntes.

Esta costa do Cabo Delgado até Moçambique quasi que imita a feição de hum arco, começa em nove gráos do Sul, e acaba em quatorze e meio, em cuja distancia ha estes rios, e Ilhas. Cabo Delgado, Ilha dos Passaros, Ilha de Mesa, rio Pandagi, tem huma Ilha na boca do seu nome, Ilha Macoloé, Ilha de Matemo, Ilha de Quiribá, Ilha da Cobra, junto della rio Melvané, Ilha de Quizoé na sua boca, Ilhas das Cabras, a estas Ilhas lhe puzeram o nome os soldados da Armada de Vasco da Gama, quando por alli passou a primeira vez, Ilhas do Açoutado, porque nellas mandou Vasco da Gama açoutar o Piloto, que o levou de Moçambique, porque o metteo entre ellas, a fim de lhe fazer perder as náos. Vai logo o rio Mesente, o rio Noculubó, o rio Jitú, o rio Abé, o rio Xagás, o rio Samouco, o rio de Velloso Xaracapá, enseada de Fungo, o rio de Pendá, que tem huns baixos que lanção duas leguas ao mar de seu nome, o rio Quisimalaco, o porto de Velhacos, Tintagone; onde fazem as aguadas, tem dous Ilheos fóra da boca Moçambique: daqui

até

até a ponta da enſeada da Sanca, que eſtá em vinte e hum gráos e meio, vai encurvando a terra pera dentro de longo, da qual jaz aquelle perigoſo parcel de Çofala, na qual diſtancia ha eſtes rios abaixo de Moçambique, o rio Mocugó, o rio Baſonis, o rio Moſigé, o rio Moguncualé, que tem na boca huns baixos que lançam duas leguas ao mar, aonde eu já eſtive perdido em huma naveta indo pera Çofala, por ſima dos quaes cavalgou a embarcação, e milagroſamente ſe ſahio com o leme quebrado, o rio Janguaſé, o rio Ambuzio, as Ilhas de Angoxa, que ſam tres, o rio Monja, o rio Macolongo, que tem tres Ilhéos na boca, o rio Tendamagé, o rio Corrobecá, o rio Quiſingó, o rio Loranjá, o rio Quinami, o rio Locangó, o rio Monguló, o rio Mafutá, barra de Quilinamé, que eſtá noventa leguas de Moçambique, em cuja coſta jazem os rios aſſima, capazes de navegarem por elles Pangayos de cem candís de carga; corre logo a Ilha Chinogá adiante trinta leguas até á barra de Lucabó vam logo eſtes rios, Tendeculó, rio Quiloé, rio Tambambugoé, rio Miaſé, rio de Çofala, que faz na entrada huma Ilha chamada Inhaſantó, rio de Doané, rio de Mamboni, rio Mulinem, rio Quilimacoſi a ponta de Boſicá, que eſtá em vinte

e

e dous gráos do Sul, onde começa huma concha da feição de hum briguigão; que vai acabar junto do Cabo das Correntes em vinte e tres gráos, por sima da qual costa está o Tropico de Capricornio: chama-se esta concha, ou enseada da Sovea, dentro he aparsellada toda, entre a derradeira ponta da banda do Sul, e do Cabo das Correntes faz o rio Inhabané, onde os Capitães de Moçambique mandam fazer resgate de marfim, donde lhe vem grande quantidade delle; e ainda pera o Cabo das Correntes ha outro rio, que se chama Inhangé.

CAPITULO XXII.

Das terras que possue o Manomotapa: e dos lugares a que os Portuguezes vam fazer suas feiras, por commutação de roupas, e conta com ouro.

TOda a terra que o Manomotapa senhorea, beija a boca do rio Cuama ao Nascente, ao redor de duzentas e sincoenta leguas, que della pudéram alcançar os Portuguezes, e Mouros, que vam pela terra dentro, e presume-se que vai a passar muito mais avante até confinar com os Reynos do Sertão do Preste João da Abassia. Esta terra he cortada pelo meio com hum fer-

fermosissimo rio chamado Zambosé, no qual se mette o rio Quiri, que corta a terra chamada Barono, e o rio Mansovo, o rio Arroenha, e o Cabreza, e o Arrugé, e o Arruboy, todos rios prosperissimos de agua, a fóra outros muitos de menos quantidade, ao longo dos quaes vivem muitos Reys, huns izentos, e outros vassallos do Manomotapa; e o mais poderoso dos izentos he o Rey chamado Mongé, que confina com os nossos fortes de Sena, e Tete, e participa em algumas partes do rio Zambosé. As mais ricas Minas de todas sam as de Masapá, de que já tratei em algumas partes, e onde mostro na minha Abassia, que a Rainha Sabá levou a maior parte do ouro, que foi offerecer ao Templo de Salamão; a qual eu tenho pelo Ophir de que trata a Sagrada Escritura, e a semelhança do nome o mostra claramente, porque seus Cafres lhe chamam Fur, ou Fura, e os Mouros Aufur, que hum, e outro, tirandose poucas letras, e com pouca corrupção na pronunciação (que estes barbaros adulteram), he mui semelhante a Ophir: he esta Mina tão rica, que ha bem poucos annos que della se tirou huma pedra, de que se tiráram mais de quatro mil cruzados de ouro, e arrebentam debaixo as veias do ouro com tanta força, que se achou subi-

tem

rem pelas raizes dos pés das arvores assima; e de huma veia, que veio arrebentando assima, tiráram hum pedaço de ouro, que em pedra pezava doze mil cruzados, a modo de hum grande Inhame com alguma terra por partes que fazia veias, a qual foi ter ás mãos dos nossos Portuguezes, e não se cavou mais nestas veias, porque havia grandes penas de mortes, e tormentos aos que nellas bulissem; e em outras partes se achàram á flor da terra pedaços, ou esgalhos de ouro como gengivre de pezo de quatro mil cruzados: ha outra tambem muito prospera, que se chama de Manicá, em que tambem não podem cavar os naturaes; e ainda que pudessem, o não fariam, porque não sabem profundar as Minas, nem ordenar as máquinas pera isso: a outra Mina he de Butuá, tambem he prospera, mas de nenhuma dellas sabem os Cafres tirar ouro, e sómente pelos invernos andam pelos enchurros, que descem das serras pera baixo, em que acham alguns grãos, e lascas, e de outras partes tiram a terra em gamellas, que levam estas enchurradas, de que tiram ouro mais miudo, a que chamamos em pó; e como os Cafres são muitos, sempre acham muita quantidade, ainda que naturalmente são tão preguiçosos, que como acham o que lhes basta pera comprarem dous

dous pannos pera ſe veſtirem, não trabalham mais. Outras muitas Minas ha neſtes Reynos menores, e as haverá maiores tambem ſe profundaſſem; mas nem os Cafres tem apparelhos, nem cubiça, e calor pera iſſo, porque, como já diſſe, ſe contentam com pouco.

Tres são as feiras a que os noſſos Portuguezes vam reſgatar o ouro, e vender ſuas fazendas, ou commutallas por ouro, pera as quaes hão de ſahir do noſſo forte de Tete, que eſtá cento e vinte leguas pelo rio Zamboſé aſſima. Os que querem ir, e os outros mandam ſeus Cafres, porque ha mercadores deſtes, que tem cento, e duzentos Cafres ſeus cativos, que mandam a eſte reſgate, os quaes são tão fideliſſimos que até hoje ſe não ſabẽ que hum fizeſſe huma velhacaria, nem ſe deixaſſe ficar por lá com a fazenda de ſeu ſenhor: cada Cafre deſtes leva á cabeça hum fardozinho feito ao comprido, muito bem liado, a que chamam Motiro, em que vam duas corjas de pannos azues, que são quarenta, roupa baixa de ſete até oito covados de comprido, e pouco mais de hum de largo, e alguns delles tão ralos, que parecem redes; e outras laias de pannos liſtrados do meſmo tamanho, e huns, e outros os Cafres eſtimam muito, e os partem em alguns pedaços, com

com que se encacham, e estas são pera elles as maiores galanterias do mundo. Levam tambem a este resgáte humas continhas de barro miudas, humas verdes, e outras azues, e amarellas, que são as gargantilhas, que as Cafras põem ao pescoço, como os nossos colares ricos; estas contas vam enfiadas em huns fios de Macosi, que he huma cousa como folhas de palma, e dellas fazem hum ramal de dez, doze fios de palmo cada hum, a que chamam metins, que he hum certo pezo, que elles usam, e a dez metins destes chamam lipate, e a vinte lipote, que val hum cruzado, e chega lá posto quarenta reis; e todas estas cousas que levam se vendem logo, e dobram nellas o dinheiro, ou mais. Estas cafilas de Cafres com estas fazendas sahem do nosso forte de Tete chamado Sant-Iago, e vam a tres feiras, aonde os Cafres do Sertão os vam esperar a certos tempos; a primeira se chama Luanhé, que será trinta e sinco leguas de Tete pelo Sertão da banda do Sul, que está entre dous pequenos rios, que depois que se ajuntam em hum, se chamam Nausovo, e fica o dito lugar affastado de cada hum destes riachos dez leguas de Tete, até esta feira gastam os nossos quatro dias de caminho. A segunda feira se chama Bucotó, e se faz entre

tre outros dous braços pequenos, que se vem tambem ajuntar com o grande, affastada da fralda de cada hum duas leguas: e de Tete a este lugar ha quarenta leguas, e da feira de Luanhé por linha direita treze. Masapá he a terceira feira, que fica na jornada do rio Masouvo, sincoenta leguas de Tete; esta feira he grande, e riquissima. Em todos estes lugares tem os Padres de S. Domingos Igrejas, onde se sacramentam os Christãos, que alli vivem, e que alli vam ter. Aqui nesta feira de Masapá reside hum Capitão Portuguez appresentado pelo Capitão de Moçambique, e confirmado pelo Manomotapa, o qual sem sua licença se não póde sahir dalli sobpena de o matarem, o qual he Juiz das differenças que ha entre os Portuguezes, e ainda entre os Cafres, por lhe ter dado o Manomotapa jurisdicção sobre elles: chama-se este Capitão das Portas, porque por alli hão de passar forçadamente os que vam pera a Corte.

CA-

CAPITULO XXIII.

Do que succedeo a Francisco Barreto nesta Conquista, e a ordem que teve em caminhar pela terra dentro.

DEixamos o Governador Francisco Barreto em Cuama com toda a fabrica de seu exercito, e pelo rio assima foi até o forte de S. Marçal, ou de Sena, e se assentou em huma povoação, que se chamava Inhaparapalla, onde se agazalhavam todos os Portuguezes mercadores que por alli andavam; onde já lhe tinham feitos aposentos pera o Governador, e Igreja, e muitas casas pera a gente, tudo de palha: havia desta povoação á outra de Mouros hum tiro de falcão, os quaes eram nossos amigos, e tinham seu Xeque que os governava, e pera a communicação de todos os Portuguezes com quem se criavam, fallavam, e aprendiam a nossa lingua, e escreviam com as nossas letras. Era a povoação em que Francisco Barreto se agazalhou ao longo do rio, de cuja agua todos bebiam, que era muito barrenta, e turva; e se a não assentavam de hum dia pera o outro, não se podia beber, pera o que era necessario muitas vazilhas grandes que não havia, e só de huns cabaços se serviam que le-

levavam duas, e tres canadas de agua, pela qual razão começou a adoecer alguma gente, no que o Governador quiz prover com mandar abrir hum poço defronte das suas casas, e elle em pessoa com todos os Fidalgos, e pessoas principaes trabalhavam na obra, e acarretavam a pedra pera se empedrar; e estando já tão alteado que deram na agua, chegou hum daquelles Mouros homem principal, que se chamava Manhoesa, o qual apartou o Governador, e em segredo lhe disse que se não fiasse daquella agua, e que mandasse logo a entupir o poço, porque lhe haviam de lançar peçonha nelle pera o matarem a elle, e a todos os mais. O Governador dissimulou com o negocio hum dia, ou dous, e depois o mandou entupir, dizendo que ainda aquella agua era peior que a do rio que era corrente; e como nunca os Mouros serão amigos dos Christãos, tanto que souberam da ida do Governador a descubrir as Minas com que elles ficavam perdendo aquelle commercio, tinham assentado de matarem os nossos poucos a poucos com peçonha, e pera isso tanto que o Governador chegou, se mostráram mui affaveis, e domesticos, e convidáram por muitas vezes aos nossos, e nos convites lhes lançavam peçonha, que depois ao longe lavrou;

e

e vindo vespera de Natal, convidáram muitos Fidalgos, e pessoas principaes pera lhes darem de consoar, pera o que fizeram muitos doces, e entre elles muito boa gergelada, na qual tinham carregado bem a mão de peçonha, porque sabiam serem os nossos affeiçoados áquella fruta. Já neste tempo eram mortos alguns cavallos de peçonha sem os nossos cahirem no que era; e todavia vendo que morriam muitos, mandáram abrir alguns, e lhes acháram os figados, e corações comidos, e podres. O Governador vendo aquelle negocio, mandou prender todos os farazes, e começando-lhes a dar tratos, confessáram que hum Caciz dos Mouros lhes trazia a peçonha, que elles davam aos cavallos pera o que os tinha peitado; e feito isto, mandou o Governador, em muito segredo chamar certos Capitães com suas Companhias, e lhes mandou que com segredo, e cautela cercassem dissimuladamente a povoação dos Mouros toda em roda, e que estivessem prestes todas as embarcações ligeiras com as proas em terra, e que ouvindo tocar a caixa, dessem na povoação dos Mouros, e os passassem todos á espada; e que as embarcações ligeiras andassem pelo mar, e tomassem todos os que fossem fugindo; o que tudo se fez muito bem feito, e matáram

ram todos os que achāram, e prendêram os principaes, e algumas embarcações passáram á outra parte do rio pera darem na povoação de hum Mouro muito rico, que tinha quarenta Mouros seus criados, e mais de quinhentos Cafres; e hum soldado por nome Balthazar Marrecos, que hia em huma das embarcações, o qual vive hoje em Goa honrado, e abastado, levava comsigo outro na embarcação, o qual sabia muito bem a casa do Mouro por ter ido lá muitas vezes, e tomou por hum esteiro, que hia ter á sua porta, e desembarcando encontrou o Mouro que hia buscar, com mais seis, o qual como não tinha ainda noticia do caso, e o conhecia, lhe perguntou a que hia lá, ao que lhe respondeo que o Governador o mandava chamar por humas novas, que lhe vieram do Mongas, que se fazia prestes pera o ir buscar. O Mouro lhe disse que hia negociar tres mil meticaes de ouro, que o Governador lhe pedíra emprestados pera pagamento dos soldados, e com tudo o soldado apertou com elle pera o levar; e tanto fez que o levou comsigo pera a embarcação; e vindo pelo rio, víram vir hum luzio grande, em que hia hum Capitão com muitos Fidalgos em busca delle. O Mouro em o vendo lançou mão a hum traçado, e o Balthazar Marrecos

com

com os companheiros leváram das armas, e lhe disseram que não bullisse comsigo, em fim o amarráram, e mettêram na embarcação; e encontrando-se com o luzio, o Capitão que hia nelle lhe pedio o Mouro, que elle lhe não quiz dar, e lhe disse que fosse á povoação, que havia nella muito que fazer, o que elle fez, e foi dar nella, e nas casas do Mouro, que Belchior Marrecos levava, que se chamava Mujugané, e a saqueou, porque o Mouro era rico, e houve soldado de dous, e tres mil cruzados. Balthazar Marrecos entregou o Mouro ao Governador, que o mandou metter em huma prizão, em que já tinha outros; e procedendo contra elles, os sentenceou á morte, que logo se executou, convidando-os primeiro a que se fizessem Christãos, o que elles não aceitáram; e só hum chamado Mafamede Joanne, irmão de Mafamede Xeque Rajáo, hum Mouro muito conhecido em Moçambique, o qual aquelle dia pela manhã mandou chamar os Padres da Companhia, e lhes disse que aquella noite lhe apparecêra a Virgem nossa Senhora Mãi de Deos, e lhe dissera que se fizesse Christão, e se chamasse Lourenço, pelo que em seu coração determinava receber a agua do santo baptismo: e que não cuidassem que aquillo era pera lhe darem a vida, porque

 bem

bem ſabia que havia de morrer, que lhes pedia o baptiſmo, o que os Padres fizeram, conſolando-o muito: e logo foi tirado a juſtiçar com todos os mais, que cada dia tiravam de dous em dous, e os mettiam nas bocas das bombardas que os deſpedaçavam pera temor dos mais; ſó o Lourenço, que ſe fez Chriſtão, foi enforcado, e acompanhado com o Santo Crucifixo, e muitos delles foram mortos com outros tormentos exquiſitos, e aſſim padecêram todos; ſó o Manhoeſá, que aconſelhou ao Governador que entupiſſe o poço, porque lhe haviam de deitar peçonha, he que eſcapou, e o Governador lhe diſſe que bem ſe podia ir pera onde quizeſſe; mas elle quiz ficar ſempre em ſua companhia, e o Governador o mandou prover, e tratar muito bem.

Poucos dias depois de o Governador chegar ao forte de S. Marçal, deſpedio hum Portuguez dos antigos mercadores, que andavam naquelles rios, muito conhecido do Manomotapa, pera o ir viſitar, e tratar com elle alguns negocios, ao qual deo por inſtrucção que antes de chegar á Corte mandaſſe recado ao Rey que ſe o havia de receber como Embaixador de ElRey de Portugal, e do ſeu Governador, e quvillo da maneira que todos os Reys Chriſtãos o recebiam, que iria á ſua Corte, ſenão que ſe

ſe tornaria. A cauſa, por que o Embaixador fez eſta diligencia, e advertio ao Governador deſte modo, foi, porque tem eſtes Reys por eſtilo, quando entram a lhe fallar alguns eſtrangeiros, ou naturaes com elles, irem deſarmados, deſcalços, e de joelhos, batendo as palmas das mãos, e junto delle ſe lançam de barriga no chão. O Manomotapa lhe mandou dizer, que foſſe a elle, aſſim como entrava a fallar aos Reys Chriſtãos, que era diſſo muito contente, poſto que os Mouros que eſtavam na Corte o perſuadíram que o não ouviſſe, ſenão como era coſtume, porque os Portuguezes eram grandes feiticeiros, e que naquellas ceremonias com que queriam dar a embaixada, havia couſas, e palavras com que o haviam de matar; e com iſto detiveram alguns dias o Manomotapa, que eſteve reſoluto em o não receber, e no fim lhe mandou que entraſſe na Corte, como fez; e no dia em que lhe havia de fallar, mandou o Embaixador por alguns Portuguezes huma cadeira, e huma alcatifa debaixo, que ſe poz defronte do lugar do Manomotapa perto delle, e logo entrou o Embaixador com todos os Portuguezes veſtidos, e calçados, e com ſuas armas. O Manomotapa em elle entrando ſe levantou donde eſtava aſſentado, e o recebeo com gazalhado, e ſe tor-

nou a aſſentar, e o meſmo fez o Embaixador, e pelo interprete o mandou viſitar da parte do Governador, e fazer-lhe grandes cumprimentos; e depois deſtas práticas lhe pedio da parte do Governador que lhe déſſe licença pera ir ſobre o Rey Mongas, que eſtava levantado contra elle Manomotapa, porque á ſua conta o queria caſtigar, e que tambem lhe relevava paſſar ás Minas de Butuá, e Manicás, e o não queria fazer ſem ſua licença: mettiam-ſe as terras deſte Rey entre a noſſa Fortaleza de Sena, e as terras do Manomotapa, e era o mais poderoſo de todos, tirando elle. O Manomotapa lhe mandou reſponder que eſtimava muito aquelle offerecimento, e que folgaria de elle lhe caſtigar aquelle alevantado, e que pera iſſo lhe daria cem mil homens, e tudo o mais que foſſe neceſſario, e que foſſe embora ás Minas que dizia: ao que o Embaixador lhe tornou a mandar dizer que nada havia miſter o Governador pera aquella jornada mais que licença ſua, e certeza de que levava goſto que a fizeſſe, e com iſto ſe deſpedio do Manomotapa, e foi dar reſpoſta ao Governador que eſtimou muito; e como iſto era na entrada do verão, logo ſe fez preſtes pera aquella jornada, e começou a dar ordem a ella.

Fei-

Feito tudo o que lhe pareceo necessario, foi o Governador marchando com todo o seu exercito ao longo do rio até chegar ás terras do Mongas, que era o inimigo que elle hia buscar; e porque tinha por novas que elle tambem o esperava com grosso poder, pareceo-lhe bem, pera ficar mais desembaraçado, deixar em huma Ilha, que alli fazia o rio, todos os doentes, e parte da bagagem que lhe não servia, e tambem se deixáram ficar alguns sãos que de cavalleiros se fizeram doentes, e por Capitão de tudo isto deixou hum Fidalgo chamado Ruy de Mello que estava ferido, e com a gente com que ficou, que eram sinco Companhias, se poz em campo, e a todos lhes disse brevemente que bem viam como estava daquella maneira com tão pouco cabedal pera ir commetter o Mongas Rey poderoso, na qual jornada se lhe offereciam muitos perigos, fomes, e sedes, e incommodidades, mas que tudo lhe facilitava verem todos o gosto, e animo com que todos o queriam acompanhar, e seguir: que elle se desembaraçára dos doentes, e os deixára naquella Ilha por não impedirem os sãos; e porque elle não podia ter noticia das doenças, e indispoisições secretas que alguns podiam ter, lhes pedia que aquelle, que se não achasse muito sufficien-

te

te em forças, e ſaude pera o acompanhar, lho notificaſſe pera o deixar tambem na Ilha, onde lhe não haviam de faltar rebates dos inimigos, e que por aquelle dia ſe declaraſſem, porque ao outro havia de começar a marchar; mas como já os doentes eſtavam agazalhados, lhe reſpondêram todos os que alli eſtavam que elles ſe achavam todos muito sãos pera o ſeguirem em todos os trabalhos. Feita eſta diligencia, ao outro dia á tarde levantou o Governador o campo, e foi marchando até o Sol poſto, que ſe tornou a alojar, e ao outro dia fez pela manhã reſenha da gente que o ſeguia, e achou quinhentos e ſeſſenta ſoldados todos de eſpingarda, em que entravam cem moſqueteiros que levavam ſoldo dobrado, e vinte e tres de cavallo, e deſta gente ordenou ſinco Companhias; e cavalgando em hum fermoſo cavallo, armado de armas ligeiras, ſe poz no meio de todos, e lhes diſſe: » Eia, companheiros
» meus, e esforçados cavalleiros, caminhe-
» mos, e vamos buſcar os inimigos, que
» mais contente, e ſeguro vou com eſtes
» poucos tão contentes que com muitos
» mais forçados, e contra ſua vontade; »
e logo foi marchando pela terra dentro com guias que os levavam por onde houveſſe agua, pelos quaes caminhos foram nove,

qu

ou dez jornadas, achando os mais dos poços entulhados, pelo que passáram naquelles dias grandissimas sedes, e fomes; e foi de feição este trabalho, que chegáram a não comer, de dous a dous dias, mais que alguns pedaços de carne de vaca, de algumas que matavam, a qual assavam em espetos de páo, e ainda dessa muitos guardavam alguma pequena parte pera o outro dia.

No fim de dez jornadas indo caminhando por hum tezo assima, sahíram as gentes do Mongas dar vista aos nossos com tamanho número que se não póde esmar, porque cubriam os montes, e os valles. O Governador ordenou a sua gente, e deo a vanguarda a Vasco Fernandes Homem, que fazia o officio de Mestre de Campo, e o Governador na retaguarda, e a bagagem no corpo da batalha, e algumas peças de campanha. Em os Cafres dando aquella mostra que pareciam gafanhotos em nuvens, ordenou-se o Mestre de Campo pera os receber, e mandou passar palavra ao Governador, que acudio a cavallo, e chegou á vanguarda; e vendo a multidão dos Cafres, foi-se encostando pera huma parte, onde vio huma fermosa serra, onde se abrigou com todo o exercito, fortalecendo as costas nella, porque não podia ser commettido pela

la retaguarda. Os Cafres vendo a ordem, e disposição dos nossos, foram-se retirando, e o Governador lançou-lhes logo alguns de cavallo, pera que fossem reconhecer a parte por onde se recolhiam. Aquella tarde chamou o Governador ao Sargento mór, que se chamava Pedro de Castro, e lhe disse, que de todas as esquadras das Companhias escolhesse de cada huma tres soldados, e que fazendo número de oitenta, estivesse prestes pera tanto que anoitecesse vir chegando pera o corpo da guarda, o que elle fez com muita ordem. Os Cafres tanto que anoiteceo foram-se alojar menos de meia legua, e toda a noite estiveram a tocar os tambores com grande estrondo, que todos se ouvíram no nosso arraial. O Governador no quarto d'alva mandou ao Sargento maior que com os oitenta homens que tinha escolhidos fosse dar hum assalto no arraial dos Cafres; e tanto que elle sahio, cessáram os atabales, e matinadas dos Cafres. O Governador tanto que os não ouvio, mandou com grande pressa recado ao Sargento mór que se recolhesse, porque entendeo que em quanto os Cafres tangiam, repousavam; e que tanto que cessou o estrondo, começavam a partir, e marchar pera virem dar nos nossos, pelo que lançou espias sobre elles que lhe vieram

ram dizer que já ſe vinham chegando, com que o Governador mandou tocar a arma, e ſe ordenou pera os eſperar: e aſſim eſtiveram aponto aguardando até amanhecer, que mandou por alguns de cavallo deſcubrir o campo, em que não víram couſa alguma, e com eſte recado mandou marchar, levando ſempre os de cavallo diante, e foram caminhando por huma campina raſa, pela qual os de cavallo deſcubríram os inimigos, de que deram rebate ao Governador, que ſe poz em ordem de peleijar com elles, fazendo hum eſquadrão de duas Companhias na vanguarda, e outras duas, huma por cada lado, e na retaguarda outra, ficando a bagagem no meio, e na retaguarda mandou levar hum falcão pedreiro, e pelas ilhargas, berços, e meios berços, e na vanguarda tres quartas de eſpera, que lançava pelouro de ferro coado. Os Cafres vinham todos em meia lua chegando-ſe aos noſſos, e traziam diante huma Cafra velha, que tinham por grande feiticeira, a qual perto dos noſſos tirou de hum cabaço, em que trazia huns poucos de pós, os quaes eſpalhou pelo ar, com os quaes tinha feito crer ao Mongas que havia de cegar aos noſſos, e tomarem-nos todos ás mãos; e tão crentes vinham niſto, que traziam muitas cordas pera os amarrarem. O Governa-

dor

dor vendo aquella Cafra velha fazer gatimanhos diante de todos, logo lhe pareceo ser feiticeira, e mandou ao Condestavel que lhe fizesse tiro com o falcão, o que elle fez em tão boa hora que levou a bala a maldita Cafra em pedaços pelo ar, de que os Cafres ficáram como pasmados, porque a tinham por immortal, pelo qual tiro o Governador lançou ao pescoço do Condestavel huma fermosa cadeia de ouro que no seu trazia; mas nem por isso os Cafres deixáram de remetter com os nossos com huma desordem brutal, com grandes gritas, e algazaras, esgrimindo suas espadas, e dardos, a que chamam pomberas. Francisco Barreto fez sinal ao romper, appellidando ao Apostolo Sant-Iago, com o que a nossa arcabuzaria, e mosquetaria começou a disparar, e a derrubar nelles como em gralhas amontoadas; e posto que fizeram alguma resistencia, e feríram alguns dos nossos com suas fréchas, e azagaias, vendo a mortandade que os nossos nelles faziam, voltáram as costas, indo os nossos na sua retaguarda matando, e derrubando nelles á sua vontade até ouvirem a trombeta que os mandava recolher, o que fizeram com muita ordem. O Governador despedio os de cavallo a descubrir o campo; e não vendo cousa alguma, voltá-

tá-

táram com recado ao Governador, que logo mandou marchar o exercito pera a Cidade do Mongas que eſtava perto, e antes de chegarem a ella deram em hum mato muito ſerrado, o qual mandou o Governador derrubar pelos gaſtadores que eram muitos, o que ſe fez com grande brevidade.

Eſtando o Governador a cavallo encoſtado em huma lança vendo trabalhar os roſadores, o que ſería pelas dez horas do dia, levantando os olhos pera todas as partes, vio hum nevoeiro que lhe pareceo ſer pó de muita gente que vinha marchando; pelo que mandou com muita preſſa vir pera alli toda a artilheria, e ordenou ſua gente, e das arvores cortadas ordenou huma tranqueira com grande brevidade, e não tardou muito que não viſſem aſſomar huma grande quantidade de Cafres eſtendidos em lua, que vinham cingindo com duas pontas todo o campo; e remettendo aos noſſos com grandes gritas, eſtiveram quaſi todos baralhados. O Governador deſceo-ſe do cavallo, como fazia em todas as brigas, pera ſer companheiro nos trabalhos aos ſeus, e mandou que não diſparaſſe a artilheria, e eſpingardaria, ſenão quando já os Cafres eſtiveſſem perto, como fizeram, eſtando já quaſi todos baralhados (como já diſſe): e daquella ſurriada foram tantos os mortos

que

que ficou o campo cuberto delles, e em passando a fumaça sahio a gente de cavallo, e as Companhias; e dando naquella multidão desordenada dos Cafres, os foram desbaratando até voltarem de todo, ficando naquelle lugar da batalha mais de seis mil Cafres mortos, afóra outros muitos que foram morrendo pelo caminho. O Governador foi marchando pera a Cidade, que já tinha sabido que estava despejada, á qual mandou pôr fogo, em que se consumio por ser tudo madeira, e palha, e depois mandou apagar o fogo, e se agazalhou alli, porque estava toda cercada de mato espesso, e tinha só huma aberta por onde se servia, a qual mandou entupir com arvores grossas, e naquella parte assestou a artilheria pera sua defensão, e alli curáram os feridos, que foram mais de sessenta, dos quaes só dous morrêram. Aqui acháram muita agua de que hiam faltos, pelo que se detiveram sinco dias, e ao sexto em rompendo a manhã, tornáram os Cafres com mais grosso poder a commetter os nossos com muito grande determinação, e entre todos se travou huma perigosa batalha que durou até á huma hora depois do meio-dia, em que os nossos fizeram nelles hum grande estrago, ferindo elles alguns dos nossos; e a Vasco Fernandes Homem, que era o

Mes-

Mestre de Campo, que andou ſempre peleijando na dianteira com muito valor, lhe deram huma fréchada pelo hombro direito, que lhe paſſou hum tiracolo do traçado, que trazia atraveſſado, que era de tres dobras de anta, irmã de huma coura que levava veſtida, e lhe paſſou a ſeta a outra parte meio palmo, de que muito tempo não pode bullir o braço, e aſſim com a frécha empenado mandou a ſua ſoldadeſca até os Cafres ſe recolherem pelas duas horas desbaratados; e querendo-ſe os noſſos alojar, e deſcançar, appareceo hum Cafre com huma bandeira branca, e foi muito ſeguro buſcar o noſſo exercito. O Governador mandou hum piſaro a ſaber delle o que queria, o qual mandou dizer que o ſeu Rey pedia pazes, e logo o mandou trazer diante de ſi, e o eſperou em huma cadeira de veludo ſentado, e todas as Companhias em ordenança com ſuas eſpingardas, e murrões nas ſerpes, e a artilheria aſſeſtada diante delle, e os Condeſtaveis com ſeus botafogos nas mãos. Eſtava o Governador com hum jazerão mui forte com ſuas mangas, huma eſpada de prata a tiracolo, e hum pagem junto delle com hum eſcudo de aço muito luzente; e poſto o Cafre diante delle, ficou embaçado ſem poder fallar palavra, nem ſaber reſponder ao que lhe per-

gun-

guntavam, tremendo todo de pés, e mãos. O Governador lhe mandou dar hum bocado de doce, e hum cópo de vinho, com o que tornou alguma cousa em si, e disse que o seu Rey Mongas mandava pedir pazes, e desejava muito de ser seu amigo; ao que o Governador lhe mandou responder que elle hia caminhando, e que dalli a dous, ou tres dias poderia mandar tratar do que queria, e com isto o despedio. Os nossos de cavallo foram nas suas costas descubrir o campo; e vendo que nada apparecia, descançáram aquella noite, e ao outro dia, tanto que amanheceo, levou o exercito, e foram marchando até quasi noite, e se alojou em hum muito bom sitio, em que tinham muita agua, e logo chegáram dous Cafres, e disseram ao Governador que o Mongas lhe mandava pedir licença pera tratar de pazes, e que se tinha necessidade de mantimentos que lhos mandaria. O Governador lhe mandou dizer que as pazes se fariam a seu tempo, e que elle levava mantimentos em abastança. Estando nestas práticas se soltou hum camello, e veio fugindo pera a tenda do Governador, e após elle vinha o que tinha cuidado delle pera lhe lançar hum cabresto, e o camello parou, e começou a roncar, e levantar o pescoço, que era muito comprido, e

e abrir as ventas. Os Cafres do Mongas, que víram aquella tão grande alimaria, que naquella Cafraria não havia, foi tamanho o seu medo que se foram metter na tenda do Governador, e por baixo das estancias debruçados no chão o estavam vendo com admiração. O Governador se levantou, e foi andando pera o camello até chegar a elle, que o esperou muito domestico, e lhe fez lançar o cabresto; e tornando-se assentar, mandou chamar os Cafres, que vieram como pasmados, e perguntáram á lingua que alimaria era aquella. O Governador lhe mandou dizer que daquelles trazia muitos, e que não comiam outra cousa senão carne de gente, e que aquelle lhe vinha dizer da parte dos outros que de nenhum modo fizesse pazes com o Mongas, porque lhe faltaria o comer, e que todos os Cafres que nas batalhas passadas lhe matáram os nossos, elles os comêram, e que esperavam comer todos os mais. Os Cafres batêram duas, e tres vezes as mãos, que he o seu sinal de grande admiração, e pedíram ao Governador que pedisse áquellas alimarias que não comessem mais gente do Mongas, que elles lhe trariam muitas vacas pera se sustentarem, o que veio do Ceo aos nossos, porque já não tinham com que se sustentar, e mandou dizer aos Cafres que

el-

elle rogaria áquellas alimarias que se sustentassem, e contentassem só com vacas, e não comessem mais a gente do Mongas, e com isto os despedio, dizendo-lhes que elle hia pera a Cidade do seu Rey, e que lá se viriam. Os Cafres foram saltando, pasmados, e foram contar tudo ao Mongas, que não ficou menos pasmado que elles. O Governador foi marchando com grandes necessidades de provimentos, e só havia algumas vacas de que piedosamente se sustentavam; e vendo-se o Governador em tamanho aperto, por conselho de todos tornou a voltar pera o rio, e em tres dias chegáram (com grandes necessidades) ás terras de hum senhor chamado o Rombo, que senhorea de Lapatá pera o forte de Tete, e alli se alojáram ao longo do rio, onde estiveram nove, ou dez dias passando espantosas fomes; e chegou o aperto a tanto, que se mettêram os nossos pelos matos a buscar algumas hervas que coziam, e esparragadas com sal as comiam. O Governador desejou de mandar recado a Ruy de Mello, que ficou na Ilha com a gente, e bagagem; porém não havia embarcação em que se pudesse ir, e huns Cafres lhe trouxeram huma tão pequena que não cabia nella mais que o negro que remava, e nella escreveo a Ruy de Mello que logo lhe mandasse todas

das

das as embarcações que houvesse carregadas de mantimentos: o que elle fez logo, e lhe mandou seis embarcações grandes carregadas de mantimentos, milho, e outros legumes, o que tudo foi recebido dos nossos com grandes festas. O Governador naquelle mesmo dia mandou passar da outra parte do rio huma Companhia de soldados, cavallos, camellos, e toda a bagagem, e munições, e artilheria, e por derradeiro se passou toda a gente, e elle no cabo, e da outra parte mandou o Governador marchar o exercito de longo do rio, e ao outro dia se metteo pelo certão até chegarem a huma povoação chamada Hamboá, e por este caminho lhe leváram os Cafres muitas cousas de comer, e em quatro dias chegáram a huma povoação, onde se agazalháram sem sobresaltos, e ao dia seguinte mandou ao Mestre de Campo que fosse destruir duas Cidades levantadas, as quaes elle assolou, e destruio. Tanto que Vasco Fernandes chegou, tratou o Governador de ir em pessoa a Moçambique, porque teve cartas que Antonio Pereira Brandão estava como levantado, e que tratava de o não prover com o que de Goa lhe mandassem, e fez apressar ao Governador a esta jornada huma carta, que certo Fidalgo lhe mostrou, a qual lhe tinha escri-

to o mesmo Antonio Pereira Brandão; e como o remedio daquella Conquista estava em até virem provimentos de Moçambique, e a perdição em lhe faltarem, como estava certo, se elle não fosse, deixando Vasco Fernandes Homem com todos os seus poderes, elle se embarcou em tres vogues, e algumas Almadias, com algumas pessoas que pera isso elegeo, e o Padre Francisco de Monclaros, e se foi a Luábo embarcar em alguns pangaios que lá estavam, e em poucos dias chegou a Moçambique, e desembarcou em Nossa Senhora do Baluarte, onde se ordenou, e se deteve até lhe despejar Antonio Pereira Brandão a Fortaleza, o qual foi visitar o Governador a Nossa Senhora do Baluarte, e ao outro dia se foi pera a Fortaleza, onde começou a tratar do que lhe convinha.

Dalli a menos de hum mez chegou o navio do contrato da India com os provimentos pera aquella Fortaleza, e nelle vinha embarcado João da Silva, filho bastardo do Governador Francisco Barreto, o qual houve em Baçaim sendo Capitão, pelo qual D. Jorge de Menezes, que depois foi Alferes mór, lhe mandou hum Capitulos infamatorios, que Antonio Pereira Brandão mandou a ElRey, os quaes mandou á India por vias pera se repartirem pelas náos,

do

do que D. Jorge teve noticia : e pela razão que tinha com o Governador Franciſco Barreto , porque foi caſado com huma irmã de ſeu pai, tanto fez naquelle negocio, que houve todos á mão , e huns lhe mandou, e outros guardou. O Governador abrio os Capitulos, e vio que nelles dizia a ElRey mil infamias, e falſidades contra elle, devendo-lhe Antonio Pereira Brandão mais que todos os homens ; e porque ſe veja a ingratidão deſte homem, o darei a conhecer. Eſte Fidalgo foi aquelle que em Maluco fez aquellas diabruras , ſendo D. Duarte Deça Capitão, como na minha ſetima Decada no terceiro Capitulo do . . . Livro ſe contém, pelas quaes couſas ElRey o mandou ir prezo pera o Reyno , e lhe confiſcou a fazenda, e ſe proceſſou contra elle , e ſahio degradado pera Africa por toda a vida, que não devia ſer muita, pois tinha naquelle tempo oitenta annos de idade; e ſabendo elle que Franciſco Barreto hia pera a Conquiſta das Minas, ſe foi ter com elle , e lhe pedio quizeſſe haver de ElRey commutação daquelle degredo pera a Conquiſta , porque deſejava de o acompanhar. Franciſco Barreto o alcançou de ElRey, e o levou comſigo, e em Moçambique o deixou por Capitão daquella Fortaleza , dizendo-lhe que lha dava pera ti-

rar nella vinte mil cruzados com que ca-ſar huma filha que tinha, e em pago deſtes beneficios lhe urdia huma tamanha traição. O Governador ao outro dia foi ouvir Miſſa á Ermida do Eſpirito Santo, que he defronte da Fortaleza velha, que fica em hum penedo ſobre o mar, pera a qual ſe ſervem por huma ponte, e ao entrar della diſſe a todos os que o acompanhavam que ſe ficaſſem, e levou ſó comſigo a Antonio Pereira Brandão; e entrando na Ermida, fez oração, e ouvio Miſſa, e depois ſe tornou pera fóra, e ſe encoſtou a hum eſteio, e puxou pelo Antonio Pereira. Algumas peſſoas me diſſeram que víram a Franciſco Barreto concertar hum punhal de orelhas que levava na cinta, e diſſe o que quer que foi a Antonio Pereira Brandão, o qual ſe lhe lançou no chão, e o abraçou duas, ou tres vezes pelas pernas. O Governador ſe abaixou todo, e o levantou; e mettendo a mão na algibeira, tirou os ſeus Capitulos que mandava a ElRey; e em elle os vendo, paſmou, e rebentou em lagrimas, lançando-ſe-lhe aos pés, pedindo-lhe miſericordia com tão grandes ſoluços, que os ouvíram os que eſtavam afaſtados. O Governador, que tinha hum coração muito maviofo, e as entranhas cheias de brandura, voltou as coſtas, e foi andando

do pera a Fortaleza com os olhos arrazados em lagrimas, como ſe elle fora o culpado, e tão affrontado, que parecia vinha de algum grande trabalho, e ao pé da eſcada ſe deſpedio de todos; e chamando o Ouvidor, ſe encoſtou a hum eſteio da janella, e alli lhe deo conta de tudo o que paſſava, e lhe moſtrou os papeis que Antonio Pereira mandava a ElRey, e lhe diſſe que naquella tarde mandaſſe chamar as peſſoas que teſtemunháram na inquirição daquelles Capitulos, o que o Ouvidor fez, e diante do Governador ſe retractáram, e pedíram perdão, dizendo que Antonio Pereira Brandão, ſendo Capitão, os mandára chamar hum e hum, e lhes dava juramento, tendo comſigo hum Eſcrivão, e mandava eſcrever o que queria, e por força os fazia aſſignar; e de tudo iſto mandou fazer hum auto, em que todos ſe aſſignáram, e o guardou pera ſua ſatisfação, e de Antonio Pereira não tratou mais, porque lhe lembrou que era de oitenta annos, e que tinha filhos.

Sendo tempo do Governador ſe partir pera Sena, deſpedio duas navetas carregadas dos provimentos que trouxe da coſta de Melinde, e elle depois ſe partio com todas as embarcações que havia, deixando por Capitão Lourenço Godinho, Feitor, e

Al-

Alcaide mór daquella Fortaleza, e em breves dias chegou á barra de Quilinamé, e pelo rio aſſima ſe foi até á Fortaleza de Sena, onde foi muito bem recebido de todos; e eſtando dando ordem a muitas couſas, depois de ſete, ou oito dias de chegada, ſe foi ter com elle o Padre Franciſco de Monclaros, e lhe requereo em público da parte de Deos, e de ElRey que deixaſſe aquella Conquiſta, em que tinha enganado a ElRey, e que da gente que nella era morta, e morreſſe, elle havia de dar a Deos larga conta. O Governador muito apaixonado lhe diſſe que o deixaſſe, e ſe foſſe muito embora; e deitando-ſe logo em huma camilha, voltou o roſto pera a parede, e interrompeo em eſpantoſos ſuſpiros, e ais, e toda a noite paſſou naquellas anſias ſem dormir, nem quietar, e ao outro dia pela manhã mandou chamar ao Padre Eſtevão Lopes, Companheiro do Padre Franciſco, que era ſeu Confeſſor, e ſe confeſſou com elle muito devagar, e veſtio-ſe muito cançado; e encoſtado a huma cana, foi á Ermida, onde ouvio Miſſa, e commungou com grande devoção, e dalli ſe recolheo pera caſa, e ſe recolheo ſem febre, nem frio, nem outro achaque algum, mais que anſias, ſuſpiros, voltas, e inquietações, ſem em todo o dia comer mais que

hum

hum caldo de gallinha; e tanto que anoiteceo, tornou a chamar o Confessor, e com elle foi o Padre Francisco, que estiveram com elle até ás dez horas, e já neste tempo tinha as pernas muito frias dos joelhos pera baixo, e com lhe applicarem muitas toalhas quentes, e esfregações, nada lhe aproveitou, porque era frialdade da morte. Os Padres entendendo que morria, estiveram toda a noite em huma casa de fóra; e sendo pela meia noite, despedio os criados que estavam de joelhos ao redor da cama, porque queria repousar, e virou-se pera a parede, e dalli a quasi huma hora deo hum grande ronco, ao qual todos acudíram, e o Confessor lhe metteo a candeia na mão, mas já estava de todo concluido: os seus o pranteáram bem, porque nelle perdiam seu remedio. Sobre esta morte não ha que fallar, mais que contar o caso como passou, que pudéra dizer muito, mas nem isso lhe ha de dar a vida, nem ha de acabar com os Religiosos que deixem de se metter no governo temporal que elles ignoram, porque o não aprendêram; e he cousa muito differente rezar, dizer Missa, confessar, não governar armas, e dispôr as cousas da Républica, nem seus Prelados hão de remediar nunca isto, de que por muitas vezes foram advertidos.

Falecido Francisco Barreto, foi levado sem pompa a enterrar na Ermida de S. Marçal, onde antes de ser lançado na cova se abrio huma succesfsão que trazia em huma boceta sua, e achou-se nella Vasco Fernandes Homem, que era Mestre de Campo, na qual ElRey mandava que succedesse a Francisco Barreto no mesmo lugar com os mesmos poderes, e titulo, de que logo tomou posse, e deo a homenagem, e depois se enterrou seu corpo. A fazenda de que se lhe fez inventario, foram cento e vinte mil cruzados, que devia ás partes, a quem a tomou pera os gastos da Conquista, não lhe ficáram filhos, e deixou por sua herdeira, e de seus serviços a D. Francisca de Aragão, sua sobrinha, que ainda hoje vive, e foi casada com D. João de Borja, do qual teve D. Carlos de Borja Conde de Ficalho, Fidalgo de muitas partes. Foi este Fidalgo Francisco Barreto filho de Ruy Barreto, foi casado duas vezes, a primeira com huma irmã de D. João de Menezes, Alferes mór do Reyno, a quem chamavam o Tubara, da qual teve dous filhos, Ruy Nunes Barreto, que foi com seu pai á Conquista, e faleceo na Sena a primeira vez que lá foi; e Luiz da Silva que matáram em Goa em hum desafio em tempo do Viso-Rey D. Antão de

No-

Noronha: da segunda vez casou, como já disse, com huma irmã de D. Luiz de Ataíde, Conde de Atouguia, de quem não teve filhos. Foi este Fidalgo sempre grande pessoa, e sempre os Reys se servíram delle em cousas grandes, veio á India por Capitão de Baçaim, e depois por Governador da India; e indo pera o Reyno, o fez ElRey General das galés do Reyno, que ainda era quando faleceo, e depois de vir á Conquista destas Minas, a Diogo Lopes de Siqueira, a quem as encarregou em sua ausencia: foi General da Armada que ElRey D. Sebastião fez contra o Pinhão, quando D. Garcia de Toledo o tomou, na qual jornada Francisco Barreto foi com grande apparato, gastos, e serviços, e no commettimento do Pinhão foi dos que mais fizeram, e a quem se deve igual gloria, e a D. Garcia de Toledo, como ElRey D. Filippe o Prudente mostrou bem em huma carta que lhe escreveo, de que logo darei relação. Os criados deste Fidalgo lhe leváram pouco depois a sua ossada, e de seu filho Ruy Nunes Barreto pera Moçambique mettidas em hum caixão com tanto segredo que nunca se soube; e porque acháram as náos de D. Francisco de Sousa de arribada, em que hia o Viso-Rey D. Antonio de Noronha, lha embarcáram logo pe-

pera o Reyno, e chegando a Lisboa, que ſe deo o recado a ElRey, ſentio muito ſua morte, e mandou que ſe não buliſſe em ſua oſſada ſem ordem ſua, e logo a deo pera ſua deſembarcação, mandando a Diogo Lopes de Siqueira, ſobrinho de Franciſco Barreto, a quem tinha encommendado, e a toda a Corte, que o acompanhaſſem: e ſeus parentes lhe ordenáram as pompas funeraes, e os acompanhamentos de todas as Ordens Mendicantes, Cabido da Sé, e Cleriſia; e no dia ordenado foi Diogo Lopes de Siqueira com as galés toldadas de negro, e trouxe a oſſada até o caes da ribeira, onde a eſperava toda aquella fabrica, e a Irmandade da Miſericordia, e na tumba foi levado aos hombros de alguns Senhores Cavalleiros da Ordem de Chriſto, da qual elle era, e com a maior pompa funebre que pode ſer o leváram a S. Lourenço, onde tinha ſeu tumulo junto com ſua mulher D. Brites de Ataíde: e por eſta carta que lhe eſcreveo ElRey Filippe Prudente ſe poderá ver a eſtimação em que tinha eſte Fidalgo; porque depois de Franciſco Barreto vir da jornada do Pinhão de acompanhar D. Garcia de Toledo, querendo ElRey D. Filippe gratificar-lhe aquelle ſerviço, mandou-ſe retratar em huma lamina de ouro com huma argola, e cadeia groſ-

la com que mandou visitar a Francisco Barreto, e lhe mandou a carta seguinte.

Cópia da Carta de ElRey Filippe.

EL buen successo de la empresa del Peñon, yo le pongo más a vuestra fortuna, que a mi potencia, siempre le esperé tal como estuve certificado que hiva D. Garcia de Toledo ayudado de vuestro fabor. El trabajo que en ello tuvistes, os agradezco mucho, y os quedo por el en mucha obligacion, y no supe al presente con que os lo pueda pagar, y agradecer, sino embiando-os un retrato de mi persona, en una cadena, para que con ella me tengais prezo todos los dias de vuestra vida para lo que de mi os compliere. Madrid.

Tinha este retrato, e cadeia quatro mil cruzados de valor, e nunca soube que fora desta peça, que era mais digna de andar por timbre na casa dos Barretos, que outros muitos que outras casas tem.

CAPITULO XXIV.

Do que ſuccedeo ao Governador Vaſco Fernandes Homem depois que tomou poſſe: e como ſe partio pera as Minas de Manichás.

ENtregue o Governador Vaſco Fernandes Homem das couſas daquella Conquiſta, tratou de a proſeguir; mas o Padre Franciſco de Monclaros que lhe não pareceo bem, ou porque ſe queria metter em tudo como ſuperior daquella jornada, perſuadio a Vaſco Fernandes Homem que deſiſtiſſe della, e ſe foſſe pera Moçambique, o que elle fez contra ſua honra, e contra o ſerviço de ElRey, no que lhe ponho maior culpa que ao Padre; e aſſim lho diſſe a elle meſmo, porque me encontrei com elle em Moçambique, e levou comſigo a fabrica, e ſoldadeſca dos rios; e chegando áquella Fortaleza, veio ter a ella em huma galeota da India Franciſco Pinto Pimentel, primo com irmão do Governador Vaſco Fernandes Homem, o qual ſabendo o que era paſſado, e como depois de ſucceder naquella Conquiſta, a deixára, e ſe viera pera aquella Fortaleza, lho eſtranhou, e reprehendeo de fazer aquella mudança ſem ordem de ElRey, porque eſtava obrigado

a

a lhe dar conta da morte de Francisco Barreto, e da sua succesſão, pera elle prover como mais fosse seu serviço, e que entre tanto corresse com a Conquista, e fosse enxacar as Minas pera dar razão a ElRey de tudo, lembrando-lhe que havia tão pouco tempo que ElRey mandára cortar a cabeça a D. Jorge de Castro por largar a Fortaleza de Chalé, e que o mesmo faria a elle por largar aquella Conquista, em que tanto cabedal estava mettido, e que fizesse o que pudesse até acabar a vida em serviço do seu Rey, a quem estava tão obrigado pela confiança que delle fizera em succeder a hum tão valeroso, e prudente Governador, cujo lugar havia de substituir, e tratar de o imitar, principalmente na resolução; e que não desse mais ouvidos a Religiosos nas materias de guerra, pois se não creáram nella, nem a versavam, e que lhes dissesse, quando o aconselhassem neste particular, se sería acertado, sendo elles Letrados, perguntarem a elle Governador materias da Sagrada Theologia, pera que lhas decidisse, não estudando elle, nem professando sciencias: que o acertado era cada hum usar do seu officio, e das faculdades que professavam, porque tudo o mais servia de confusão. O Governador Vasco Fernandes Homem entendeo que lhe fallava

co-

como parente, e amigo, e logo ſe prepa-rou pera ſe tornar. Neſte tempo chegáram as náos do Reyno, de que veio por Capi-tão mór Ambroſio de Aguiar Coutinho, nas quaes o Padre Franciſco de Monclaros, e ſeu Companheiro ſe embarcáram pera o Reyno, e o Governador ſe percebeo del-las de muitas couſas neceſſarias pera ſua jornada, e nellas ſe foram muitos ſoldados eſcondidos dos mais velhos da Conquiſta, que iſto fez a vinda do Governador Vaſco Fernandes Homem a Moçambique.

Chegado o verão, embarcou-ſe o Gover-nador Vaſco Fernandes Homem em todos os pangaios que havia, com toda a fabri-ca pera a Conquiſta, e quinhentos homens com algumas peças de campo, e todas as mais couſas que lhe eram neceſſarias, e em poucos dias foi a Çofala, por onde era o verdadeiro caminho pera as Minas que El-Rey mandava deſcubrir, e não por Cua-ma, como fizeram ir ao Governador Fran-ciſco Barreto, que foi a cauſa de ſua per-dição, e morte. Poſto o Governador em Çofala, tratou da jornada que havia de fa-zer pera as Minas de Manicá, que eſtavam no Reyno de Chicagá, que confina com o do Quiteve pelo certão, e eram grandes inimigos; e porque havia de paſſar pelas terras de Quiteve, que he grande Senhor,

e maior que todos os Cafres daquellas partes, tirando o Manomotapa, o mandou diante viſitar com alguns preſentes, e fazer-lhe a ſaber que havia de paſſar por ſuas terras pera as de Chicagá ſeu inimigo, que houveſſe por bem dar-lhe franca paſſagem, e que aſſim ficariam correndo os commercios mais largamente do que antes. O Quiteve não lhe pareceo bem aquella jornada que queria o Governador fazer, e viſita que de ſua parte ſe lhe fazia; porque como tinha grandes ciumes do commercio dos Portuguezes, que por via de Çofala lhe levavam as roupas, e contas que pera eſtes Cafres he o mais rico theſouro que pera nós, o que o Governador hia deſcubrir, receando que tanto que o Governador deſcubriſſe as Minas, ſe levaſſe toda aquella fazenda pera o Reyno de Chicagá, e que ficaſſe elle perdendo os proveitos que tinha della, não reſpondeo bem á viſita. O Governador como fez aquillo ſó por cumprimento, deo-lhe pouco do Quiteve moſtrar pouco goſto de elle paſſar por ſuas terras, e logo ſe fez preſtes pera caminhar na ordem que Franciſco Barreto o fez pelas terras do Mongas, e como o Governador Vaſco Fernandes Homem tinha ſido Meſtre de Campo, por ſua ordem ſe fazia, e obrava tudo, e aſſim foi caminhando com

o

o ſeu exercito bem ordenado ao longo do rio, que entra por toda aquella Cafraria, e corta as terras do Quiteve, levando por elle muitas embarcações com a bagagem; e entrando pelas terras do Quiteve, foi impedido de muita gente, com que lhe mandou dar alguns aſſaltos, nos quaes os noſſos ſe houveram tão cavalleiroſamente, que em todos os desbaratáram com morte de muitos, de que elles faziam pouco caſo; porque como eſtavam em ſuas terras, logo ſe refaziam em dobro; mas quantos mais ſe ajuntavam, mais damno recebiam da artilheria, e arcabuzaria. Vendo o Quiteve que lhe não era poſſivel defender a paſſagem por armas, quiſo fazer por outras mais poderoſas, que eram as das fomes, e aſſim mandou eſconder todos os mantimentos, e deſpovoar todas as povoações por onde os noſſos haviam de paſſar, e entulhar os poços de agua, por onde ſe vê que ainda que são Cafres, não são tão barbaros que não uſem deſtes ardís, como o fazem os Reys da Perſia, que são hoje tão politicos, quando os Turcos lhes entram por ſeus Reynos, que com lhes impedirem os mantimentos, e queimarem os campos, os desbaratam ſem golpe de eſpada, como ſe verá pelo diſcurſo das minhas Decadas; mas o Governador Vaſco Fernan-

des

des Homem não desfaleceo, nem desistio da jornada, mas por todas estas fomes, e sedes foi passando até Simbaoé que era a sua Corte, a qual achou despejada, por elle se ter recolhido com suas mulheres, e filhos a humas terras muito fragósas, e fortes. O Governador como se vio naquella Cidade, lhe mandou pôr o fogo, em que se perdeo pouco; porque supposto que era grande, tudo era palha, e madeira: dalli foi caminhando mais folgado, e em dous dias chegou ás terras de Chicagá, onde estavam as minas, o qual já sabia de sua vinda, e de tudo o que passou pelas terras do Quiteve; e querendo grangear o Governador, o mandou visitar ao caminho com muitas vaccas, mantimentos, e frutas, certificando-lhe estar muito alvoroçado pera o ver em seu Reyno pera o servir, como veria. O Governador Vasco Fernandes Homem lhe respondeo bem, e com bom presente, e ao entrar na sua Cidade o sahio a receber com muitas festas, e todos os dias que alli esteve o tratou com muitas mostras de amizade, e proveo todo o exercito bastantemente de tudo o necessario, e fizeram pazes; e huma das condições, e a principal, foi, que pudessem ir todos os Portuguezes que quizessem a seu Reyno livremente com suas fazendas, e passar ás Minas a resgatar ouro.

Os nossos tanto que se víram naquella terra, de que havia fama que tudo era ouro, cuidáram que logo o achassem pelas ruas, e matos, e que carregassem delle. O Governador partio logo pera as Minas, onde esteve alguns dias; e vendo a difficuldade com que os Cafres o tiravam das entranhas da terra, com tamanho risco que quasi ficavam enterrados cada dia muitos nas Minas que arruinavam por lhes não saberem fazer repairos, e ainda daquella terra que tiravam enchiam della as gamelas, e a hiam lavar aos rios, e cada hum tirava quatro, ou sinco grãos de ouro, tudo pouquidade, e pobreza. Outros pelo tempo do inverno vam pelos pés da serra, por onde descem abaixo as enchurradas da agua, como os rapazes no nosso Portugal buscam alfinetes, e depois que sécca, acham algumas lascas, e grãos. Vendo o Governador aquella pobreza, e que pera senhorear aquellas Minas era necessario grande fabrica, e infinitos negros pera andarem naquelle meneio; porque como se tira pouco ouro pelo modo que o elles buscam: sendo muitos a isso, tirar-se-ha muito; posto que se as Minas vieram a nossas mãos, que se abríram, e profundáram até dar na veia, sempre se tiraria grande quantidade; porque, segundo os que escrevem das Minas,

ás

às vezes eſtam dous, e mais eſtadios debaixo do chão, e as veias do ouro ſe extendem quaſi quatro, e ſinco, e ſeis; e vendo o Governador que pera enſacar aquelle negocio, era neceſſario muito tempo, e muito vagar, o que elle não tinha, e fazerem-ſe pera abrir a terra grandes fábricas, e máquinas, tratou de ſe tornar, e confirmou novamente as pazes com aquelle Rey, e ſe deſpedio delle, que lhe mandou dar tudo o neceſſario pera a volta à troco de roupas, e tornou a deſandar o caminho; e entrando pelas terras do Quiteve, lhe mandou elle pedir pazes, e dar-lhe por ſuas terras o que lhe foſſe neceſſario, as quaes pazes Vaſco Fernandes Homem lhe concédeo, e ſe vio com elle, que lhe fez muitas honras, e com elle aſſentou que deixaria paſſar pera as Minas de Manicás aos Portuguezes com ſuas fazendas, porque em ſuas terras não havia ouro; e que o Capitão de Çofala ſería obrigado a dar-lhe por iſſo áquelles Reys duzentos pannos, que em noſſa moeda valeráõ duzentos toſtões, poſtos lá por modo de preſente, a que elles chamam *Curves*, e os Perſas *Mocarários*, e os Reys Mouros de todo o Oriente *Xaguates*. Concertado iſto, tornou-ſe o Governador pera Sena por mar; e em ſeu lugar ſe dirá o que lhe ſuccedéo.

CAPITULO XXV.

Da grandeza do Reyno do Manomotapa; e de como se dividio.

COmo entre estes Cafres não ha escrituras, em que se possam encommendar á posteridade suas cousas, não ha poder-se saber certeza do principio deste Reyno do Manomotapa, nem estes barbaros sabem mais que dizerem que tiveram tantos Reys, sem saberem os annos que reináram, nem a origem de seu principio; mas por conjecturas se alcança que quando a Rainha Sabá quiz ir visitar a ElRey Salamão a Jerusalem, fora buscar o ouro, que levára, a estas Minas, aonde já havia Reys, e presume-se que lhe eram sujeitos: e ainda naquellas partes da feira de Macapár, e Naberturá ha hoje aquelles grandes edificios, que ella mandou fazer pera si, todos de cantaria, a que os Cafres chamam *Simbaoé*, que sam como baluártes fortes, pelo que elles contam sempre que o Manomotapa senhoreou toda aquella Cafraria desde o Cabo das Correntes até o grande rio de . . . . que divide a terra de Moçanga (que assim chamam toda a do Manomotapa da Mosimba); e succedendo naquella parte da Cafraria os Reys huns aos outros por li-

linha direita até vir a hum que teve quatro filhos, sem saberem dizer quantos annos ha, o qual sendo velho, repartio seus Estados com os filhos pera os governarem, e a hum deo o Reyno de Quiteve, de que até agora fallámos, a outro o Reyno Sedanda, que corre deste Quiteve pera o Cabo das Correntes, a outro o Reyno Chicagá, que he o mais rico de todos, porque nelle estam as Minas de Manicás, e Butuá, e outras que sam aquellas aonde chegou o Governador Vasco Fernandes Homem, e o filho mais velho ficou com elle na Corte. Por morte deste Manomotapa se levantáram os filhos com os Reynos que governavam, e tomáram appellido de Reys delles dos mesmos Reynos que possuiam; como entre nós dizemos Rey de Portugal, Rey de Castella, Rey de França, assim se intituláram Rey de Chicagá, Quiteve, Sedanda, que os seus proprios nomes ninguem lhos soube, e cuido que os não tem, porque os não nomeam, senão pelos sinaes que a natureza lhes poz, como se he torto, manco, dente menos, ou qualquer outro defeito que tiver, e infiro isto de elles não nomearem aos Portuguezes que lá vam por seus nomes, senão pelos sinaes que tem no corpo, ou vestidos. Apossados os filhos do morto dos Reynos que governavam, o

que

que succedeo no Imperio, ficou com maior quinhão que todos tres, porque possue duzentas leguas de comprimento, e outras tantas de largura, e o comprimento he desde aquella famosa Lagôa, que jaz no meio do Sertão até se metter no mar nos rios de Luabo até o de Tenculó, que sam doze leguas de hum ao outro. Os negros de Butuá, que he do Chicangá, aonde o Governador chegou, por sem dúvida se tem que commerceam com os de Angola, e que todo o ouro que vai daqui pera o Reyno, estes Butuás lho levam, porque lhe vam comprar roupas a troco delle, e pera mim tenho que não sam cem leguas de caminho, porque como aquella terra se vai estreitando até fenecer no Cabo de Boa Esperança, assim deve ser; e deixa isto de se saber, porque somos Portuguezes, que não sabemos ensacar as cousas, nem ainda das que temos de portas a dentro, como o rio de Surrate, e outros, onde ha cento e tantos annos que commerceamos, se bem hoje melhor que nós os Hollandezes, e Inglezes, os quaes a primeira vez que lá foram, descubríram logo surgidouros entre baixos, e restingas, onde estam tão seguros, como em suas casas, das nossas Armadas, que lhes não podem fazer damno, os quaes os nossos que cada dia entravam, e

sa-

ſahiam não ſouberam ſenão agora que os Inglezes no-los moſtráram; e não me envergonho de dizer iſto, porque todas as nações ſabem já que nós ſomos os barbaros, e elles os politicos, e até eſtes Cafres buçaes nos tem neſſa conta.

CAPITULO XXVI.

Das couſas que neſte tempo ſuccedêram ſobre o cativeiro de D. Henrique de Menezes.

DOm Henrique de Menezes, que eſtava reteudo na Corte do Idalxá com todos os cativos, eſcreveo ao Governador Antonio Moniz que devia tratar de ſeu reſgate, e ſoltura, com mandar hum Embaixador ao Idalxá, que iſſo ſó eſperava; e logo apôs iſto, que foi em Junho, chegou huma carta do meſmo Idalxá ao Governador ſellada com o ſeu ſello, e chapa, couſa que elle poucas vezes fazia, em que lhe pedia que pera comporem as couſas de entre ambos lhe mandaſſe hum Embaixador pera com elle as tratar, e que faria tudo o que lhe tinha pedido: e vendo elle a neceſſidade em que a Cidade eſtava de mantimentos, e marinheiros pera as Armadas que ſe haviam de fazer, ordenou logo

go de o mandar, e elegeo pera isso a Manoel de Moraes, por ser pessoa mui conhecida do Idalxá, e rico, o qual partio de Goa depois de chegarem as náos do Reyno, e foi bem acompanhado, e por elle mandou o Governador ao Idalxá algumas peças curiosas. Este homem foi mui bem recebido do Idalxá; e tratando os negocios que levava a cargo, os concluio com muita satisfação, assim daquelle Rey, como do Estado da India, e os apontamentos, e pontos principaes do que assentáram, ao diante se verão: e pera satisfação do Governador soltou logo a Christovão do Couto que lá estava, e o mesmo fez a D. Henrique de Menezes, e aos mais Portuguezes que com elle estavam, que todos se vieram pera Goa.

Passados alguns dias de Setembro, chegáram a Goa as náos do Reyno, de que veio por Capitão mór Ambrosio de Aguiar Coutinho, como no seu titulo se verá: e entre as cousas que ElRey D. Sebastião mandou prover, foi, que se prendesse a D. Jorge de Castro pela entrega da Fortaleza de Chalé, e que na meza da alçada da India com os Desembargadores da Relação fosse sentenceado, e executado publicamente, pelo que o foram prender ao Paço de Pangi, ou da Madre de Deos, onde estava apo-

aposentado com sua mulher, não faltando pessoas que o avisassem, pera que se puzesse em salvo, como pudéra pôr, mettendo-se na casa da Madre de Deos, o não quiz fazer, e se deixou estar muito seguro até o levárem a elle, e a sua mulher ao tronco de Goa, e logo se processou contra elle, dando o Promotor da Justiça seu libello, e provou-se-lhe muito bastantemente que entregára a Fortaleza ao Çamori, com o qual tivera primeiro muitas intelligencias, e outras culpas, que outros tinham mais que elle, pelas quaes foi senteceado que morresse morte natural, e fosse degollado no pelourinho de Goa, a qual sentença se poz logo em execução: e o dia que se havia de tirar a justiçar, se lançáram muitos pregões pelo terreiro do Viso-Rey, pela rua direita, e pelas mais públicas da Cidade, que nenhum homem Fidalgo sahisse aquella manhã fóra de suas casas, e que toda a mais gente não sahisse fóra de casa com armas, por evitarem alguns alvoroços: e logo foi tirado o pobre velho de oitenta annos, e ao apartar-se de sua mulher D. Filippa, que com elle estava preza, foi hum espectaculo espantoso pera todos, e de muitas lagrimas, e lastimas, e pelas ruas publicas foi levado ao pelourinho; e por ventura que fosse isto de

al-

alguns Fidalgos que na entrega daquella Fortaleza tivessem mais culpa que elle: juizo secreto de Deos, chegar hum Fidalgo daquella idade, do melhor conselho que houve na India sempre, e que servio toda a vida aos Reys com muita fidelidade, e amor, e que foi Capitão de Maluco, e de Cóchim muitas vezes, e de Chalé quasi toda a vida, no cabo de todos estes merecimentos vir a morrer degollado por culpas que elle não tinha, e de que se podia livrar por inhabilitado já de juizo, caso foi pera encolher muito o juizo dos homens, e não fiar merecimentos, saber, idade, nem em semelhantes cousas a estas, porque em fim sam caducas, e pouco verdadeiras: e toda a minha vida ouvi dizer, e o alcancei por experiencia, que o homem que na India viver muito, não escapará destas duas cousas, ou de pobre, ou deshonrado, o que tudo este pobre velho vio; e a Deos, e aos Reys não se pergunta razão das cousas: e quem havia de perguntar a hum tão bom Rey, como foi D. Sebastião, por que causa mandou este anno degollar este Fidalgo, e o anno seguinte mandar-lhe mercês, e escrever-lhe cartas honradas, e mandar-lhe dar gazalhados pera se ir pera o Reyno com sua mulher? Aqui não ha que discursar, nem que lan-

çar

çar juizos, porque todos feram temerarios; mas não deixarei de dizer isto: Requerendo certo Fidalgo, que se achou naquelle cerco de Chalé, que foi o que mais culpa teve, e o que primeiro assignou na Fortaleza, foi respondido no Reyno que lhe faziam mercê da Fortaleza de Chalé, e por derradeiro vi em poucos annos a elle, e todos despachados com Fortalezas grandes, e ricas. Ora deixemos dispôr a Deos, que sabe o que mais nos convem, e vamos dando conta das cousas mais necessarias.

Ambrosio de Aguiar Capitão mór das náos do Reyno trazia muita fazenda, e não podia desbaratalla, e receava lhe ficasse a maior parte della na India; e como era Fidalgo de grande industria, pedio ao Governador passasse huma Provisão pera se ordenarem em Goa humas sortes, como muitas vezes se fazem na Europa, porque pela novidade do caso haviam muitos de lançar nellas, e assim se ficaria remediando. Concedeo-lha o Governador, ordenaram-se Juizes casados em Goa, deo elle das fazendas que tinha, as quaes se avaliáram pelos preços ordinarios, e cuido que vieram a fazer somma de vinte mil pardaos, e logo se publicáram as sortes por esta maneira. As cousas de seda, grans, raxas,

quar-

quartos de vinho, balas de papel; e quartos de azeite, e outras cousas desta qualidade, cada sorte duas tangas, que sam seis vintens: e há-se entender que as peças de grã, e veludos, setins, e outras desta importancia se partíram pelo meio em duas: as peças de prata, que eram hum serviço, taças douradas, saleiros, garrafas, e outras muitas deste lote, cada huma tres tangas; e como isto deo na gente da India, principalmente entre mulheres, que sam appetitosas, e cubiçosas, acudio tanto dinheiro que bastou pera as cousas que se haviam de sortear, e sobejou pera todos os gastos, e propinas de Juizes, Escrivães, Thesoureiros, e Porteiros, e mais Officiaes, e houve pessoas que lançáram duzentas sortes, e mais, como cada hum podia; e até os negros cativos, se podiam ajuntar pera huma, duas, ou mais, tambem se arriscavam, e até eu lancei meia duzia em nome de huma orfa que creava, e no rol das sortes dei por nome Miraguarda, e foi ella tão ditosa que lhe sahio hum quarto de vinho muito bom: em fim as sortes sahíram, e as fazendas se desbaratáram todas, e os que foram ditosos ganháram bem, e os que perdêram foi pouco, e o alvoroço, e alegria foi tudo.

E porque dos rios do Malavar tinham sa-

ſahido muitos paraos, e outros que ficavam apreſtando pera iſſo, querendo atalhar os damnos que ſe podiam ſeguir, deſpedio em dezoito de Setembro deſte anno de ſetenta e quatro a ſeu cunhado com João da Coſta por Capitão mór do Malavar com duas galés, elle em huma, e Franciſco de Mello de Sampayo em outra, e vinte e quatro fuſtas, cujos Capitães foram: Ruy Pereira de Sampayo, Balthazar Rodrigues de Alvellos, Sebaſtião Gonſalves ſeu irmão, Apollinario de Val de Rama, João Cayado de Gamboa, Miguel de Ayalla, D. Diogo da Silveira, Fernão de Albuquerque, Cuſtodio Martins de Vaſconcellos, Manoel Furtado de Mendoça, Duarte Pereira de Sampayo, Domingos Ferreira Eſcorcio, Manoel Rodrigues, Gomes Eannes de Figueiredo, Diogo Brandão de Cananor, Gaſpar Tavares de Cananor, Antonio Gomes Malavar, Pedro Soares Malavar, Fernão Moreira, Belchior Diniz, Miguel Telles de Moura, D. Bernardo Coutinho, Franciſco da Silva de Menezes, e Manoel de Lacerda.

Partida eſta Armada, logo o Governador deſpedio Fernão Telles por Capitão mór de outra pera a Coſta do Norte, a qual conſtava de outras duas galés, elle em huma, e Pedro Lopes Rebello em outra,

e

e dezesete fustas, de que foram por Capitães Mathias Pereira de Sampayo, Antonio Baracho, Lourenço Pires de Sousa, Ruy Gonsalves de Siqueira, Jorge de Barros de Azevedo, Antonio de Mendoça, Affonso de Monroy, Leonel de Brito, João Rodrigues de Vasconcellos, Braz da Silva, Fernão Alvares do Oriente, Pedro da Silveira, que depois foi Capitão de Damão, e ainda he vivo, André Borges de Mesquita, Domingos do Alamo, Alexandre Zuzarte, João Fernaades, e Gaspar Gonsalves, e todos partíram em vinte de Dezembro.

Eis-aqui duas Armadas, que com qualquer dellas se contentava D. Leoniz Pereira, Governador de Malaca, pera ir soccorrer aquellas partes, que estavam nos grandes trabalhos que dissemos, e nem huma, nem outra mais pequena lhe quiz o Governador Antonio Moniz Barreto dar, vendo elle que pelo mesmo caso mandára ElRey havia tão pouco tempo suspender de Governador D. Antonio de Noronha, e entregar-lho a elle: no que se vê quanto póde a cubiça do mandar, que não via este Governador a quanto se arriscava em não cumprir o que ElRey lhe mandava; e se me disser que o Estado não podia tanto, como não vio quanto menos podia no tempo

po do Viso-Rey D. Antonio de Noronha, que tomou a India toda de guerra com todos os Reys Mouros, e Gentios conjurados contra nós? E vendo elle tudo isto, escreveo a ElRey que o Estado da India estava muito prospero pera se lhe darem dous mil homens com Armada, e artilheria, munições, e mantimentos pera elle; e agora que não estava a India de guerra, senão muito pacifica, como não pode dar huma tão pequena Armada, como D. Leoniz Pereira lhe pedia? Eu não digo que nem então, nem agora estava o Estado pera tirar de si tamanho cabedal, mas digo que enganáram a ElRey, e no Reyno lhe fizeram crer quem fez a eleição que a India estava com possibilidade pera tudo, e o mesmo lhe escrevêram depois de cá, o que foi causa de deshonrarem, e matarem hum Fidalgo tão honrado, e benemerito, como foi D. Antonio de Noronha, hum dos mais puros, e verdadeiros Viso-Reys que nella houve. Lá estam todos aonde Deos terá julgado suas tenções; e pelo que tenho visto, e ouvido nestes negocios, me magoo como Christão muito de todos elles.

O Governador Antonio Moniz Barreto nunca tratou de aviar a D. Leoniz Pereira, Governador de Malaca; e vendo elle as dilações que lhe faziam, e que o Governa-

dor

dor mandava Armadas pera fóra de Goa; e só da sua não tratava, tendo-o promettido a ElRey, tratou de se embarcar pera o Reyno, como fez nestas náos de Ambrosio de Aguiar: e folgára eu de ver a cópia das cartas que o Governador Antonio Moniz Barreto escreveo a ElRey, e as razões que nellas lhe dava pera não negociar a D. Leoniz Pereira, como elle queria que D. Antonio de Noronha o negociasse a elle. Eu sei que D. Leoniz Pereira levou certidões, e papeis mui satisfactorios pera com elles mostrar a ElRey, como sempre estivera prestes pera o servir nas partes do Sul, e que pelo não aviarem, nem bem, nem mal, se embarcára pera o Reyno.

CAPITULO XXVII.

Dos Embaixadores do Idalxá que foram a Goa: e da Armada que a Rainha de Japará mandou sobre Malaca.

FIcou (como atrás já dissemos) Manoel de Moraes, que estava por Embaixador na Corte do Idalxá, concluindo o negocio das pazes com elle, e por fim se assentáram, e concluíram, e pera maior firmeza dellas despedio aquelle Rey dous Embaixadores pera irem a Goa confirmar as pa-

zes

zes com o Governador, hum delles chamado Coração com seu Secretario, e o outro por nome Jaerbeque, o qual havia de passar ao Reyno a negociar com ElRey D. Sebastião, os quaes foram muito bem recebidos em Goa, e ambos, pelos poderes que traziam, confirmáram as pazes que estavam feitas com o Viso-Rey D. Antonio de Noronha; e accrescentáram mais que poderiam os Governadores, e Viso-Reys da India mandar tirar de suas terras todo o salitre que quizessem; e huma Provisão, a que elles chamão Formão, chapada em branco com a chapa do Idalxá pera tudo o mais que quizessem assentar com o Governador, pera ratificação destas pazes que novamente se juráram em Goa aos vinte e dous de Janeiro de mil e quinhentos e setenta e sinco, fazendo no cabo huma declaração, que havendo o Idalxá de quebrar, ou fazer guerra a algum amigo do Estado, o faria primeiro a saber ao Viso-Rey, ou Governador da India; e que tendo causa justa pera lhe fazer guerra, que elles o ajudariam em tudo: e aos vinte e tres do mesmo mez se embarcou o Jaerbeque Embaixador pera o Reyno na náo Santa Barbara, de que era Capitão mór Manoel Pinto, e de suas cousas adiante se tratará. Em companhia desta náo foi Manoel Pinto de

Mesquita na caravela Santa Luzia a descubrir o Cabo de Boa Esperança pera fazerem em effeito crer a ElRey que era Ilha, e levou comsigo hum catúr ligeiro, de que foi Capitão Manoel Correa Gato, e assim foi Francisco Rodrigues Mondragão em huma naveta á Ilha de S. Lourenço a descubrir os portos pela banda de fóra pera vêr se achava novas das náos Reys Magos, Capitão mór Duarte de Mello, e a de S. Francisco, Capitão Francisco Leitão de Gamboa do anno de mil e quinhentos e setenta e dous que se perdêram, indo pera o Reyno em Janeiro de setenta e tres, como em seu lugar, e titulo se verá.

Já atrás dei relação do successo do Achém, quando veio sobre Malaca, e como estava confederado com a Rainha de Japará pera de conformidade, e mão commua darem naquella Fortaleza, e a levarem nas unhas, pera o que cada hum em seus Reynos fez suas preparações, e juntou suas Armadas, e gentes; e parecendolhe ao Achém que elle só bastava pera aquella empreza pelo grosso poder que tinha junto, não quiz dar quinhão nella áquella Rainha, e assim foi só áquelle negocio, e nelle lhe succedeo o que já contei. Agora vendo a Rainha de Japará o máo successo que o Achém teve de soffrego, entendendo

do que lhe poderia ficar a Fortaleza de Malaca, e que lhe ſería muito facil ganhalla pera ſi, e defendella depois ao Achém, ſe tornaſſe com mais poder, lançou ſua Armada no mar eſte Outubro paſſado de ſetenta e quatro, a qual conſtava de trezentas vélas, em que entrava couſa de oitenta juncos grandes do tamanho de noſſas náos de até quatrocentas toneladas, e as mais embarcações calaluſes, na qual Armada mandou embarcar quinze mil Jáos eſcolhidos, muitos mantimentos, munições, e artilheria, e petrechos de guerra, e elegeo por General deſta empreza a Quilidamão, Regedor principal de ſeu Reyno, o qual com todo aquelle poder foi ſurgir ſobre a barra de Malaca com tamanhas carrancas de ſalvas de artilheria, que parecia ſe queria acabar o mundo. Eſtava por Capitão da Fortaleza Triſtão Vaz da Veiga, por ſer fallecido pouco tempo havia D. Franciſco de Menezes, o qual com o Biſpo, Vereadores, e peſſoas principaes acudio a prover na defensão daquella Fortaleza, e com muita brevidade deſpedio embarcação ligeira com recado ao Governador, do eſtado em que ficava, pera que o ſoccorreſſe. A gente toda que pouſava fóra da banda de Malaca logo ſe recolheo á Fortaleza, o que não pode fazer tão de preſſa a da banda

de Ilher. Os Jáos tanto que chegáram, logo desembarcáram nesta povoação, e a entráram, e nella fizeram grande damno, ao que acudio D. Antonio de Castro com dez soldados tão apressado, que não teve lugar de tomar armas; e remettendo com os Jáos, que vinham apôs da gente que se recolhia pera a Fortaleza, travou com elles huma boa batalha, na qual foi morto com alguns dos companheiros, o que foi muito sentido de todos.

O General dos Jáos ao outro dia desembarcou todo o poder, e posto em ordem, se foi chegando pera a Fortaleza, e na parte que lhe pareceo mais accommodada assentou seu campo, e formou suas tranqueiras, e se fortificou ao redor da Cidade muito á sua vontade. O Capitão Tristão Vaz da Veiga formou logo suas estancias, provendo nellas, e nos baluartes o melhor que pode, conforme ao tempo, e a brevidade delle, pondo pelos baluartes, e muros os mesmos que nelles estiveram na occasião passada do Achém no cerco que tão pouco havia tiveram, e por isso os não torno a nomear, ordenando as cousas que lhe parecêram mais necessarias, tão contente, e alegre, que metteo em todos os da Fortaleza grande animo; e porque se começasse a fazer alguma cousa, que désse confiança a to-

todos, e desanimasse aos inimigos, ordenou ao Licenciado Martim Ferreira, Veador da fazenda, que com cento e sincoenta soldados fosse dar em huma tranqueira, que os inimigos tinham fabricado a trinta passos do baluarte S. Domingos, dando a dianteira a Diogo Lopes da Cunha o soldado, que o era muito bom, e em huma madrugada sahíram todos da Fortaleza, ficando o Capitão á porta della; e com hum animo mui determinado commettêram as tranqueiras, as quaes logo cavalgou o Diogo Lopes com os da sua companhia, e dentro tiveram huma razoada batalha com os inimigos, e lhes matáram setenta, e deitáram todos os mais fóra, ficando a tranqueira por nossa, a qual se desmanchou, e desfez logo, e se recolhêram sete berços que nella estavam, com que se recolhêram, mostrando-se neste negocio o Martim Ferreira, que sabia usar tão bem das armas, como das letras. Esta vitoria quebrantou muito aos Jáos, e affervorou tanto aos nossos, que desejavam ir dar nas outras tranqueiras que estavam mais affastadas, o que Tristão Vaz da Veiga de nenhum modo quiz consentir, porque havia mister muitos homens.

Os Jáos vendo este desastre, quizeram pôr cobro na sua Armada, em que tinham

to-

todo o ſeu remedio, e todo o ſeu armazem de mantimentos, e munições, e pera a ſegurarem a mandáram recolher no rio dos Malaios, meia legua da noſſa Fortaleza, com tão pouco reſguardo, que pelas vigias, e intelligencia que Triſtão Vaz da Veiga trazia ſobre tudo, foi aviſado do caſo, e determinou de mandar dar nella, e fazer hum muito honrado feito; e aſſim ordenou logo huma galé de D. Antonio de Caſtro, que havia pouco matáram, e com ella quatro fuſtas, e alguns bantins, e manchuas, e commetteo eſte negocio a João Pereira de Sampayo, o qual ſahio huma madrugada pera fóra, e em breve eſpaço foi ter áquelle rio, o qual entrou, e commetteo a Armada que eſtava com o deſcuido que já diſſe; e dando-lhe fogo, queimou mais de trinta juncos, e outros navios menores: das mais embarcações ſe provêram os noſſos de mantimentos, e munições, de que carregáram á vontade, e foram deſembarcar á Fortaleza, onde foram recebidos com as maiores demonſtrações de alegrias que podia ſer, porque não ſó feſtejáram o bom ſucceſſo, mas o remedio de todos, que conſiſtia nos mantimentos que traziam, porque eſtavam já quaſi na extrema neceſſidade, e com aquillo ſe remediáram alguma couſa. Os inimigos com eſta perda deſconfiáram

da

da jornada, e logo tratáram de pedirem pazes, ou de se irem pera as suas terras; mas primeiro quizeram fazer algumas demonstrações de guerra; e porque lhe não acabassem de mandar queimar a Armada, mandáram cerrar a barra do nosso rio, por onde os nossos haviam de sahir; com grandes grades de madeira: atravessáram humas estacadas de mastos, e ao longo dellas levantáram alguns castellos de madeira sobre alguns navios tão altos que pudessem chegar a igualar ao baluarte Sant-Iago, pera por elle poderem entrar na Fortaleza. Vendo Tristão Vaz da Veiga aquella fábrica, e que vedar-lhe a serventia daquelle rio era pollos em extrema necessidade, porque por elle abaixo lhe vinham muitas cousas pera sustentação da gente, ordenou de lhes mandar desfazer os castellos, e estacadas, o que encarregou a João Pereira, que com alguns batéis pavezados, manchuas, e balões com que deo huma madrugada naquellas máquinas, e com muito valor, e trabalho de todos queimáram tudo, e o desfizeram em pó, e cinza com muitos Jáos que acudíram á defensão delles.

Mettêram estas boas venturas de João Pereira tanta inveja a todos, que pedio Fernão Peres de Andrade licença ao Capitão pera ir dar em outra tranqueira, que os Jáos ti-

tinham defronte do baluarte Madre de Deos, a qual lhe elle concedeo, e quiz achar-se com elle neste feito Bernardim da Silva; e ajuntando parentes, e amigos, e soldados, deram no quarto d'alva na tranqueira; e posto que acháram grande defensão, e sobre ella tiveram trabalho, no fim da referta foi entrada a fio de espada, e mortos os que nella estavam, e ella toda abrazada, e destas hospedagens tinham os Jáos de quando em quando algumas que lhes não sabiam bem.

Vendo os Jáos desimpedido o rio, porque era a maior guerra que podiam fazer aos nossos o impedir-lhes os mantimentos que por elle abaixo entravam na Fortaleza, tornáram a insistir nisso, e o cruzáram de novo com grossas traves, e com tranqueiras guarnecidas de artilheria, e soldados pera sua defensão; porque a sua tenção era que os nossos chegassem a tanta necessidade, e aperto de fomes, que se lhes entregassem, por se não arriscarem nos assaltos, e commettimentos, porque sabiam que haviam de ficar escalavrados: o que visto pelo Capitão, tornou a encommendar aquelle negocio a João Pereira, que nos batéis, e mais embarcações pequenas commetteo a tranqueira cavalleirosamente; mas achou-a tão forte, e os Jáos tão determinados, que lhe

lhe foi neceſſario retirar-ſe com dous mortos, e alguns feridos, e hum delles foi Manoel Ferreira, Capitão de hum dos batéis, o qual recebeo tres perigoſas fréchadas. O Capitão ſentio muito o ſucceſſo; porque ſe os Jáos ſuſtentavam aquella tranqueira, ficavam elles ſujeitos a grandes neceſſidades, pelo que lhe foi forçado tornar a commetter aquelle negocio, que encarregou a Fernão Peres de Andrade, mas não naquella fórma em que o fez João Pereira, mas lhe ordenou que ſe metteſſe dentro no rio com huma naveta muito artilhada com arrombadas feitas, e os batéis com ſuas mantas, e outras embarcações, o que Fernão Peres fez, e ao entrar do rio houve de parte a parte hum fermoſo jogo de bombardadas que durou muito eſpaço, e no fim delle foi entrada a tranqueira pelos noſſos, e desfeita ella, e as eſtacadas com morte de muitos Jáos; e poſto que o negocio foi tão arriſcado, não ſe perdêram dos noſſos mais que quatro ſoldados, o que foi milagre grande pelo muito baralhado que andáram todos com os Jáos, e pouco reſguardo aos pelouros. João Pereira ſe deixou ficar com toda a Armada no rio, com que lhes fechou a elles a porta pera lhes não entrarem provimentos, de que já eſtavam tão faltos, que mais ſe podiam chamar cercados

dos que cercadores, porque a Armada os tinha prezos, e encerrados nos matos por eſtarem eſcandalizados das noſſas ſahidas; e ſe Triſtão Vaz da Veiga tivera trezentos homens sãos, ſem dúvida os desbaratára de todo; e a tal eſtado chegáram os Jáos, que o ſeu General conſultou com o ſeu Dato, que he entre elles, como entre nós, hum Prelado, que mandaſſe apalpar o Capitão com pazes, e que contentando-ſe com partidos honeſtos, ſe fariam; o que o Dato fez por Interpretes muito diligentes, e propoz o negócio, não como quem eſtava em muita neceſſidade, ſenão como quem queria amizade com os noſſos. Depois de ouvido, lhe mandou reſponder Triſtão Vaz que acceitaria a paz com eſtas condições, que lhe deſſem todos os cativos, que eſtiveſſem em ſeu poder, e as armas, e hum galeão que tomáram aos noſſos em hum de ſeus portos com toda a ſua artilheria; que não navegariam nunca de Malaca pera o Achém ſem cartaz do Capitão, e que dentro em tres dias ſe embarcariam, e ſe iriam direitos pera a Jaoa pelo Eſtreito de Sabão, não tomando até lá terra alguma, e que pera cumprimento deſtas condições havia de deixar refens á vontade do Capitão; iſto ſe lhe metteo por condição, porque o Capitão preſumio que elles ſe queriam ir refor-

mar

mar a alguma parte pera tornarem ſobre aquella Fortaléza com o Achém, de quem havia novas que ſe fazia preſtes pera tornar a ella. Parecêram eſtas condições mui pezadas aos Jáos, pelo que não quizeram mais tratar de pazes, deliberando-ſe a eſperar pelo Achém; mas bem entendêram os noſſos que nunca eſtes dous tyrannos ſe fiariam hum do outro, e por iſſo andáram pairando: o General dos Jáos entendia iſto muito bem do Achém, o qual eſperava tambem que elles foſſem desbaratados pera poder dar nelles, e acaballos de todo, e quando não, que a Fortaleza não poderia ficar em eſtado que lhe pudeſſe eſcapar, indo elle ſobre ella com aquella potencia, que tinha junto de refreſco, porque bem ſabia a pouca gente que tinha, e a maior parte deſſa doente, e que não havia provimentos, nem donde lhe virem; pelo que eſtava tão confiado de a tomar ſem golpe de eſpada, que ſe fazia já ſenhor della, o que tambem ſentia muito o Rey de Viantaná, porque ſe tinha por Rey de todo aquelle Reyno; e ſe aquella Cidade vieſſe a poder do Achém, logo todo o Reyno ſería ſeu, e eſtranhamente lhe pezava do eſtado em que via as couſas; mas como ladrão de caſa, ſe mandou offerecer ao Achém pera o ajudar naquella guerra, ſobre que hou-

houve cartas de parte a parte, nas quaes jogáram ſuas lanças falſas hum contra o outro; porque o de Viantaná á conta de o ajudar tinha a ſua Armada preſtes, e muito bem provída de gente, pera que ſe viſſe que ao Achém lhe ſuccedia mal no cerco, dar ſobre elle, e desbaratallo: o Achém com o meſmo penſamento dava voltas na cama, diſcurſando que ſe acaſo ſe fazia ſenhor daquella Fortaleza, logo ſenhorearia todo o Reyno Malayo; e algumas peſſoas, que eſcrevêram eſte cerco, ſe enganáram em cuidarem que aquellas couſas ſe tratavam ſem engano, ſendo certo aos que o entendiam bem que tudo eram invenções, e eſtratagemas, porque cada hum delles deſejava de conſumir ao outro, e o de Viantaná ainda mais pelo que receava.

Todavia eſtavam os Jáos em eſtado, que tornou o ſeu Dato a eſcrever ao Capitão cartas mais brandas, em que lhe dizia que elle tinha trabalhado muito pera abrandar aos Jáos, e que faria delles o que quizeſſe, primeiro que o Achém chegaſſe, porque ficavà com huma poderoſa Armada pera vir em favor da Rainha de Japará, como ſe via por huma carta que eſcreveo ao Rey de Viantaná, a qual carta mandou tambem ao Capitão, e todos conhecêram o ſêllo do Achém, o qual dava nella deſculpas ao

Rey

Rey de Viantaná de não esperar pela Armada da Rainha da outra vez que fora sobre Malaca, como entre elles estava concertado, porque cuidára (por hum certo respeito) que elle só bastava pera tomar aquella Fortaleza, com que ficaria escusando as despezas, e trabalhos que a Rainha havia de ter, e passar naquella jornada: que elle estava prestes com huma grossa Armada pera tornar a voltar sobre aquella Fortaleza, e que em apparecendo a Lua nova logo se partia. O Capitão Tristão Vaz da Veiga folgou muito com o Dato segundar no negocio das pazes, ou que fosse fingido aquelle negocio, ou verdadeiro, porque em quanto durasse o trato dellas, se poderia prover de mantimentos em huns seis juncos delles que a Rainha mandava aos seus, os quaes vindo os dias passados de mandar o rio de Malaca, vendo dentro a nossa Armada, em que andava João Pereira, tornáram a voltar pera o rio de Jór, do que logo o Capitão foi avisado; e sem dar conta a pessoa alguma, mandou chamar a João Pereira, e com elle praticou em segredo, e lhe deo hum regimento do que havia de fazer, no qual lhe mandava que de noite (porque os nossos o não achassem menos, porque logo descorçoariam) se fosse ao rio de Micar, e que logo commet-

teſſe áquelles juncos, e que trabalhaſſe pelos render a fio de eſpada, ſem entrar alli fogo, por ſe não queimarem os mantimentos, e munições, porque delles ſe havia de remediar aquella Fortaleza, dando-lhe Deos o bom ſucceſſo que elle eſperava.

Tanto que anoiteceo, ſahio-ſe João Pereira fóra do rio com a galé, e quatro fustas, e entrou Micar, e logo inveſtio os ſeis juncos que eſtavam deſcuidados, e os rendeo, e de madrugada os levou á Fortaleza, e os mantimentos, e munições ſe deſembarcáram preſente o Capitão, ſem que elle conſentiſſe que peſſoa alguma tomaſſe huma medida de arroz, e aos ſoldados que ſe acháram naquelle feito, largou as drogas, em que ſe cevâram por ſeu trabalho. Recolheo-ſe tudo em armazens, de que o Capitão trazia a chave, e os foi repartindo conforme a neceſſidade do tempo, o que alentou muito a todos os animos, que já traziam muito derrubados; e porque nem com iſto deixavam de correr recados de pazes, e elles ſe queixavam do damno que recebiam da noſſa Armada, e não eſtavam em menos neceſſidades que os noſſos, mandou o Capitão a João Pereira que ſe recolheſſe, porque lhe pareceo que vendo-o os Jáos junto da Fortaleza quizeſſem ir-ſe pera ſuas terras, o que elle deſejava que foſ-

ſe,

se, antes que o Achém chegasse com o seu poder.

Tanto que os Jáos víram a nossa Armada recolhida, e que cada dia podiam chegar os Achéns, e que vendo-os tão desbaratados, os poderiam acabar de destruir, sem tomarem conclusão nas pazes que tratavam, huma noite em segredo levantáram o campo, e se embarcáram, porque tinham mandado vir a sua Armada. O Capitão que sentio o caso, mandou a João Pereira que sahisse apôs elles logo, porque hiam desordenados, e visse se podia fazer algum bom feito, o que João Pereira fez, e ainda lhe tomou alguns juncos, e outros navios, em que matou muita gente de modo, que além dos navios que perdêram, lhes ficáram enterrados por esses campos ao redor de sete mil pessoas, que morrêram a ferro, e a fogo, e de doença, a fóra os que hiam cada dia lançando ao mar, porque se embarcáram os mais delles combalidos, e inficionados da corrupção dos ares, por ser o lugar em que estavam apaulado, e pestifero, e as immundicies de tanta gente o fizeram mais pestilencial, de maneira que chegáram á sua terra com duas partes da gente menos. Durou o cerco tres mezes, não ficando os nossos com menos damno, ainda que alcançáram delles tantas vitorias,

por-

porque dos naturaes morrêram muitos de fome, e doenças, e a gente que ficou estava tão debilitada que era grande lastima vella, deixando-lhe os Jáos tudo o que havia por fóra tão destruido, assolado, e abrazado, que em muitos annos se não pudéram os moradores aproveitar da cultura de seus campos, e de suas hortas que tinham com arvoredos de frutos.

E posto que os nossos ficáram deste successo com huma tão grande vitoria, foi em tal estado, que se não podiam menear de fracos, nem tinham donde se proverem de mantimentos, e munições, de que estavam muito faltos, tendo por certeza que o Achém não tardaria muitos dias que lhe não viesse dar outro repelão áquella miseravel Fortaleza, pera o que o Capitão Tristão Vaz da Veiga se fez prestes, e reformou os muros, baluartes, e estancias, e poz no mar toda a Armada que havia, a qual encarregou a João Pereira que andava na galé, e Bernardim da Silveira em huma caravella, e Fernão de Palhaes em huma náo, nas quaes embarcações andavam cento e vinte soldados, e pera segurança della forneceo os baluartes de sobre o mar de boa artilheria, e na Sacristia de nossa Senhora do Monte mandou prantar outras peças pera assim segurar o mar, por onde lhe haviam

de

de entrar os provimentos, e onde se havia de ir pescar pera sua sustentação, porque carnes não as havia, legumes, e hortaliça tudo os Jáos deixáram secco, e esteriles os campos, e todos estavam com as esperanças postas em algumas náos de mantimentos que o Capitão tinha mandado a Bengalá, e Pegú, sobre as quaes tinham grandissimas vigias.

Nestes transes estavam os nossos, quando no primeiro dia de Fevereiro deste anno de setenta e sinco appareceo pelo mar a Armada do Achém, que o cubria todo, o qual tendo por novas que os Jáos eram recolhidos, e desbaratados, e que a nossa Fortaleza o ficava pouco menos, e falta de tudo o necessario, vendo que lhe não podia escapar, logo deo á véla, e appareceo sobre ella com tamanhas carrancas, fainas, e salvas de artilheria, que pudéram espantar qualquer Cidade mais forte, e melhor provída de tudo, o que não fez aos nossos naquella pobre, mal cercada, e peior provída, porque logo tomáram seus lugares pelos muros, e baluartes com tanta confiança, e ufania, como se estiveram muito folgados, e inteiros. O Achém logo ao segundo de Fevereiro mandou commetter a nossa Armada, que estava entre a Ilha, e a terra, que era o surgidouro das náos, descar-

regando ſobre ella grandes coriſcadas de artilheria, cujas fumaças tolhéram os ares de feição, que parecia ſe armava huma grande tempeſtade, e tormenta. João Pereira com os mais Capitães ſe puzeram em defensão com grande animo, e valor, e tambem ſervíram a Armada inimiga muito bem com ſua artilheria: a galé foi paſſada de parte a parte com hum furioſo pelouro de ferro, a que acudíram os officiaes, e o remediáram o melhor que pudéram; mas nem ás cutilladas o pode João Pereira fazer aos ſeus ſoldados, que de medo daquella tormenta ſe quizeram acolher; e não tiveram menos trabalho os outros Capitães com os ſeus, porque víram todos o grande damno que a artilheria lhes fazia, porque na Armada lhes tinha já mortos ſetenta e ſinco companheiros; e todavia os Achéns apertáram tanto com a nóſſa Armada que a deſtroçáram de todo, matando os ſeus Capitães cada hum na praça do ſeu navio, peleijando valeroſamente: não eſcapáram de todos mais que ſinco, que ſe acolhêram a nado, e cativos ficáram quarenta: os Achéns mettêram os navios no fundo, que alli he vaſa pera lhe tirarem de dentro a artilheria, o que lhe defendeo muito bem a Fortaleza, e a do Monte fez na Armada inimiga grande damno.

Eſ-

Eſta perda da Armada, que era todo o remedio daquella Fortaleza, foi ſentida, e chorada com lagrimas de ſangue de todos em geral; e o que mais de tudo ſentiam, era a uſania, e córagem que ficou daquelle deſeſtrado feito aos inimigos; mas Triſtão Vaz da Veiga, que era Fidalgo de grande animo, acudio a remediar as deſconfianças de todos, affirmando-lhes com roſto muito alegre que Deos noſſo Senhor lhe havia de dar grandes vitorias daquelles inimigos, que com a gente que lhe ficára ſe havia de defender delles, e de outros, ſe vieſſem, que não entraſſem nelles deſconfianças, porque ſó por eſſa razão os caſtigaria Deos noſſo Senhor, que os não havia de deſamparar, que nelle principalmente, e no valor de ſeus braços eſperaſſem a defensão daquella Fortaleza, porque ſe elles não faltaſſem, Deos o não havia de fazer da ſua parte, por honra de ſeu Santiſſimo nome, e de ſua Lei ſagrada. E aſſim logo dos cento e cincoenta homens que lhe ficáram na Fortaleza, e dos Quelís naturaes da terra, proveo os baluartes, e eſtancias o melhor que pode: e quiz noſſo Senhor que havia pouco tempo ſe tinham ido algumas náos da China, e de outras partes pera a India cheias de fazendas, nas quaes ſe foram eſcondidos muitos ſoldados ſem

o Capitão o poder remediar, que ſe acer-
táram de eſtar ainda naquelle porto, ſem
dúvida o Achém ſe fizera ſenhor della, e
de todas ſuas riquezas, com que ficára mui-
to proſpero: e além deſta mercê que Deos
lhe fez em ſe terem ido por cauſa das mui-
tas fazendas que livráram das ſuas mãos,
foi tambem grande o levarem mais de mil
Mouros marinheiros dellas, que vendo fal-
tar-lhe tudo, eſtava certo paſſarem-ſe aos ini-
migos, e peleijarem tambem contra nós;
e neſtas náos eſcrevêram tambem o Capi-
tão, Biſpo, e Vereadores os trabalhos em
que ficavam, reportando-ſe aos homens que
nellas hiam, que como teſtemunhas de viſ-
ta poderiam dar melhor relação de ſuas mi-
ſerias.

Os Achêns, depois da perdição da noſ-
ſa Armada, deſembarcáram toda a ſua gen-
te, e artilheria em terra, e ordenáram ſeus
vallos, fortes, e tranqueiras á ſua vonta-
de, donde começáram a bater a Fortaleza.
Triſtão Vaz da Veiga, que eſtava muito fal-
to de munições, não quiz diſpendellas em
bater os vallos dos inimigos, porque guar-
dava eſſa pouca polvora que havia pera hu-
ma extrema neceſſidade, o que metteo aos
inimigos em grande confusão; porque quan-
do víram que os noſſos eſtavam calados,
ſuſpeitáram que era aquillo algum ardil de
guer-

guerra pera depois arrebentarem com todo o furor, como os Portuguezes coſtumavam fazer; mas a verdade he que Deos noſſo Senhor foi o Author daquella ſuſpeita que os Achéns tomáram, e que lhes moveo os peitos pera deſapreſſarem aquella Fortaleza, que eſtava mui arriſcada pela falta de tudo; porque havendo dezcſete dias que tinham deſembarcado, ſupitamente ſem mais occaſião que a que diſſemos, ſe embarcáram, e ſe foram pera o Achém, contentando-ſe da vitoria que houveram da noſſa Armada, com que os noſſos deram muitas graças a Deos noſſo Senhor, porque eſtavam em extrema deſconfiança, e temiam ſua perdição; mas o Ceo acudio com ſeus coſtumados ſoccorros, e mercês, o que ſempre faz, quando menos os homens o eſperam. Eſta ſupita fugida deſte poderoſo barbaro, ſem ver contra ſi pelouros de baſiliſcos, nem de canhões, podemos attribuir a Deos noſſo Senhor, que por milagre evidentiſſimo livrou aquella Fortaleza, e deſtes obra a ſua Omnipotencia muitos cada dia, ſem que os nós entendamos. Os da Fortaleza vendo-ſe de ſupito deſapreſſados, tornáram a cobrar alento, e não tardáram muito as náos de Bengala, e Pegú, por quem Triſtão Vaz da Veiga eſperava, as quaes trouxeram tantos mantimentos que ficou a

ter-

terra farta, e a Fortaleza provída pera muitos dias.

CAPITULO XXVIII.

Das cousas que succedêram neste tempo na India.

PAreceo bem ao Grão Mogor, já que era Senhor dos Reynos de Cambaya tão vizinhos do Estado da India, mandar hum Embaixador ao Governador, assim ao visitar, e a tratar alguns pontos das pazes, como em confirmar as que estavam feitas, e mandar trazer algumas curiosidades, e sedas do Reyno, e assim o despedio logo muito bem acompanhado, e o Governador o recebeo em sala grande com todos os Fidalgos, e Cidadãos principaes muito lustrosos, e em hum estrado alto o recebeo em pé encostado a hum braço da cadeira, onde tiveram as praticas ordinarias de lhe perguntar pela saude de ElRey, e da Rainha, e de seus filhos, e delle Embaixador, e por sua jornada, e o Embaixador lhe appresentou da parte do Mogor duas cabaias muito ricas de brocado, e huma gorra de veludo guarnecida de ouro ao nosso modo, porque se affeiçoou muito ao trajo dos Portuguezes; pelo que vio trazer aos nossos

que

que eſtavam em Cambaya, quando elle ſenhoreou aquelle Reyno, como em ſeu lugar fica dito; e aſſim logo mandou cortar muitos veſtidos, e botas, e ſe veſtio, e calçou ao noſſo modo, e ſe moſtrava muito contente, e louçáo a todos; e tanto ſe alegrava com os noſſos trajos, que nas lembranças que eſte Embaixador trazia, lhe encommendava muitos veſtidos deſtes, eſpadas, talabartes, e tudo o mais neceſſario pera os veſtidos. Eſte Embaixador era homem muito grave, e muito lido em ſuas hiſtorias, porque o viſitei algumas vezes, e o achei muito lido, e viſto nellas, e de algumas me deo muito boas informações. Paſſado eſte recebimento, tornou depois o Embaixador a tratar os negocios que trazia a cargo, e o Governador lhe diſſe que fizeſſe ſeus apontamentos, e os déſſe ao Secretario pera os ver em Conſelho, e lhe reſponder a elles, o que elle fez, e o Secretario os appreſentou em hum Conſelho público que pera iſſo apontou, os quaes ſe lêram preſentes todos, que eram quatro, e nelles ſe continha o ſeguinte.

» Dous cartazes pera o anno ſeguinte
» de mil e quinhentos e ſetenta e ſeis par-
» tirem duas náos ſuas de Góga pera Mé-
» ca, e tornarem ao dito porto de Góga,
» ſem ſerem conſtrangidas a irem á Forta-
» le-

» leza de Dio, nem a outra alguma Forta-
» leza de ElRey de Portugal.

» Huma Provisão, por que mande ao
» Capitão de Damão que lhe não impida
» levar madeira daquellas terras, e de Bal-
» ſar pera ſe fazerem as ditas duas náos,
» e que poſſa tirar embate, que he arroz
» com caſca, daquella Fortaleza, e da de
» Baçaim, e Chaul pera as terras de Cam-
» baya, o que ſeus Capitães virem que he
» neceſſario.

» Que ſe confirmem as pazes que eſta-
» vam aſſentadas pelo Viſo-Rey D. Anto-
» nio; e que pera demonſtração de mais
» amizade, e amor lhe mandaſſe o Gover-
» nador hum Embaixador, pera que ſeja pú-
» blico, e notorio a todos eſtarem já as
» pazes entre elles feitas, e celebradas.

» Que o Grão Mogor offerecia por el-
» le Embaixador tudo o que foſſe neceſſa-
» rio de ſeus Reynos pera bem do Eſtado,
» e de ſeus moradores: e que haja tambem
» o Governador por bem, que o meſmo ſe
» lhe faça das terras, e Fortalezas da In-
» dia; e debatido tudo no Conſelho, aſſen-
» táram que pera quietação das terras de
» Damão importava terem pazes com o
» Mogor, pois havia tão pouco víram o
» riſco em que eſteve aquella Fortaleza,
» quando lá acudio o Viſo-Rey D. Antonio

» de

» de Noronha, a quem se devia Damão,
» porque se elle lá não fora, não era pos-
» sivel livrar-se da potencia daquelle bar-
» baro, e que a essa conta se lhe havia de
» conceder o que pedia, porque se os car-
» tazes fossem em muito perjuizo da Al-
» fandega de Dio, o que nisso podia fal-
» tar, se cobrava com a amizade do Mo-
» gor, porque muito mais se havia de gas-
» tar nos soccorros daquella Fortaleza. E
» que quanto ao Embaixador, pedia se lhe
» mandasse depois que estivesse nas suas ter-
» ras de assento, e que por elle lhe respon-
» dessem ás pazes de que tratava; e que o
» Governador lhe mandasse por elle o pre-
» sente que lhe parecesse bem.»

Assentado isto, despedio o Governador o Embaixador do Mogor mui satisfeito; e porque vieram novas que elle era já partido pera o seu Reyno, e que deixava hum Governador no de Cambaya, mandou a Christovão do Couto, Lingua do Estado, em companhia do Embaixador do Mogor, a visitallo, como vizinho que ficava tão perto de Goa, em Abril deste anno de mil e quinhentos e setenta e sinco.

CAPITULO XXIX.

Chegão novas ao Governador dos trabalhos em que ficava Malaca: das prevenções que fez, e ſoccorro que lhe mandou.

EM Fevereiro deſte anno de mil e quinhentos e ſetenta e ſinco chegáram ao Governador cartas de Triſtão Vaz da Veiga, Capitão de Malaca, do Biſpo, e Vereadores, em que lhe davam conta do miſeravel eſtado em que ficavam, e de como o Achém viera ſobre aquella Cidade com huma potente Armada, e o que lhe ſuccedêra, e de como cada dia eſperavam por outra mais poderoſa, que a Rainha de Japará eſtava preparando pera mandar ſobre aquella Fortaleza, e que ſem dúvida tornaria o Achém a vir ajudalla; e que ſegundo a falta que de tudo havia na Fortaleza, correria muito riſco, e que fizeſſem conta que perdendo-ſe (o que Deos não permittiria) ſe perdia todo o Sul, e ainda toda a India, que daquellas partes ſe ſuſtentava. Eſtas novas ſentio o Governador muito; porque ſe lhe ſuccedeſſe algum deſaſtre naquella Fortaleza, ſe lhe accreſcentava a culpa de não aviar o Governador de Malaca, como ElRey lhe mandava; e como elle queria que o Viſo-Rey D. Antonio de No-

Noronha o aviasse a elle, e sobre o que faria, teve muitos Conselhos, nos quaes se assentou que se soccorresse Malaca, como ElRey mandava, com muita pressa, e com huma boa Armada, e logo despedio o Governador cartas dobradas pera as povoações de Negapatão, e S. Thomé, em que pedia áquelles moradores que soccorressem aquella Fortaleza com todos os mantimentos que pudessem, e que se lhes pagariam muito bem, pera o que lhe passou largas Provisões pera o Veador da fazenda, e Feitor daquella Cidade lhes fazer de todos bom pagamento; e que não havendo donde, se lhes pagariam em Goa nos direitos da Alfandega, lembrando a todos, que do contrato, e commercio daquellas partes se sustentavam, com outras obrigações que lhes poz diante.

Despedidas estas cartas, foi-se logo o Governador á Camara de Goa, e representou aos principaes do povo que alli se ajuntáram, as necessidades em que Malaca estava, que era a chave de toda a India, e que bem viam o estado em que estava por falta de dinheiro pera aquelle soccorro, que lhes pedia que pera elle lhe quizessem emprestar vinte mil pardaos, não sobre o cabello da barba de D. João de Castro, como todos fizeram na necessidade do cerco de

Dio,

Dio, vendendo pera iſſo ſuas joias, mas que
lhos empreſtaſſem ſobre ſeu filho Duarte
Muniz, que logo lhe entregava, e lhe paſ-
ſaria todas as Proviſões que lhe pediſſem
pera lhes ſerem pagos na Alfandega nos
direitos de ſuas fazendas, ou de quaeſquer
outras que appreſentaſſem; e que pera mais
ſegurança lhe hypothecava todo o dinheiro
do rendimento das terras de Salſete, que
rendiam ſetenta mil pardaos, e que deſte
ſerviço que fizeſſem a ElRey noſſo Senhor,
e de todos os mais que tinham feitos, de
que elle era boa teſtemunha, faria tão par-
ticular lembrança a Sua Alteza, que o obri-
gaſſe a fazer muitas honras, e mercês áquel-
la Cidade. Os Vereadores pedíram licen-
ça pera ſós praticarem aquelle negocio, o
que fariam depois delle recolhido, e logo
lhe mandariam reſpoſta do que ſe aſſentaſ-
ſe; o que o Governador logo fez, e lhes
rogou que naquelle negocio do empreſti-
mo, o que ſe lançaſſe a cada hum, ſe arre-
cadaſſe com ſuavidade, ſem ſe dar oppreſ-
ſão ás partes. Recolhido o Governador,
praticou-ſe o negocio na Meza, e aſſentou-
ſe que ſe empreſtaſſem os vinte mil par-
daos, que o Governador pedia; e que aſ-
ſim como o foſſem ajuntando, o foſſem lê-
vando ao Governador pera o apreſto da Ar-
mada. Deſte aſſento ſe mandou logo reca-
do

do ao Governador, o qual tratou logo da Armada, que havia de mandar a Malaca, a que se deo a maior pressa que pode.

Com este aviamento se foi o Governador pera a ribeira das Armadas pera estar alli mais á mão pera seu aviamento, e mandou aprestar huma fermosa Galeaça, duas galés, e nove galeotas muito fermosas, e elegeo pera esta jornada a D. Francisco de Menezes, que morreo em Dio, sendo Capitão daquella Fortaleza, o qual começou a correr com o apresto da Armada, e de eleger os Capitães della com o Governador; e tanta pressa se deo, que quando foram vinte dias de Abril foi o Governador deitar esta Armada pela barra fóra, e os Capitães que nella foram sam os seguintes. Pedro Lopes Rebello em huma galé, Diogo de Azambuja em outra, e das galeotas João de Mello de Sampayo, Francisco de Sande, Tristão Gomes Pereira, Ruy de Brito, Francisco Zuzarte, Martim Affonso de Figueiredo, Antonio de Ataíde, Mattheus Paes, e D. João de Maluco, que andava em Goa.

Com esta Armada foi tambem D. Miguel de Castro, filho do bom Viso-Rey D. João de Castro, pera ir entrar na Capitanía de Malaca, de que veio provído do Reyno, e foi embarcado na náo Santa Cruz

com

com mui eſcolhidos ſoldados que pera iſſo buſcou. Agora continuemos com as Armadas que ſam fóra, pera acabarmos com as couſas deſte verão, e ſeja logo Fernão Telles.

O ſucceſſo deſtas Armadas não eſcreve Diogo de Couto.

Partido D. João de Caſtro, como já diſſemos, pera a coſta do Malavar, chegando a Barcelor, ſoube eſtar rebelde a povoação de Gaypor, que era do Rey de Tolar; e querendo-a caſtigar, mandou deſembarcar nella a gente de ſua Armada, na qual deram com tanto impeto que logo a entráram, e matáram mais de cento e ſincoenta peſſoas das que ſe oppuzeram á defensão, e á povoação foi logo poſto fogo em que toda ardeo, e ſe conſumio, e dentro nas caſas mais de vinte mil fardos de arroz, e outras muitas fazendas, e hum pagode de ſua adoração que elles ſentíram muito, e lhe cortáram os palmares, e deſtruíram as fazendas que tinham por fóra, com que aquelle Rey ficou mui bem caſtigado; e paſſando adiante defronte de Mangalor, tomáram os navios de ſua Armada hum paró de Malavares com todo o ſeu recheio, e os Mouros foram mettidos a banco nas galés; e chegando defronte do rio Combia, ſoube eſtarem dentro tres pa-

rós

rós pera ſahirem a roubar; e ſurgindo ſobre aquella barra, mandou pedir áquelle Rei que lhos entregaſſe; e poſto que moſtrou niſſo difficuldade, vendo que os noſſos ſe faziam preſtes pera lhe deſtruirem a povoação, os houve de entregar ſem os Mouros, que ſe mettêram pela terra dentro, e paſſando ao rio de Chalé, entrou dentro com toda a Armada, e mandou deſembarcar na Ilha de Çamori, a qual deſtruíram de todo, e lhe cortáram mais de duas mil palmeiras, e algumas embarcações que ſe acháram, o que foi de grande affronta pera o Çamori, e paſſou a Cóchim, donde mandou a Franciſco de Mello de Sampayo com a ſua galé, e ſeis fuſtas ao Cabo Çamori a recolher as cafilas, o que elle fez com muita preſteza; e tornando-ſe o Capitão mór a continuar na guerra do Malavar contra o Çamori, deſembarcáram na povoação de Paragulem; e ſuppoſto que nella achou grande reſiſtencia, foi abrazada, e aſſolada, e nella huma náo que eſtava á carga pera Méca, e dez navios mais, a cuja defensão acudio o Principe filho herdeiro daquelle Rey, que peleijou com os noſſos valeroſamente; mas no fim da referta foi morto com duzentos Mouros, não deixando de ſe recolher o Capitão mór com alguns feridos; e chegando ao rio Capo-

ca-

caté, vendo eſtar no cabo delle varado hum paró com rigeiras em terra, o mandou tirar; e acudindo muitos Mouros á defensão, travάram com os noſſos huma reſoada batalha tão acceza, que não pudéram elles mais aturar o damno que os noſſos lhes fizeram, porque lhe tinham já mortos trezentos, e ſe retiráram, e o paró foi tirado pera fóra; mas cuſtou todavia a vida a hum, ou dous dos noſſos ſoldados, e o ſangue a muitos; e por lhe darem recado que Alvaro Paes de Sotomayor, Capitão de Cananór, era morto, acudio lá a prover aquella Fortaleza de Capitão, e no caminho tomou huma galeota de Malavares, que foram mettidos á eſpada; e chegando a Monte Dely, tomáram os da ſua Armada duas galeotas, e hum paró de Coſſairos, e mandou queimar a povoação de Nilaqueirão, e com eſtes feitos ſe recolheo a Goa no cabo do verão com huma grande cafila da China, Malaca, e de outras partes.

Deixámos as couſas de Maluco no grande caſtigo que Sancho de Vaſconcellos deo aos do lugar de Atua, e no ſoccorro que o Viſo-Rey D. Antonio de Noronha lhe tinha mandado com as novas que teve da morte de Gonſalo Pereira Marramaque, que foram duas galeotas, huma eſcuſa galé, hum galeão, e huma náo, de que hia

por

por Capitão Antonio de Valladares de Lacerda, e de como as galeotas foram arribar a Ceilão, e a eſcuſa galé ſe foi perder em huma reſtinga de Quedá, e o galeão, e a náo chegáram a Malaca, e dahi na monção ſe partíram por via de Borneo pera Maluco; e antes de partirem de Malaca, chegáram Fernão Ortiz de Tavora, e Pedro Lopes Rabello, que ſe tinham perdido na Macaſſa. Chegou Antonio de Valladares á Fortaleza de Ternate em quinze de Novembro paſſado de mil e quinhentos e ſetenta e quatro, que foi muito feſtejado de todos os daquella Fortaleza pelas grandes neceſſidades em que eſtavam. D. Alvaro de Ataíde, Capitão della, deſpedio logo o galeão a buſcar mantimentos á Fortaleza de Amboino, e a náo em que hia o Valladares lha vendeo a elle pera ir fazer a viagem de Bandá. Pouco depois chegou de Malaca Franciſco de Lima em huma galeota, na qual levava vinte Portuguezes, que foram em Ternate bem recebidos pela falta que havia de gente: o Antonio de Valladares chegando a Malaca, deixou alli muitas roupas, e outras fazendas pera lhe mandarem em hum junco, pera com ellas ir fazer a viagem de Bandá; e quando chegou a galeota de Franciſco de Lima ſem o ſeu junco, de que não ſabia parte, to-

mou disso tanta pena, e paixão que adoeceo, e morreo em poucos dias. Estava nesse tempo no porto de Bandá hum Gonsalo Mendes Pinto fazendo aquellas viagens, que eram de Martim Affonso de Mello Pereira, por contrato que com elle tinha feito; e os Bandarezes, que he gente má, e atraiçoada, tratáram de lhe tomarem a náo, e matállo a elle, e a todos os mais Portuguezes que com elle hiam, e tomarem-lha com as fazendas: disto foi elle avisado, e logo se metteo na náo com todos os Portuguezes, e despedio recado a Amboino a Sancho de Vasconcellos que o soccorresse. Esta traição quizeram os Bandarezes fazer, porque víram ir as cousas daquellas Ilhas de feição, que por mui certo tinham que depressa se acabariam os Portuguezes, e queriam daquella vez ficar tambem aquinhoados com aquella náo, e fazendas. Chegando aquelle recado a Amboino, sabido o risco em que os nossos estavam, e que se aquella náo fosse ter a mãos de inimigos, acabariam de arruinar de todo as cousas daquellas Ilhas, logo com muita pressa se embarcou em sinco corocoras, levando comsigo a galeota, em que tinha ido Francisco de Lima, que lá fora buscar provimentos, e a Frota que havia naquella Fortaleza, em que hia por Capitão João Ra-

bel-

bello, e quiz de caminho destruir o lugar de Tobó, que era do Rey, o qual estava na costa de Benaor, e da ponta daquella terra forçado havia de atravessar a Bandá. Succedeo ter partido de Ternate Cachil Tidore Ogá, irmão de ElRey, em huma corocora muito petrechada pera ir á tomada da náo, que estava em Bandá, por lhe terem os Bandarezes mandado recado, e assim foi correndo a costa de Luzabatá até o lugar de Seirão, donde voltou pera dentro da costa de Benaor, e foi-se metter em huma calheta na mesma praia do lugar de Tobó, que Sancho de Vasconcellos hia castigar; e como chegou alli de noite, deixou-se estar muito seguro. Succedeo ir naquella mesma noite João Rabello Capitão da fusta com outras tres embarcações costeando a terra, pera de madrugada dar no lugar de Tobó, levando diante duas embarcações pequenas, chamadas talhas, pera descubridoras, que houveram vista do Cachil Tidore Ogá; e sem saberem o que era, voltáram a João Rabello, e lhe deram noticia della: pelo que elle mandou aos tres navios se fizessem ao mar, pera que se lhe não acolhesse, e elle foi costeando a terra, e de madrugada houve vista da corocora já postos todos em armas. O Cachil Tidore, logo que sentio aquelle navio, nomeou-

ſe, e perguntou quem era, parecendo-lhe que eram amigos. João Rabello ouvindo-o nomear, levantou a voz em lingua Amboina, e reſpondeo-lhe: *Se vós ſois Cachil Tidore, eu ſou João Rabello.* Já neſte tempo as outras tres embarcações hiam chegando; e vendo-ſe o Cachil cercado, quiz fugir, mas João Rabello o abordou, e chamando-o pelo ſeu nome, lhe diſſe que ſe metteſſe na ſua embarcação, e que nenhum mal lhe faria, o que elle fez, porque ſe vio ſem remedio; e por ſer amigo de João Rabello, que o recebeo bem, e o agazalhou no toldo, convidando-o com conſervas, lhe pedio que ſe não agaſtaſſe, que Sancho de Vaſconcellos era ſeu ſervidor, e amigo, e lhe havia de fazer muitas honras. A eſte tempo chegou Sancho, e João Rabello lhe entregou o Cachil, que elle recebeo muito bem, e o entregou a ſinco ſoldados, pera que o vigiaſſem na propria corocora do Cachil, ſó ſem mais gente ſua, e mandou a João Rabello que foſſe dar no lugar do Tobó com ſetenta Portuguezes, e alguns Tidores; e poſto que na entrada delle houve grande reſiſtencia, todavia foi todo deſtruido, e aſſolado. Neſta revolta tratou o Cachil Tidore de ver ſe podia fugir por eſta maneira. Hia, e vinha á embarcação, em que elle eſtava, hum ſeu eſ-

cra-

cravo, por nome João, com o qual se aconselhou em segredo que se viesse de noite na embarcação pequenina em que hia, e vinha remando ao longo da sua corocora, e que elle se deitaria ao mar com elle. Isto parece que suspeitou hum dos Portuguezes da sua guarda, e disse aos mais que tomassem as armas aos Tidores, porque lhe parecia que se queriam levantar; e em se remeçando a elles, fez o mesmo o Cachil com alguns criados que alli estavam, e começou-se entre elles huma grande revolta, á qual acudíram as nossas embarcações; o que visto pelo Cachil, foi-se lançando ao mar, e passando a nado por huma embarcação, em que estava hum pagem de Sancho de Vasconcellos com huma partazana nas mãos, o qual lhe bradou que se mettesse com elle na embarcação, e senão que o havia de matar; e não fazendo elle caso do que o moço lhe disse, foi nadando por diante, e o rapaz lhe deo por detrás pelas costas com a partazana, e o matou, e assim matáram os seus todos; e de alguns que cativáram, soube Sancho de Vasconcellos que hiam de soccorro a Bandá pera tomarem a náo; e não se querendo deter, se partio logo pera Bandá, e em breves dias chegou aonde a náo estava, com que os nossos se víram livres do peri-

rigo, e receio em que eſtavam: e entre algumas embarcações que alli foram carregar eſtava hum junco muito grande de ElRey de Viantana, que tinha ido com hum Embaixador pera ElRey de Ternate, o qual lhe levava muita artilheria, e munições contra a noſſa Fortaleza, o qual Sancho de Vaſconcellos commetteo pera o tomar; mas eſtavam nelle tantos Mouros que lhe matáram ſinco Portuguezes. Vendo Sancho que não podia render o junco, foi-ſe contra a povoação de Puloaſá junto de Bandá, e a commetteo; e tendo entrado hum forte que tinha os artilheiros da noſſa Armada, vendo andar pela praia alguns Bandarezes, lhe atiráram algumas bombardadas, que era o ſinal que Sancho de Vaſconcellos tinha dado aos que fôram commetter o forte, os quaes em ouvindo a noſſa artilheria, largáram tudo, e ſe foram recolhendo pera a Armada, o que Sancho de Vaſconcellos ſentio em extremo; e porque a gente lhe começava a adoecer daquellas febres de Bandá, que ſam peſtilenciaes, tornou-ſe a embarcar, e a náo de Gonſalo Mendes Pinto, e a de Antonio de Valadares mandou com muita carga de cravo, noz, e maſſa pera Malaca, e eſcreveo áquelle Capitão os trabalhos em que os de Ternate ficavam; e o galeão S. Chriſtovão man-

dou

dou carregado de mantimentos pera Ternate, que lhe foi grande ſoccorro, e remedio.

Deſpedidos eſtes ſoccorros, foi-ſe Sancho de Vaſconcellos pera as Ilhas de Amboino com tenção, ſe lhe foſſe algum ſoccorro de Malaca, ir cercar o lugar de Hiamão, porque ſe hia fazendo muito forte, e poderoſo, e aſſim foi correndo as coſtas daquellas Ilhas, tomando muitas embarcações aos inimigos, e foi por aqui de vagar por eſperar pelos juncos, que haviam de vir de Jaoá; e andando aſſim fazendo toda a guerra que podia, foi aviſado que hum Capitão de ElRey de Ternate hia com huma boa Armada em favor, e ſoccorro dos Amboinos inimigos da noſſa Fortaleza, o qual Capitão ſe chamava Maladão, mancebo esforçado, e atrevido, pelo que foi neceſſario ao Sancho acudir á ſua Fortaleza, por não ſer a Armada que tinha capaz de peleijar com a que elle trazia. O Capitão Maladão vinha tão confiado em ſeu esforço, que não quiz trazer mais de quatro corocoras, e dizia que aquellas lhe baſtavam, e pelos inimigos amedrentarem aos noſſos, lançáram fama que elle trazia maior Armada. O Sancho chegou huma manhã á noſſa Fortaleza, e o Ternate ás duas horas depois do meio dia foi ter á praia

do

do lugar de Rosanive duas leguas da nossa Fortaleza, e logo foi dar vista della. O Sancho tanto que o vio, embarcou-se á pressa nas duas galeotas, e foi demandar o Ternate, o qual em o vendo voltou a proa, e foi-se acolhendo; e entendendo Sancho de Vasconcellos que sería estratagema, tornou a voltar pera a Fortaleza, abicou as galeotas, e se fortificou muito bem, porque entendeo que o Ternate havia de vir com poder sobre elle, e cercou a povoação que havia á roda da Fortaleza com tranqueiras de madeira. O Maladão tanto que vio recolher a Sancho de Vasconcellos, ajuntou dez corocoras, e foi commetter o lugar de Titiray, porque era nosso amigo, e commetteo o forte, em que estava hum soldado Portuguez com alguns Amboinos Christãos, o qual tinha dous berços com que peleijou tão valerosamente que quasi o desbaratou, matando-lhe muita gente, pelo que foi necessario ao Ternate acolher-se fugindo; o que visto pelos Amboinos, lhe sahíram alguns mancebos muito esforçados, e o foram esperar em huns passos estreitos, e difficultosos, onde Maladão, e hum primo seu foram mortos, e os Amboinos lhes tomáram as armas, cortáram as cabeças, e os corpos de todos os mortos comêram depois, por ser seu cos-

tu-

tume comerem todos os que matão na guerra. Eſtas novas ſe leváram a Sancho de Vaſconcellos, que elle feſtejou com grande alegria, por ſe ver aliviado daquelle inimigo.

CAPITULO XXX.

Vai Sancho de Vaſconcellos cercar o lugar de Hiamão, e o que lhe ſuccedeo.

VEndo Sancho de Vaſconcellos a mercê que Deos lhe fizera na morte daquelle Ternate, não deſiſtio da empreza de Hiamão, porque os vizinhos amigos, e confederados lhe pedíram que os deſtruiſſe, porque eſtava já mui poderoſo; e ſe ſe diſſimulaſſe com elle, ſe poderia vir a fazer ſenhor daquelles lugares, e pera aquella jornada lhe offerecêram parte da deſpeza; porque ſe em algum tempo ſe podia fazer aquelle negocio era neſte, em que elles eſtavam quebrantados com a morte de Maladão, em que elles tinham ſua guedelha, e que de Ternate lhe não podia vir tão depreſſa ſoccorro, porque não ſabiam ainda da perda do ſeu Capitão. Foi eſte lugar de Hiamão muito amigo dos Portuguezes, e já nelle houve Igrejas, em que reſidiam Padres da Companhia; e a cauſa de agora eſtarem tão rebellados naſceo do Re-

boan-

boangé, pera que lhe tornasse os que tinha cativos da embarcação de Simão de Abreu, o que elles fizeram, e ficáram daquella obra confederados com os Ternates; mas não de maneira que fizessem mal aos Portuguezes que alli viviam, sómente desmancháram a Igreja, e desta amizade fizeram sabedor a Sancho de Vasconcellos, e que nunca deixáram de serem amigos dos Portuguezes, mas com condição que os defendessem dos Ternates, ao que lhe elle não respondeo. Os Ulates como eram vizinhos deste lugar, e muito amigos dos nossos, receáram que por causa dos Hiamãos, de que não eram amigos, os Ternates os destruissem; pelo que pedíram a Sancho de Vasconcellos hum Capitão Portuguez com alguns soldados pera estarem com elles, e os defenderem, quando lhes fosse necessario, o que elle lhes concedeo, e lhes deo hum Alexandre de Matos, assim por ser homem muito esforçado, como por ter cabedal pera poder sustentar quinze soldados que lhe deo, o qual como se vio naquelle lugar, quiz logo capitanear, e mandou recado aos Hiamãos que negassem a obediencia aos Ternates, senão que os havia de castigar; ao que elles lhe respondêram que assim o fariam, se elle se obrigasse aos defender dos Ternates. Dissimulou o Alexandre

dre de Matos, e convocou a si outros Portuguezes, que estavam espalhados pelas Ilhas vizinhas, que seriam dez, com que fez vinte e sinco, e com sciscentos Amboinos hum dia, sem se temerem os Hiamãos de tal, foi dar nelles, e lhes entráram a povoação, e matáram muita gente, e leváram muita fazenda. Disto fizeram aquelles moradores a Sancho de Vasconcellos varias queixas, sem elle fazer alguma demonstração de amizade; mas antes escrevendo huma carta ao Alexandre de Matos, lhe fez grandes gabos, e lhe deo nella os agradecimentos do que fizera. Disto que os Hiamãos souberam, ficáram tão escandalizados, que logo se confederáram com os Sorocoros, e Buros, e os mettêram no seu lugar, porque entendêram que Alexandre de Matos com a cubiça das prezas que levou, havia de tornar a buscar mais, no que se não enganáram, porque dalli a poucos dias tornáram os nossos sobre elles, e huma madrugada commettêram as tranqueiras; mas os Hiamãos com os que tinham convocados lhes sahíram, e dando nos nossos, lhes matáram logo dous, e os mais desampáráram tudo, e se foram acolhendo apressados, ficando detrás de todos Alexandre de Matos com quatro Portuguezes, com os quaes os Hiamãos apertáram de mo-

modo que os matáram, e o mesmo fizeram ao irmão do Pate de Atuá com dez, ou doze parentes que foram com os nossos. Deste negocio ficáram os Hiamãos inimicissimos dos nossos; e o que foi peior, que os lugares vizinhos, amigos, e confederados da nossa Fortaleza, ficáram cobrando tão grande medo aos Hiamãos, que não havia cousa que os quietasse, e os Ulates estiveram de todo pera largarem o seu lugar, e irem-se pera a Fortaleza, senão fora hum Portuguez casado que alli se achou, que teve mão nelles, e os confortou, e animou, e avisou a Sancho de Vasconcellos, pedindo-lhe os visitasse, e soccorresse, e deo ordem pera se vigiar aquelle lugar, e com oito Portuguezes que ficáram se puzeram em vigias pera se defenderem, em caso que lhes fosse necessario. Os Hiamãos ficáram tão soberbos, que todos os dias hiam ao pé das tranqueiras a fazerem aos nossos grandes algazaras, e grandes affrontas, sem elles ousarem a lhe sahir.

Sancho de Vasconcellos sabendo o caso, mandou hum tio de ElRey de Tidore, chamado D. Henrique, grande cavalleiro, pera que os fosse soccorrer, que he aquelle que foi morto em Malaca em serviço de ElRey de Portugal, como se dirá em seu lugar. Este foi áquelle negocio com huma có-

cópia de gente ; e eſtando na tranqueira com os noſſos , foram os Hiamãos com grandes carrancas commetter os lugares , aos quaes ſahio o D. Henrique com todos os que tinha em ſua companhia , e com tamanho impeto , e força deram nelles que os desbaratáram , ſendo elles mais de dous mil , e os da noſſa parte duzentos e ſincoenta ; e affirmáram os noſſos que alli ſe acháram , que hum Atuá da noſſa parte , chamado Moné , matára por ſua mão mais de vinte e ſinco ; e outro chamado Papuá Caſtanhoré matára mais de trinta , e que eſtes dous homens eram quaſi agigantados ; tão grandes cavalleiros , e de tantas forças , que todos os daquella Ilha os temiam. O Sancho , depois de deſpedir a D. Henrique , ſe fez preſtes , e partio com toda a ſua Armada em ſoccorro dos Ulates ; e tomando a gente que lá eſtava , foi contra o lugar de Amão , e chegando á ſua praia , a todas as ſuas embarcações que achou mandou pôr fogo ; e deſembarcando em terra , ordenou em o lugar que lhe melhor pareceo hum forte com ſuas tranqueiras pera dalli bater os inimigos ; e ſabendo que os Hiamãos tinham feito duas corocoras muito fermoſas , dalli hum quarto de legua pela terra dentro , e marchando por hum tezo aſſima , foi até á parte onde as corocoras

ras eſtavam ainda por acabar; e querendo-lhes pôr o fogo, não pode, porque foi aviſado que os inimigos eſtavam já em ſilada eſperando por elles, como em effeito foi; porque em Sancho de Vaſconcellos voltando pera a praia, lhe ſahíram elles em hum paſſo eſtreito, e João Rabello que hia na dianteira em os vendo gritou a Sancho de Vaſconcellos, que hia na retaguarda, que voltaſſe pera o tezo, o que elle fez, indo-o encaminhando João Rabello, o que foi caſo de todos eſcaparem da morte. Sancho de Vaſconcellos, quando ſe vio em ſima, remetteo a hum eſquadrão de inimigos que o ſeguiam, hum dos quaes endireitou com elle, encarando a eſpingarda no roſto, e lhe diſſe: *Ah Capitão, hoje vos hei de matar*, e no meſmo tempo diſparou a eſpingarda, e quiz Deos que foi o tiro por alto, e com a furia rebentou a coronha de páo da eſpingarda, e foi dar por huma coixa a Sancho de Vaſconcellos, que ſe houve por morto, parecendo-lhe que a haſtilha da coronha era pelouro, e todavia remettendo com o que lhe tirou (que lhe voltou as coſtas) o foi ſeguindo, e o alcançou com huma geneta que o varou, e lhe cortou a cabeça. João Rabello peleijou na dianteira com tanto furor, que quando Sancho lhe acudio, já não tinha folgo, e com ſua chega-

da

da se recolhêram os inimigos; e se elle não viera, perecêra alli João Rabello, e com isto tiveram os nossos tempo de se irem recolhendo pera a praia, levando João Rabello a retaguarda; e chegando ás tranqueiras, descançáram, e todavia Sancho de Vasconcellos determinou de não largar aquella empreza, e commetteo a entrada do lugar por vezes, sem nunca o poder entrar; e insistindo nisso, tornou a commetter as tranqueiras, e as entráram, e o primeiro que se poz em sima foi hum filho do Regedor das Relações, o qual matáram de huma espingardada que lhe deram pela cabeça; e quando cahio estava junto delle hum parente seu por nome Francisco, homem de grandes forças, o qual vendo-o cahir lhe pegou por huma perna pera o lançar ás costas, e o levar, como fez; e indo com elle, lhe tiráram com hum chichorro, com que o varáram, e assim cahio morto debaixo do outro que levava ás costas; e ao cahir lhe ouvíram os nossos chamar tres vezes pelo nome de Jesus, e assim se cumprio huma profecia do Bemaventurado Padre S. Francisco Xavier que o baptizou; e acabando o acto do baptismo, lhe disse, *que vivesse confiado nas misericordias de Deos, que quando acabasse, havia de ser com o nome de Jesus na boca.*

Es-

Estando Sancho de Vasconcellos neste trabalho, lhe chegáram cartas de Ternate do aperto em que aquella Fortaleza estava, em que lhe pediam os soccorresse com mantimentos, porque pereciam de fome, com o que largou tudo, e se foi pera Amboino, onde achou o galeão, de que foi por Capitão Francisco de Lima, a buscar mantimentos, que lhe Sancho de Vasconcellos deo em abastança, e o despedio em breves dias, e elle ordenou a Fortaleza de pedra, e cal com consentimento dos vizinhos, e a mudou hum pouco affastada da velha, porque estava entre dous padrastos; e pera que a obra cresceste todo o dia, assistia nella em pessoa, e nella jantava, e dormia a sésta; e como os Amboinos são malissimos, e atraiçoados, tratáram de o matarem pelo temerem muito; e por verem que muitas vezes ficava só, e tambem porque sabiam que se aquella Fortaleza se acabasse de todo, haviam de ser todos sopeados, pelo que encommendáram este negocio a hum Christão, chamado Costa Arsem, por ser muito atrevido, o qual vendo hum dia a Sancho de Vasconcellos só, remetteo a elle com huma tomása, que he huma arma cruel; e todavia não foi tão prestes, que Sancho de Vasconcellos não tivesse tempo de se levantar com huma adaga

ga na mão, com a qual se abalançou a elle; e lha metteo pelo pescoço, de que lhe cahio aos pés, sem que Sancho de Vasconcellos pudesse suspeitar donde aquella maldade nascêra, antes cuidou que lhe dera a dor, e se fizera amouco, como cada hora nesta gente succede; e vendo os conjurados que lhe escapára daquella, ordenáram de o matarem descubertamente, e a todos os Portuguezes, e fizeram cabeça desta conjuração a Pate de Soya, o qual tambem convocou o Pate Daló seu cunhado, o qual não só se não quiz achar naquelle caso, mas teve modo com que avisou aos Padres da Companhia, e o Padre Jeronymo Rodrigues se embarcou logo a toda a pressa em huma almadia, e foi á Fortaleza nova, onde Sancho de Vasconcellos andava, e o levou comsigo pera a velha, onde lhe descubrio a conjuração, e melhor o Pate Daló, que foi ter alli com elle; e dissimulando Sancho de Vasconcellos o caso, mandou chamar os moradores dos lugares dos Atires, e Tavires, que eram os vizinhos da Fortaleza, e lhes disse que tomassem âs armas, porque era avisado que eram entrados naquella Ilha duzentos Ternates, e juntos com elle foram todos pera a Fortaleza nova, onde os da conjuração estavam lançados em cilada, os quaes tiveram logo re-

bate da ida do Sancho; e todavia ainda os nossos lhe matáram huns poucos, e os conjurados se ausentáram, e Sancho de Vasconcellos dalli em diante ficou tendo mais resguardo em si.

O lugar de Rosanive he o maior de toda aquella Ilha, cuja cabeça era hum Christão, chamado Ruy de Sousa, homem prudente, e o mais rico de todos, o qual imaginou Sancho de Vasconcellos que não podia deixar de ser sabedor daquella traição, e que dera toda a traça pera ella; e com esta suspeita o mandou chamar o mesmo dia que isto succedeo por Antonio Lopes de Rezende, Feitor de Amboino, que era grande seu amigo, e compadre, como tambem o era Sancho de Vasconcellos, e os Padres da Companhia, com quem parece que o Capitão communicou o que queria fazer, escrevêram logo ao Padre Fernão Alvares de Castello-branco, que residia em Rosanive, que logo se fosse pera a Fortaleza, porque importava muito; o que elle fez. O Ruy de Sousa em lhe dando o Feitor o recado do Capitão logo se foi com elle, e levou hum seu filho com elle; Sancho de Vasconcellos o recebeo bem, e lhe fez gazalhados, porque como este homem tinha tantas posses, determinou de o grangear, e fazello da sua parte, que esta foi

a

a tenção com que o mandou chamar. O Ruy de Sousa na prática que teve com o Capitão lhe disse, que os Regedores do lugar de Puta lhe urdíram aquella traição, e que se elle se quizesse satisfazer delles, lhe désse vinte Portuguezes, que com elles, e a gente de seu lugar se obrigava aos destruir a todos; e que lhe affirmava que os outros lugares, que elle suspeitava, não tiveram disso noticia. Os Padres da Companhia que alli estavam, e alguns Portuguezes requerêram ao Capitão que prendesse a Ruy de Sousa, o que o Capitão de nenhum modo queria fazer; mas insistíram tanto todos naquelle negocio que se não pode valer, e bem contra seu gosto lhe mandou lançar huma grande adoba, o que elle sentio tanto, que logo disse que todas as honras que os Portuguezes sempre lhe fizeram, não chegáram todas áquella affronta; e as pessoas de melhor conhecimento aconselháram ao Capitão que o bom sería não o soltarem nunca., porque tinham por sem dúvida que o prendêram innocentemente, e que não fora comprehendido na traição, e que era força que elle tratasse de algum modo de se vingar daquella affronta; e assim como foi mal prezo, assim permittio Deos, que he justo Juiz, que elle fugisse da prizão em que estava, tendo o Capitão conhe-

cido que fizera naquillo injustiça : e por sem dúvida tenho que nunca os Viso-Reys, nem Capitães a fariam , se não foram os induzidores dos males, que sam mais certos que os dos bens; e supposto que neste negocio entrassem Padres da Companhia, de quem se não póde presumir o fizessem por mal, bem poderia ser que fossem mal informados , e só se lhes poderia dar culpa de crerem os mal intencionados , que sempre por respeitos particulares aconselhão, e persuadem o mal. Sancho de Vasconcellos tanto que prendeo a Ruy de Sousa , logo mandou recado aos Rosanives que se queriam que lho soltassem, lhe mandassem sua mulher , e filhos em refens , do que elles zombáram , e respondêram que entre elles não faltavam homens que os pudessem governar, e logo lhe deram em casa ao Ruy de Sousa, e o roubáram de quanto nella tinha. Feito isto , convocáram os lugares vizinhos, e fizeram huma liga contra a nossa Fortaleza , da qual se temeo o Pate Daló; e receando que lhe fossem destruir o lugar, pedio a Sancho de Vasconcellos alguma ajuda contra elles, o qual lhe deo dez Portuguezes , e com elles, e com a sua gente se fortificáram muito bem.

Os conjurados depois que juntáram seu poder se foram ao lugar de Varenulla, onde

de estavam seis juncos de Jáos seus amigos, aos quaes pedíram lhes dessem cem homens pera os ajudarem, com os quaes, e com mais dous mil que elles levavam, partíram dalli por terra pera o lugar de Bagoella, no qual estavam vinte Portuguezes, e por Capitão delles Antonio Vilhegas; e porque souberam que estavam muito fortes, passáram ao lugar de Aló, que sería meia legua da nossa Fortaleza, sem serem sentidos, nem vistos mais que de hum pescador, e com muito silencio commettêram a entrada do lugar, e o entráram. Estava naquelle tempo o Pate Daló jogando o Xadrez com hum Portuguez chamado João de Mello, homem Fidalgo; e sentindo a revolta, levantou-se depressa, e chamou pelos seus, que logo lhe acudíram com armas: os que entráram no lugar seriam menos de vinte, os quaes logo se tornáram a sahir, vendo que eram sentidos: os nossos com os naturaes acudíram ás estancias pera se defenderem, e foi a tempo que os inimigos se hiam recolhendo, nos quaes foram dando, e matáram dous dos principaes, e os mais foram fugindo pera onde os da liga estavam emboscados em hum valle; e como os inimigos entendiam que os Alós haviam de acudir, deixáram algumas pessoas escondidas em huma horta muito fresça

ca com humas casas novas, que estavam ao pé da nossa tranqueira, e as casas dos arrabaldes estavam dalli muito perto; e tanto que os nossos sahíram fóra, que entráram pelos arrabaldes, que eram de casas de palha, deram-lhe os inimigos fogo da parte donde ventava o vento, o qual como era rijo, começou a arder toda a povoação, e com aquella furia saltou nas guaritas do forte, e ardeo tudo, sem o Pate Daló que com os nossos estava querer fugir ao fogo, do qual os nossos Portuguezes se foram recolhendo pera hum terreiro, que estava fóra da povoação, onde estava huma Cruz, no qual o fumo que cubria os ares os affogou, e alli os acháram os inimigos mortos sem final de queimadura, nem nos corpos, nem nos fatos, e foram buscar os mais, pelos quaes fizeram tantas diligencias até que os acháram mettidos em huma cova, em que se escondêram, onde os matáram como ovelhas, e lhes cortáram as cabeças. O pescador, que vio entrar o lugar, foi dar rebate a Sancho de Vasconcellos, o qual juntou vinte Portuguezes, e alguns naturaes da terra, e foi caminhando por terra pera o lugar de Aló, e pelo caminho foi encontrando muita gente da nossa, que hia fugindo pera a Fortaleza, os quaes tornou a levar com-

comsigo, e delles soube a morte dos nossos que sentio em extremo; e chegando ao lugar de Aló, achou os da conjuração, e remettendo a elles, traváram huma boa batalha, em que matáram alguns dos inimigos, e os mais se puzeram em fugida; e deixando-os ir, entrou no lugar, e achou ainda os mortos ao pé da Cruz, e os mandou levar pera a Fortaleza, onde lhes déram sepultura, e achou ainda a artilhería, que não tiveram tempo de a levarem; e porque o filho do Pate Daló acudio alli, Sancho de Vasconcellos o consolou da morte do pai, e lhe entregou a Fortaleza pera a governar.

CAPITULO XXXI.

De como se perdeo o galeão de Belchior Botelho que hia pera Maluco, e onde.

PArtio o galeão, em que hia Belchior Botelho com o soccorro de Maluco, no qual tambem hia Nuno Pereira de Lacerda, que era provído naquella Capitanía de Ternate; e depois que em Malaca se reformou, e partio por via de Borneo, ao diante daquella Ilha, se foi perder nos baixos chamados Solocos, onde encalhou, e logo se metteo a gente no batel, e o dei-

xá-

xáram, que se fizeram diligencia, pudéra mui bem ser, e certo he que facilmente o pudéram tirar; e tanto foi isto certo, que os Borneos acudíram logo a elle, e o acháram inteiro, e lhe tiráram toda a fazenda, e acháram ainda nelle huma Jaoa velha, que hia de Malaca, que foi levada a Borneo, e depois tornou a passar a Malaca, e depois deo relação de toda esta jornada; e da gente do galeão, que se salvou no batel, foram setenta Portuguezes, e por todo o caminho foram accommettidos de muitas embarcações, com quem peleijáram, e sempre lhes matáram alguns companheiros; assim chegáram perdidos com infinitos riscos, e trabalhos ás Ilhas de Celebes, onde os naturaes os agazalháram, e lhes deram de comer: tudo isto fizeram, porque os ajudáram contra huns vizinhos, com quem estavam em guerra, o que elles fizeram, mandando Belchior Botelho trinta companheiros áquelle negocio, ficando com elles dez, por serem outros mortos, e ainda destes nesta jornada matáram aquelles inimigos vinte, e os dez tornáram bem maltratados: estando assim, lhes deram a noticia, que em outro porto ahi perto estava hum galeão nosso, que hia para Maluco, pelo que se foram em busca delle; e vendo que era o galeão S. Christovão,

de

de que era Capitão Francisco de Lima, que, como dissemos atrás, Sancho havia mandado com provimentos a Ternate, os do galeão em os vendo os agazalháram com muita humanidade, e delles souberam sua perdição, e trabalhos: ahi se provêram de algumas cousas, e se partíram pera Ternate, aonde chegáram, e acháram os nossos em tal extremo de fome, que já comiam cevadilhas da terra, e outras cousas perjudiciaes á saude: foram todos agazalhados na Fortaleza com o que traziam. D. Alvaro entregou logo a Fortaleza a Nuno Pereira, e se recolheo pera o galeão S. Christovão pera ir nelle buscar alguns provimentos, por ser aquelle Rey muito seu amigo; o que sabido pelos Ternates, determináram queimar o galeão pera acabarem de pôr os nossos na ultima desesperação, assim pera os obrigar a entregar a Fortaleza, como por não se confederarem com o Rey de Tidore em seu damno.

Assentado isto entre todos, encarregáram deste negocio ao Reboange, e lhe ordenáram tudo o preciso de gente, e munições; mas por se não atreverem a accommetter o galeão, tratáram de o queimar, porque estava junto ao Recife, e surto, onde lhe podiam lançar balsas de fogo, as quaes logo se ordenáram. D. Alvaro de Ataí-

Ataíde estava no galeão com alguns companheiros pera o defenderem. Reboange tanto que teve ordenadas as jangadas, e balsas de fogo, mandou-lhes dar toa, e foi accommetter o galeão. D. Alvaro estava já advertido daquellas máquinas, e tinha ordenado deitar as entenas pela borda fóra por não poderem as jangadas abordallos; e pela poppa vinha o batel com homens de recado, e muitas asteas com estropalhos molhados pera desviarem as jangadas, e se metterem pera o Reboange: foi-se chegando com a enchente da maré; e sendo já perto, deram fogo ás jangadas, que hiam liadas de duas em duas, as quaes começáram a arder com grande brabosidade, e toda a Armada se poz a bater o galeão com grande estrondo, e elle descarregou nella a sua furia: as jangadas quiz Deos que com a maré se foram desviando do galeão, até que remessáram no Recife, sómente duas foram em direitura pela proa do galeão. Hum homem atrevido se lançou ao mar com hum traçado na mão, e chegando assim a nado ás jangadas, lhe cortou as cordas, com que hiam amarradas; então se apartáram, e cada huma foi passando de longo, e foram-se tambem desfazer no Recife: a bateria foi-se continuando; e como a Armada inimiga era muita, des-

destroçou-lhe a artilheria do galeão muitas dellas, e ainda a em que o Reboange hia, pelo que lhe foi forçado recolher-se sem fazer damno algum, e só matáram hum Hespanhol, e feríram dous Portuguezes.

Poucos dias depois disto, estando este galeão já preste pera se partir pera Tidore, e D. Alvaro de Ataíde nelle, levantou-se huma tormenta do Sudueste tão forte, e rija, e os mares se alteráram de feição, que com o trapear do galeão se lhe trincáram todas as amarras, e elle foi á cacea até encalhar no Recife, que era de pedra, onde se desfez, e os nossos, que nelle estavam, se salváram, alguns a nado, e outros nas embarcações, que estavam a bordo, e D. Alvaro de Ataíde escapou milagrosamente, e esse pouco, que tinha tirado da Fortaleza, alli se acabou; e certo, que sam muito pera considerar as cousas deste Fidalgo, que era muito bom homem, porque nenhuma vez se embarcou, que se não perdesse. Vindo de Portugal, foi encalhar nos baixos de Pezo dos banhos, aqui nas Ilhas de Maluco, onde se perdeo duas vezes; e indo pera o Reyno, se tornou a perder nos mesmos baixos de Pezo dos banhos, e se salvou em huma embarcação, que de ambas as vezes fizeram aqui. Todos os tres annos que esteve nesta Forta-

le-

leza teve guerras contínuas, fomes cruéis, trabalhos encapellados, perdições a cada passo, de maneira, que podia dizer, que veio entrar na Fortaleza, não pera enriquecer nella, senão pera padecer todas as miserias da vida, e experimentar os castigos, que Deos nosso Senhor foi dando áquella Fortaleza; porque depois que nella matáram aquelle Rey, sem nunca fazerem justiça a seus filhos, que sempre a requerêram, até que se entregou, o que lhe succedeo no Reyno, que foram sinco annos, tudo o que nella se vio foram desaventuras, e castigos dos Ceos; porque seis, ou sete galeões, que lhe foram com provimentos, todos se perdêram: por lá acabou Gonsalo Pereira Marramaque com huma tão poderosa Armada, sem della escapar huma taboa: por lá morrêram mais de dous mil homens, tanta artilheria, e fazenda, e se passáram tantas miserias, que não he possivel poderem-se contar. Em fim, veio Deos nosso Senhor a fazer justiça, que os nossos Reys não fizeram, do matador, do innocente, como era uso da India, e acabar as crisadas a mãos de Jaós cruelissimos: e póde ser que parte dos castigos de Portugal, e perdições de Africa procedessem daqui; e que os que hoje padecemos na India com a vida destes rebeldes, (cousa que

que nunca se imaginou) tambem daqui viessem; porque Deos nosso Senhor nunca deixou de castigar culpas, e algumas vezes se dissimula, he pera mór damno nosso, como aqui succedeo; porque os castigos que nos deo neste negocio, foram os maiores, que a India até agora padeceo: e praza a elle que não vam mais por diante. Os nossos da Fortaleza com a perda deste galeão ficáram os mais miseraveis homens da vida, em tal estado, que até os seus proprios inimigos se compadeciam delles, porque na terra não tinham donde se valer; do mar, que era soccorro da India, ou de Malaca, hiam-lhes faltando, porque estavam em fim de Novembro, e a monção, em que lhes havia de chegar alguma cousa, era até os quinze, o mais tardar; e já na Fortaleza não havia cousa, de que se pudessem sustentar nem dous dias: de todas as partes miserias, e desconfianças; as armas continuadamente nas mãos, os olhos nos Ceos, donde não viam senão castigos; e em fim, vieram a desconfiar de seu remedio de todo haver-se perdido. O Rey de Ternate era por momentos avisado de todos aquelles males; e parece que lhe disse o diabo, que vinha huma náo com provimentos dahi algumas leguas com calmaria, que tambem era castigo do Ceo,

pe-

pelo que determinou antes de concluir com os nossos, os quaes não queriam mais que salvar as vidas, e tratáram algum concerto com aquelle Rey, que folgou muito de lho mandarem commetter, e lhes mandou dizer, que se lhe entregassem dentro de vinte e quatro horas aquella Fortaleza, lhes daria as vidas a todos, e consentiria que ficassem os que quizessem. Os Padres da Companhia lhes fizeram requerimentos da parte de Deos, que se entregassem, senão que dariam conta a Deos dos damnos que disso succedesse, e dos que apontassem, tomando o inimigo aquella Fortaleza por força ao Rey, com condição de os pôr fóra: dentro nas vinte e quatro horas se resolvêram a entregar a Fortaleza ao Rey, com condição, que lhes daria embarcações pera se passarem a Amboino, e que todas as vezes que ElRey lhe fizesse justiça de quem lhe matára seu pai, a tornaria a entregar. Nestes concertos andou Henrique de Lima, até que veio aos concluir, de que se fizeram autos, papeis assignados por ElRey, e seus irmãos; e logo se foi ElRey pera a porta da Fortaleza, e os de dentro se sahíram della, e ElRey os consolou, e animou; e entrando logo dentro, mandou por hum Tabellião fazer entrega da Fortaleza, e hum auto, no qual se obrigou aquelle

le Rey a tornalla a entregar aos Capitães d'ElRey de Portugal, todas as vezes que lhe fizesse justiça do matador de seu pai, no qual auto se fez inventario da artilheria, que com a Fortaleza recebia: e mandou ElRey accrescentar mais, que elle recebia a artilheria della como olheiro d'ElRey de Portugal, até elle o satisfazer, e que mandaria á India a tratar com o Governador de sua justiça, no qual auto se assignou ElRey com seus irmãos, e Regedores, e assim ficou aquelle Rey de posse daquella Fortaleza, e vimos em tão poucos annos entregar-se esta, e a de Chalé aos inimigos por falta de mantimentos, e não vimos castigar ElRey aos Governadores pelo pouco cuidado que tem de todas, e seus provimentos, porque algumas destas estam em estado, que as não tomam os inimigos, porque não querem, como sam as de Cananor, Bauchor, Mangalor, Honor, que todas estam rotas, e mal providas; e a Deos deixemos isto, vamos continuando com a historia.

Entregue aquelle Rey da miseravel Fortaleza, recolhêram-se os nossos nas casas dos Padres da Companhia, onde ElRey os mandou prover muito bem; e havendo tres dias que isto era passado, quando appareceo huma náo muito fermosa, que hia de Ma-

Malaca com muitos provimentos, a qual vista foi pera todos de mór desconsolação, que a vista da Fortaleza; porque bem entendêram que aquella tardada fora pera seu castigo, e não veio surgir no porto, donde logo teve recado do que era passado. Vinha por Capitão della Leonel de Brito, filho de Mem de Brito, aquelle que D. Antonio de Vasconcellos, senhor de Mafra, filho do Conde de Penella, matou por huns amores que teve com huma parenta sua, no qual caso se não fallou, por dizerem que ElRey D. João mandára a D. Antonio pera Lisboa, temendo-se dos parentes de Mem de Brito, e trazer comsigo muita gente; e algumas vezes a encontrar no caminho por onde hia este Leonel de Brito, e outro seu irmão menino, ambos em huma mula pera a escola. Este Leonel de Brito veio servir á India, onde foi despachado, e vinha com este soccorro; e sabendo elle da entrega da Fortaleza, sentio muito, e teve logo recado d'ElRey, e dos nossos, que podia desembarcar seguramente, como elle fez; e ElRey o recebeo muito bem, e lhe disse, que mandasse desembarcar as fazendas, e as recolhesse, e fizesse sua carga tão livremente, como se aquella Fortaleza fosse d'ElRey de Portugal, cuja era, o que se fez,

e

poz toda em terra em casas, sem lhe bulirem em cousa alguma, só das munições lhe mandou ElRey tomar algumas, que eram pera defeza da Fortaleza, que era do seu Rey. Assim ficou o galeão até o tempo de carregar, e comprou-se o cravo com as fazendas pelo preço ordinario, sem haver alteração; e como foi tempo de partir, se embarcou nelle Belchior Botelho, D. Alvaro de Ataíde, a quem ElRey fez mercê de huma cópia de cravo, e Nuno Pereira de Lacerda, e os mais que quizeram; e despedidos d'ElRey, que teve com elles muitas satisfações, deram á véla pera Amboino, mandando ElRey com elles hum Embaixador seu, pelo qual escrevia a ElRey o que era passado, e lhe pedia justiça de quem lhe matára seu pai, dizendo-lhe, que entre tanto elle teria aquella Fortaleza em guarda, sobre o que lhe escreveo huma carta muito avisada; que eu tinha guardada pera este lugar, e não a achei. Deo esta náo á véla em Junho deste anno de setenta e sinco, em que estámos, e em breves dias foi a Amboino, onde tomou alguns provimentos, e dahi se fez á véla em 15 de Julho contra o parecer de todos, por ser já tarde; e fazendo sua derrota, como Deos nosso Senhor ainda estava irado contra aquellas Ilhas, permittio

que se fosse perder em huns baixos, que se chamam de Tucubeicu, onde encalhá-ram, e os nossos se puzeram em huma Ilha, que ahi estava perto. O Embaixador d'El-Rey de Ternate, que ahi hia, como sabia tudo aquillo muito bem, disse aos nossos, que se não bulissem dalli, que elle os viria buscar em embarcações, e assim em hum balão se passou ás Ilhas de Butre, junto a huma casa, onde negociou embarcações, com que tornou a buscar os perdidos, que se embarcáram com elle, e foram ter a huma casa, onde já tinham ido outra vez perdidos, e aquelle Rey os negociou, e lhes deo hum junco, com que se foram pera Malaca; e assim deixaremos as cousas de Maluco até seu tempo.

CAPITULO XXXII.

Do que neste tempo succedeo na India.

TOrnemos a continuar com as cousas da India, e seja com o Embaixador, que o Governador mandou ao Grão Mogor em companhia do seu, o qual foi em breves dias ter a Cambayete, e visitou o Governador, que ahi deixou o Mogor, como levava no Regimento. Succedeo no mesmo tempo Ruy Pires de Tavora, Capitão de

Dio,

Dio, comprar a hum Mouro Parseo hum cavallo muito fermoso, que diziam que levára o Governador de Cambaya; o qual sabendo do caso, metteo a Christovão do Couto em ferros, e a todos os Portuguezes, que ahi estavam com suas fazendas, e a ellas confiscou-as, e além disso mandou fazer a Christovão do Couto muitas affrontas; e fazendo-o elle a saber ao Capitão de Dio, pedindo-lhe largasse o cavallo pera o resgatar a elle, e a todos, o que logo elle fez, e nem com tudo isto o Governador os quiz largar, antes lhes fez mais affrontas; e posto que lhes tirou os ferros, os não quiz deixar ir pera Goa, o que tudo Christovão do Couto escreveo ao Governador Antonio Moniz Barreto em cartas que eu vi, affirmando que daquillo tudo foram causa os correspondentes da nação, que lá estavam fazendo suas fazendas pera o Reyno, e que assim como elles soffriam infinitas affrontas, que lhe faziam em Cambaya, cuidava o Governador della que tambem elle Christovão do Couto soffria outras tantas.

Chegou atéqui, e daqui não passou.

FIM DA DECADA NONA.

00042724

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 15 June, 2016